UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LAHRA NEVES BATISTA

A INTERNET E SEUS USOS: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DE RIO NEGRINHO (SC) COM RELAÇÃO AO ENSINO REMOTO NA PANDEMIA

CURITIBA

2021

LAHRA NEVES BATISTA

A INTERNET E SEUS USOS: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DE RIO NEGRINHO (SC) COM RELAÇÃO AO USO DA PLATAFORMA DIGITAL NA PANDEMIA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Sociologia.

Orientadora: Professora Drª Ana Luisa Sallas

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Batista, Lahra Neves
A internet e seus usos : percepções de estudantes de ensino médio de uma escola de Rio Negrinho (SC) com relação ao ensino remoto na Pandemia. / Lahra Neves Batista. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado profissional em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientadora : Profª. Drª. Ana Luisa Sallas

1. Sociologia (Ensino médio) – Estudo e ensino – Rio Negrinho (SC). 2. Ensino via Web. 3. Internet na educação. 4. COVID 19 (doença). 5. Pandemias. I. Sallas, Ana Luisa Fayet, 1957-. II. Título.

CDD – 301

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL - 25016016039P6

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de LAHRA **NEVES BATISTA** intitulada: **A INTERNET E SEUS USOS: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DE SANTA CATARINA EM RELAÇÃO AO USO DA PLATAFORMA DIGITAL NA PANDEMIA**, sob orientação da Profa. Dra. ANA LUISA FAYET SALLAS, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 14 de Setembro de 2021.

Assinatura Eletrônica
14/09/2021 18:54:49.0
ANA LUISA FAYET SALLAS
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
14/09/2021 20:21:00.0
ALEXANDRE JERONIMO CORREIA LIMA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ)

Assinatura Eletrônica
14/09/2021 19:36:18.0
LEONARDO CARBONIERI CAMPOY
Avaliador Interno (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 109648
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 109648

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL - 25016016039P8

ATA Nº03

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRA EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

No dia quatorze de setembro de dois mil e vinte e um as 09:00 horas, na sala on-line, remotamente, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda **LAHRA NEVES BATISTA**, intitulada: **A INTERNET E SEUS USOS: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DE SANTA CATARINA EM RELAÇÃO AO USO DA PLATAFORMA DIGITAL NA PANDEMIA**, sob orientação da Profa. Dra. ANA LUISA FAYET SALLAS. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pos-Graduação em SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Parana, foi constituída pelos seguintes Membros: ANA LUISA FAYET SALLAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), ALEXANDRE JERONIMO CORREIA LIMA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), LEONARDO CARBONIERI CAMPOY (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ). A presidencia iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, apos exarados os pareceres dos membros do comite examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado devera ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestra esta condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pos-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidencia deu por encerrada a sessão, da qual eu, ANA LUISA FAYET SALLAS, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora. Observações: A banca sugeriu uma pequena mudança no título: A Internet e seus usos: percepções de estudantes de ensino medio de uma escola de Rio Negrinho (SC) com relação ao Ensino Remoto na Pandemia.

Curitiba, 14 de Setembro de 2021.

Assinatura Eletrônica
14/09/2021 18:54:49.0
ANA LUISA FAYET SALLAS
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
14/09/2021 20:21:00.0
ALEXANDRE JERONIMO CORREIA LIMA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ)

Assinatura Eletrônica
14/09/2021 19:36:18.0
LEONARDO CARBONIERI CAMPOY
Avaliador Interno (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 109648
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 109648

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Maria Alcionete, exemplar no desempenho da sua profissão, professora. A ela com quem aprendi a lecionar e valorizar a educação e suas possibilidades. Sou grata, pela vida e pelo seu exemplo diário, por isso, a você agradeço e dedico este trabalho. Assim como agradeço o apoio e carinho de meu pai e irmãos.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa que permitiu a continuação de minha formação acadêmica. A Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Coordenação do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (Profsocio), meus agradecimentos a estas instituições, pela oportunidade de estar no mestrado. A secretaria do Profsocio/UFPR deixo meus agradecimentos pelo trabalho prestado, e disposição em ajudar sempre que necessário.

Agradeço imensamente minha orientadora Professora Doutora Ana Luisa Sallas pela atenção, paciência, e todo ensinamento proporcionado, tendo conduzido meu trabalho com muita delicadeza, transmitindo segurança e tranquilidade para concluir esta etapa. Assim, estendo meus agradecimentos a todos os professores com quem pude ter aula nestes dois anos, sou grata pelo acolhimento, pela troca, e pela contribuição na minha formação. Agradeço aos professores que aceitaram participar da banca de qualificação e de defesa desta dissertação.

A minha turma de mestrado composta por Lislaine, Eduardo, Maristela, Francisco, Débora, Angélica, Regina, Julio e Gilmar, pessoas especiais sempre dispostas a contribuir, compartilhar experiências e possibilidades de melhorarmos nossas práticas em sala de aula. Foram cafés, trabalhos, seminários, textos, desabafos, risadas, conversas, por isso se tornaram amigos com lugar especial no coração.

Ao diretor da Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega Aloisio Marcelo Pschiski por autorizar a realização da pesquisa junto aos alunos da escola, estendo o agradecimento aos assessores de direção Diego e Ilário que auxiliaram com informações e documentos. Meu especial agradecimento aos alunos da escola, que prontamente responderam ao questionário desta pesquisa, possibilitando ricas

reflexões sobre a educação em tempos de pandemia, e contribuíram significativamente para a realização deste trabalho. Aos professores da escola que me encorajaram a prosseguir em minha formação.

Agradeço a meus tios, tias e primos residentes em Curitiba por me receber em suas casas desde o processo seletivo para o mestrado. Agradeço especialmente a minha prima Barbara, quem me concedeu estadia por um ano em sua residência, e assim pude estar próximo a universidade para acompanhar as aulas.

Quero agradecer ainda aos amigos grandes apoiadores, em especial a Camila Monteiro sempre pronta a me ouvir, e uma das maiores incentivadoras que tive. A meu companheiro Douglas, pelo suporte emocional na reta final desta jornada.

RESUMO

Após identificado a doença decorrente do coronavírus em 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anuncia a entrada de uma pandemia. Para conter o rápido contágio, medidas sanitárias foram adotadas, dentre elas a exigência de distanciamento social. Para cumprir com esta determinação aulas presenciais foram suspensas, do ensino infantil a universidade, no Brasil e no mundo. Conforme dados da Organização das Nações Unidas pela Educação (UNESCO), mais de 70%, dos estudantes matriculados no mundo no mês de abril de 2020, estariam afastados das instituições de ensino regular, um dado histórico. O impacto da pandemia na educação, resultou nesta pesquisa com o propósito de analisar as percepções dos alunos da Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega em relação ao uso da plataforma Google Sala de Aula (*Classroom*) como meio de ensino durante a pandemia. Dentre os objetivos específicos deste trabalho destacam-se: I) discorrer sobre a educação diante da presença da internet na contemporaneidade; II) expor como a pandemia de coronavírus causou mudanças na educação; III) descrever como a pandemia de coronavírus reorganizou o processo de realização das aulas na rede estadual de ensino de Santa Catarina; IV) apontar como se deu a adoção de plataforma digital para realização das aulas na rede estadual de ensino de Santa Catarina; V) explicar como ocorre a organização da Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega em relação ao uso de plataformas digitais no contexto da pandemia. Para cumprir com o propósito fez-se análise documental deste período e a busca junto aos estudantes de suas percepções sobre a experiência e uso da plataforma digital Google Classroom ao longo da pandemia, aplicando questionário com auxílio do *Google Forms.* Foram recebidas duzentas e setenta e uma respostas, que permitiram dimensionar algumas situações decorrentes da pandemia, tais como o impacto do distanciamento da escola como fator gerador de dificuldades na aprendizagem, incertezas causadas em relação ao futuro, desencadeamento de doenças emocionais e os impactos econômicos relacionados a pandemia sentidos pelos estudantes e suas famílias. Do ponto de vista prático essa pesquisa busca condensar as contribuições bibliográficas mais recentes sobre o tema mencionado, bem como apontar as implicações dos usos da internet na contemporaneidade. O olhar para essa temática se fez necessário, pois, cada unidade da federação se organizou de diferentes maneiras para a continuidade das aulas e cumprimento do calendário escolar, assim a implementação do Ensino Remoto não se deu uniformemente. No entanto, a internet foi a opção adotada pela maioria das redes de ensino, e no caso de Santa Catarina o uso da plataforma Google Classroom o único meio de conexão entre professores e estudantes. Nessa perspectiva o cotidiano escolar foi remodelado e o ensino por completo se tornou virtual, feridas históricas da educação brasileira foram expostas, efeitos ainda estão sendo observados tanto no polo do ensino como da aprendizagem. A pandemia, portanto, vai além de uma questão de saúde, virtualizou o ensino, fato que ainda trará consequências pedagógicas, sociais e políticas, tornando-se um importante objeto de estudo, merecedor de análises sob diversas perspectivas, e a Sociologia não deve estar alheia a esse momento.

Palavras-Chave: Pandemia, Internet, Ensino Remoto, Sociologia.

ABSTRACT

After identifying the disease resulting from the coronavirus in 2019, a World Health Organization (WHO) announced the entry of a pandemic. To contain the rapid contagion, sanitary measures were adopted, among them the requirement of social distance. In order to comply with this determination, in-person classes were suspended, from kindergarten to university, in Brazil and worldwide. According to data from the United Nations Educational Organization (UNESCO), more than 70% of students enrolled in the world in April 2020 would be away from regular education institutions, a historical fact. The impact of the pandemic on education resulted in this research with the purpose of analyzing the perceptions of students at Manuel da Nóbrega High School in relation to the use of the Google Classroom platform as a means of teaching during a pandemic. Among the specific objectives of this work, the following stand out: I) talk about education in light of the internet's presence in contemporary times; II) expose how the coronavirus pandemic caused changes in education; III) describe how the coronavirus pandemic reorganized the process of conducting classes in the state education system of Santa Catarina; IV) point out how the adoption of a digital platform for conducting classes in the state education system of Santa Catarina occurred; V) explain how the Manuel da Nóbrega High School is organized in relation to the use of digital platforms in the context of the pandemic. In order to fulfill the purpose, a documentary analysis of this period was carried out and a search among students about their perceptions about the experience and use of the digital platform Google Classroom throughout the pandemic, applying a questionnaire with the help of Google Forms. Two hundred and seventy-one responses were received, which allowed us to scale some situations arising from the pandemic, such as the impact of distancing from school as a factor in learning difficulties, uncertainties about the future, triggering emotional illnesses and the related economic impacts the pandemic experienced by students and their families. From a practical point of view, this research seeks to condense the most recent bibliographic contributions on the mentioned theme, as well as to point out the implications of internet usage in contemporary times. It was necessary to look at this theme, as each unit of the federation was organized in different ways for the continuity of classes and compliance with the school calendar, so the implementation of Remote Learning did not take place uniformly. However, the internet was the option adopted by most educational networks, and in the case of Santa Catarina, the use of the Google Classroom platform was the only means of connection between teachers and students. From this perspective, everyday school life was remodeled and teaching completely became virtual, historical wounds of Brazilian education were exposed, effects are still being observed both in the teaching and learning poles. The pandemic, therefore, goes beyond a health issue, it virtualized education, a fact that will still bring pedagogical, social and political consequences, becoming an important object of study, deserving of analysis from different perspectives, and sociology should not be oblivious to that moment.

Keywords: Pandemic, Internet, Remote Learning, Sociology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados sobre a suspensão das aulas - UNESCO.....19
Tabela 2 - Número de Matrículas por Rede de Ensino.....71
Tabela 3 - Taxas de Rendimento Escolar em Percentual.....72
Tabela 4 - Tabela de Informações fornecidas pela direção Escolar.....73
Tabela 5 - Domicílios com Acesso à Internet 2020.....79
Tabela 6 - Domicílio com Acesso à Internet Por Tipo de Conexão – Por Região (%) 80
Tabela 7 - Domicílio com Acesso à Internet Por Tipo de Conexão – Por Classe (%) 80

LISTA DE ABREVIAÇÕES

OMS – Organização Mundial da Saúde

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

ERE – Ensino Remoto Emergencial

LDB – Lei de Diretrizes de Basa da Educação

PISA – Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EAD – Ensino a Distância

MEC – Ministério da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

SED – Secretaria de Estado da Educação

PROINFO – Programa Nacional de Tecnologia Educacional

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

RESUMO.....**8**
1 INTRODUÇÃO.....**13**
2 CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE.....**19**
1.1 EDUCAÇÃO E PANDEMIA.....37
3 CAPÍTULO 2 - INTERNET E SEUS USOS.....**47**
2.1 INTERNET E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES E EXTREMOS.....53
4 CAPÍTULO 3 – EDUCAÇÃO E INTERNET: O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA PANDEMIA.....**66**
4.1 CAMPO DE PESQUISA E COLETA DE DADOS.....66
4.2 ENSINO REMOTO NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO MANUEL DA NÓBREGA - IDENTIFICAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....71
4.3 SOBRE O ENSINO REMOTO AO LONGO DA PANDEMIA.....77
4.3.1 DO ACESSO E USO DA INTERNET.....77
4.3.2 DAS AULAS, DOS PROFESSORES E DAS AVALIAÇÕES.....83
4.2 ENSINO REMOTO: EXPERIÊNCIA DO APRENDER EM AMBIENTE VIRTUAL. .. ……89
4.2.1PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS.....89
4.2.2 DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM.....95
4.2.3 ESCOLA E SOCIALIZAÇÃO.....98
4.2.4 QUESTÕES EMOCIONAIS E DE SAÚDE.....100
4.2.5 ENSINO REMOTO COMO UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA.....105
4.2.6 ORGANIZAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DAS AULAS.....106
4.3 DA JUVENTUDE E A PANDEMIA.....109
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**116**
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....**121**
7 ANEXOS.....**125**

INTRODUÇÃO

Em 2019 a China informou ao mundo ter identificado em seu território a existência de um vírus causador de problemas respiratórios. Pertencente à família corona, este vírus teria poder de rápido contágio e fortes impactos sob a saúde dos infectados, podendo inclusive levar a óbito. A doença causada pelo chamado coronavírus foi denominada de COVID-19. Logo, se observou o vírus percorrendo a Ásia, atravessando fronteiras, chegando a Europa, e em janeiro de 2020 o primeiro caso da doença é registrado no Brasil. Não tardou para a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmar que o mundo atravessava uma pandemia, medidas deveriam ser adotadas por todos os países para minimizar os impactos da doença, principalmente a perda de vidas, pois, até aquele momento não havia tratamento, tampouco vacina.

Observou-se diversos caminhos seguidos pelos países para o enfrentamento da COVID-19 e seus impactos. O poder de contágio do coronavírus foi fazendo vítimas e desencadeou uma crise sanitária. Os sistemas de saúde mostraram-se, por vezes, insuficientes frente a nova doença, as autoridades foram adotando medidas drásticas visando diminuir o número de infectados, fechando comércio, solicitando isolamento social, e o vírus foi impactando não só a saúde, atingiu também a economia, a produção industrial, a educação, escancarou desigualdades, e colocou governos sob pressão. Uma medida foi uníssona neste contexto, a suspensão das aulas presenciais. Em todo o globo, na medida que o vírus se alastrava, autoridades iam, aos poucos, decretando a suspensão das aulas presenciais da educação infantil a universidade, um marco histórico.

Entende-se ser fundamental analisar a educação formal no contexto pandêmico, pois, é ela um dos pilares para se pensar a retomada das atividades adequando-se a uma nova realidade, agora com a presença da COVID-19. Aliás, o coronavírus desvelou feridas no sistema educacional brasileiro que passaram a esvair com a pandemia, a citar alguns aspectos: a desigualdade, a dificuldade na garantia do acesso à educação, a formação de professores, a infraestrutura, a inexperiência frente ao uso de instrumentos tecnológicos, taxas de abandono escolar e outros.

Nessas circunstâncias, as atividades como mestranda do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) e como professora da rede pública estadual de Santa Catarina foram bruscamente afetadas. Por meio do Decreto número 509 de 17 de março de 2020, o Governador de Santa Catarina Carlos Moisés declarou a suspensão das aulas presenciais em todo o território catarinense, e em todas as modalidades de ensino. Em relação ao restante do país, Santa Catarina teve, por meio deste decreto, as medidas mais drásticas para aquele período. Os professores da rede Estadual de Educação, passaram a ter mais atribuições diante da implantação de aulas em caráter remoto emergencial, além de adequação e reorganização do calendário escolar. O primeiro semestre de aulas na rede pública estadual foi alterado por completo, e apesar de regulamentada as atividades presenciais só retornaram no ano de 2021, em regime parcelado ou denominado Ensino Híbrido, isto é, ocorrendo revezamento dos estudantes agora divididos em grupos.

Com aulas presenciais suspensas, se tornou parte do cotidiano dos professores elaborar os materiais para fomentar a plataforma digital, além da elaboração de materiais para os estudantes sem acesso a internet. Some-se a isso a realização de instrumentos de avaliação para as atividades remotas, acompanhar os estudantes bem como sanar dificuldades, realizar vídeo aulas, repassar a direção escolar os estudantes que não realizam as atividades, participar de encontros virtuais sobre o ambiente virtual organizados pela rede de ensino, além de uma rotina burocrática extenuante. As instituições passaram a considerar o aumento da burocracia como forma a garantir e comprovar a realização das atividades escolares, por conseguinte validar o ano letivo. Assim, cumprir com as obrigações enquanto professora, passou a demandar mais tempo, interferindo no andamento da pesquisa iniciada no programa de mestrado, além disso os efeitos da pandemia demandaram a readequação do projeto iniciado.

Vale ressaltar que Santa Catarina não fez o uso de aulas expositivas por canais de televisão, não construiu aplicativos, ou canais de diálogo permitindo contato com pais e alunos. As aulas remotas foram organizadas pelas escolas conforme suas possibilidades e estrutura, e os materiais encaminhados aos alunos foram elaborados pelos professores. Isso demonstra como os estados da federação tiveram ações destoantes diante da pandemia, remodelando o trabalho de

professores, diretores e demais profissionais da educação. Resultando no descompasso entre as redes estaduais, municipais, federais e particulares, sem mencionar a aprendizagem que terá contrastes ainda mais profundos por conta desse descompasso, certamente ocorrerá o acirramento das desigualdades em relação ao ensino. A consequência latente desse processo são as incertezas e angústias trazidas pela pandemia e por esse desalinho em relação a organização do trabalho docente, some-se a estas questões a troca de ministros da educação acarretando mais dúvidas sobre os caminhos da mesma no presente ano.

Uma medida foi adotada pelas diferentes redes de ensino como possibilidade de manter o andamento do calendário escolar, a educação foi direcionada para ambiente virtual, transformando plataformas e as redes sociais em mecanismos de comunicação, de possíveis caminhos para efetivação e disseminação de atividades escolares bem como utilizadas para a realização das aulas. Com base nisso, uma evidência que já se observava no início da proposta de pesquisa se firma, as relações entre professores e alunos estão cada dia mais atravessadas pela presença da internet e das redes sociais, por esse motivo merecem um olhar atento para seus impactos e usos. A pandemia acelerou esse processo de interferência de plataformas, programas, e uso da internet no percurso formativo, essa entrada ainda encontrava resistências, derrubadas quase que instantaneamente com a chegada das aulas remotas, em resposta as exigências sanitárias devido a pandemia.

Rapidamente as redes de ensino realizaram parcerias com empresas de suporte de rede e internet para dar andamento as aulas, agora em caráter remoto, ocorrendo um investimento estatal para essa tarefa, professores passaram – pela emergência decorrente da pandemia – a fazer uso de aplicativos, redes sociais e demais instrumentos para desempenhar suas funções. Contudo, a experiência de sala de aula, os processos de ensino e da aprendizagem, as relações que ocorriam no ambiente escolar foram postas em suspenso, que impactos, quais consequências e os desafios devem ser razão para investigações e reflexões futuras.

Diante do contexto descrito anteriormente, a ênfase desse trabalho passou a ser a experiência do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Para a realização desta pesquisa foram traçados alguns objetivos, tendo como o principal deles analisar as percepções dos alunos da Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega em relação ao uso da plataforma Google Sala de Aula (*Classroom*) como meio de ensino

durante a pandemia. A partir deste objetivo as tarefas específicas deste trabalho foram: I) discorrer sobre a educação diante da presença da internet na contemporaneidade; II) expor como a pandemia de coronavírus causou mudanças na educação; III) descrever como a pandemia de coronavírus reorganizou o processo de realização das aulas na rede estadual de ensino de Santa Catarina; IV) apontar como se deu a adoção de plataforma digital para realização das aulas na rede estadual de ensino de Santa Catarina; V) explicar como ocorre a organização da Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega em relação ao uso de plataformas digitais no contexto da pandemia; VI) aplicar questionários para obter as percepções dos alunos da Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega em relação ao uso de plataformas digitais. VII) analisar os dados obtidos a partir dos questionários aplicados com os alunos da Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega em relação ao uso de plataformas digitais ao longo da pandemia.

O espaço escolar é o ambiente que deve prezar pela convivência, pelo aprendizado, e pela presença da diversidade, mas as relações presentes neste espaço não são sempre pacíficas, justas ou correspondem as expectativas de quem ali está. No Brasil a educação formal, materializada na escola, é um fenômeno multidimensional, e repleto de questões ainda carentes de respostas. Atualmente vários debates gravitam o espaço escolar, a qualidade dos processos, os sistemas de avaliação, as desigualdades, a inserção de tecnologia na relação com a aprendizagem, dentre outras questões. Recentemente estas questões têm sido inflamadas pelo momento particular mundialmente vivenciado, ou seja, a pandemia, resultante da Covid-19 e a suspensão das aulas presenciais, decorrente desse contexto. Este fato esvaziou a escola, a convivência proporcionada por ela, foi interrompida e as relações passaram a acontecer atravessadas e mediadas pela internet, por computadores, celulares e demais artefatos. É preciso considerar ainda a parcela de estudantes sem acesso à internet, que se encontram com dificuldades e/ou excluídos do contexto escolar. Estas são algumas razões a validar a proposta de pesquisa aqui apresentada.

A chegada da pandemia impactou as atividades de mestranda e de professora da rede pública do estado de Santa Catarina. E este momento impulsionou o olhar sobre a educação e o processo de virtualização do ensino. Pois, entende-se que na

condição de professora estando a par deste momento e como pesquisadora ascende a possibilidade de uma análise sobre os impactos da pandemia na educação. O momento atravessado pela educação no ano de 2020 deixou marcas naqueles que o vivenciaram, poder registrar esse processo é uma das possibilidades desta pesquisa.

Ainda procura-se contribuir para com a compreensão das questões contemporâneas, buscando no uso da internet e seus derivados, entender como estes afetam as relações sociais atualmente. Porém, o foco do trabalho passou a ser as plataformas digitais e seus impactos na educação ao longo da pandemia, e observar o Ensino Remoto Emergencial no estado de Santa Catarina. Entendendo de antemão que esse momento deixará consequências no ensino, na aprendizagem, sentidas agora e a serem observadas futuramente. Por ora, criar e organizar informações sobre este momento entende-se ser relevante, pode possibilitar e contribuir com reflexões futuras sobre essa experiência ímpar.

Do ponto de vista prático essa pesquisa busca condensar as contribuições bibliográficas mais recentes sobre o tema mencionado, bem como apontar as implicações dos usos da internet na contemporaneidade. Podendo, por meio desta pesquisa, refletir sobre as relações que perpassam os espaços virtuais e como estas relações interferem no cotidiano, destarte as reflexões advindas deste trabalho possam somar para o debate sobre educação, compreendendo esta como mediadora de relações sociais, e que neste ano, teve suas funções reestabelecidas. Ademais, a pandemia no caso de Santa Catarina atingiu todos os 295 municípios do estado, fazendo o processo de ensino, bem como, da aprendizagem passarem a ser realizados pela internet. Com o agravamento da pandemia ocorreu a virtualização das aulas da educação infantil a pós-graduação, a experiência desse contexto requer novos olhares e contribuições sobre a relação professor-aluno, os impactos da internet sobre esta relação, além de possibilitar a reflexão sobre a importância da escola enquanto instituição, e como espaço de socialização.

Com intuito de responder aos desafios impostos pela pandemia e como a educação e a escola foram impactadas por esse momento é que se desenvolveu esse trabalho. Assim, encontra-se dividido, inicialmente procurou-se compreender alguns aspectos que compõe a educação na contemporaneidade (Capítulo 1), em

seguida foi realizada a descrição de como a internet e seus recursos passaram a fazer parte do cotidiano e chegou aos espaços escolares (Capítulo 2), e por fim como se deu a experiência do Ensino Remoto a luz das percepções de alunos de Ensino Médio (Capítulo 3). Esta é a divisão e composição deste trabalho, além dos capítulos ainda consta considerações finais sobre o tema pesquisa e os anexos com o questionário aplicado e demais informações.

CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Em 2020 casos de contaminação pelo coronavírus, e sua rápida disseminação colocou o mundo diante de uma pandemia, instaurando uma crise sanitária. E esta crise foi atravessando diversos setores, a educação não pode esquivar-se desse momento. Como medida de prevenção a disseminação do vírus as aulas presenciais foram suspensas na maioria dos países, da universidade a primeira infância as aulas passaram a ser readequadas frente a situação pandêmica.

Conforme a Organização das Nações Unidas pela Educação – UNESCO em torno de 70% dos estudantes de todo mundo tiveram suas aulas presenciais suspensas, um dado histórico. O coronavírus impactou todos os sistemas de educação que rapidamente tiveram de se posicionar e readaptar suas atividades para oferecer respostas frente a urgência exigida pela pandemia. A UNESCO disponibilizou em sua página dados sobre a suspensão das aulas em todo o mundo, conforme os países adotavam medidas de distanciamento social. Abaixo apresenta-se uma tabela condensando estes dados, e possibilitando a visualização do impacto na pandemia na realização de atividades educacionais.

Tabela 1 - Dados sobre a suspensão das aulas - UNESCO

Mês Situação	Fevereiro 16/02	Março 16/03	Abril 16/04	Maio 16/05	Junho 16/06
Estudantes Afetados	999,014	770,882,424	1,576,873,546	1,218,486,850	1,083,997,781
Percentual de Estudantes Matriculados Afetados	0,1%	44%	90,1%	69,6%	61,9%
Países com Fechamento Total das Escolas	1	110	190	159	116

Tabela elaborada pela autora[1]

1 Dados disponíveis no site da UNESCO – Gráfico Impacto da Covid-19 na Educação – jul/2020 https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse

A tabela acima fez um recorte histórico partindo do primeiro dado disponibilizado pela UNESCO em sua página na internet que data de dezesseis de fevereiro de 2020, na sequência observa-se como as aulas foram suspensas na medida que o coronavírus passa a fazer parte da realidade de vários países. O ponto crítico se dá no mês de abril quando 190 países declararam fechamento total das escolas, impactando em média 90% dos estudantes matriculados, é um dado histórico.

Na sequência é possível acompanhar a queda do percentual de países com fechamento total das escolas, isto deve-se ao fato de na medida que a contaminação pelo coronavírus vai se estabilizando ou até mesmo reduzindo, muitos países retomam as aulas presenciais. A volta as atividades presenciais exigiram de todos os países adequações nas escolas, estabeleceram protocolos na tentativa de evitar possíveis contaminações no retorno de professores e estudantes, ou seja, as aulas foram impactadas antes, durante e pós pandemia.

Alguns países ao retornar as aulas presenciais perceberam uma onda de contágios nas escolas e voltaram a suspender as atividades, este foi o caso da França, e após nova organização e regulamentação retomou as aulas no mês de junho de 2020, por isto o retorno as aulas presenciais não se coloca como uma tarefa simples, exige mudanças na estrutura das escolas, reformulação das práticas pedagógicas, além da avaliação sobre os impactos da pandemia na saúde (física e psicológica) de profissionais e estudantes.

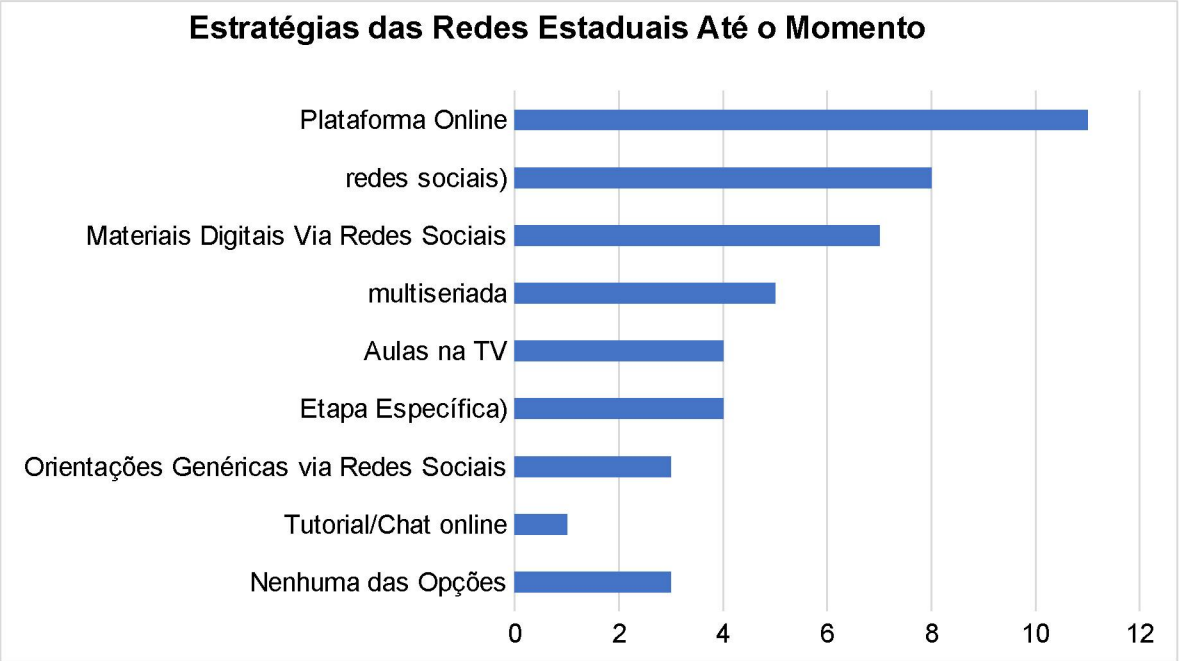
No Brasil estima-se 52,898,349 milhões de estudantes das redes pública e privada estiveram com aulas presenciais suspensas, segundo os dados da UNESCO. A suspensão das aulas no país ocorreu conforme os casos de coronavírus passaram a ser computados e verificado o agravamento do contágio. Cada estado e município foi suspendendo as aulas com base no número de casos divulgados de coronavírus em sua região, o mês de abril marcou a suspensão em todo o território nacional. A dispensa das atividades presenciais não foi feita conjuntamente, desta forma a educação no Brasil possui neste momento realidades diversas. Assim, também foram diversas as ações adotadas por estados e municípios para dar continuidade ao calendário escolar.

A alternativa adotada pelas redes de ensino foi pelo caminho da virtualização, adotando a alcunha de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Algumas escolas e

redes privadas de ensino já faziam uso de plataformas virtuais e logo iniciaram a aulas por meio destas. As redes estaduais adotaram outras medidas estabelecendo parcerias com emissoras de televisão, de rádio, e com plataformas digitais, os municípios, por sua vez, de forma mais lenta aos poucos foram readequando as atividades.

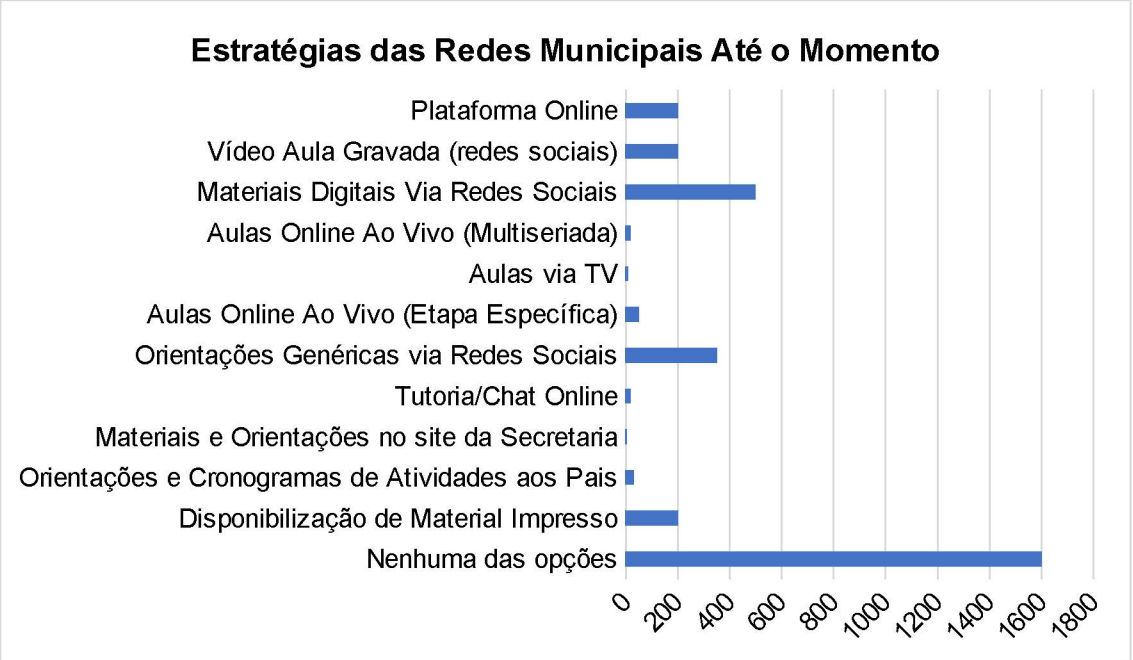
No Brasil as aulas tiveram continuidade e foram ofertadas em caráter remoto para a rede pública, porém, para iniciar esta oferta muitos problemas históricos do sistema educacional brasileiro passaram a ser escancarados com o contexto pandêmico. Primeiramente verificou-se o pouco acesso à internet por parte dos estudantes, a dificuldade de adequação dos professores para o preparo de materiais para estas atividades e manuseio das plataformas, dentre outras questões.

A Organização não governamental – ONG - Todos Pela Educação no mês de abril de 2020 lançou uma nota técnica, com a intenção de ser utilizada para auxiliar as redes de ensino na organização das ações e atividades remotas. Com base nesta nota técnica foram adotadas as seguintes estratégias pelas redes de ensino:



Os dados acima demonstram as diferentes ações adotadas pelos estados, combinando estratégias para poder fazer o contato escola e estudante. E ainda há estados sem realizar aulas naquele momento. Cabe a observação de esta nota

técnica ter sido publicada em abril de 2020 período em que o país começou a ver o quadro de casos de coronavírus aumentar. No caso dos municípios segue informações também retiradas da nota técnica da ONG Todos Pela Educação:



Verifica-se diferentes situações ao analisar os dois gráficos, o primeiro das redes estaduais demonstra um uso das plataformas digitais como estratégias para as aulas em caráter remoto. Já o gráfico representando os municípios deixa evidente a dificuldade destas redes em se adaptar a situação imposta pela pandemia. Portanto, analisar a educação no Brasil neste momento torna-se um desafio, por isto, aqui pretende-se pautar estratégias adotadas para a educação e sua realização em caráter remoto, mas também, trazer um debate que já vinha ocorrendo sobre os processos educativos, a presença da internet, das redes sociais, e do papel do professor na atualidade. A pandemia acelerou as questões sobre estes impactos e da necessidade de se refletir sobre o ensino, a aprendizagem e sobre quem está envolvido nesses processos.

Uma contribuição sobre a relação existente entre escola e tecnologia está no trabalho de Paula Sibilia (2012), a autora procura refletir sobre aparatos tecnológicos tão sedutores e cada vez mais presentes no cotidiano, e em como a escola responde a presença destes aparatos. Que subjetividades a escola pretende formar frente a este novo contexto, é uma das questões levantadas no trabalho da autora.

Para responder ao questionamento, ela discorre sobre a história da instituição escolar, para encontrar fatores que possibilitem compreender a chamada crise da escola, e consequentemente do papel do professor, bem como, subsídios para construir respostas a esta crise. Conforme a autora, a escola como parte do projeto moderno, encontra-se diante de seu maior desafio, resistir as investidas de substituição de seu *modos operandi* por programas, plataformas, e demais serviços virtuais que passaram a concorrer com a escola e com o professor, e essa disputa, tem posto a relevância da instituição a prova. (SIBILIA, 2012)

Esta noção de crise da escola deve ser analisada como um paradoxo, grandes conquistas no que diz respeito a garantia de acesso, taxas de escolarização são fruto do século XX, ao passo que é neste imbróglio que ascende uma sensação de desencanto com o desempenho da escola enquanto instituição, e de uma frustação por parte dos professores em relação a profissão, tais temas entram na pauta de debate com a chegada do século XXI. A escola era apontada por muitos como a saída para os desafios da sociedade, e por outros, como integrante das incertezas da sociedade. Para compreender esta crise enfrentada pela escola é necessário olhar para três eixos: a forma, a organização e as mudanças institucionais. (CANÁRIO, 2006)

A escola tem uma forma alicerçada no agir para ensinar soluções por meio do conhecimento, e assim, compreende os estudantes como esvaziados de conhecimentos prévios, “tábulas rasas”. A organização se dá por meio de uma estrutura hierarquicamente construída com objetivo de a luz da regra, modelar os indivíduos. Por fim a escola enfrentou mudanças institucionais, ela já aspirou certezas, foi a instituição incumbida de preparar indivíduos para o trabalho no início do século XX, a partir dos anos 1950 passou a ser a instituição das promessas, ou seja, responsável por entregar cidadãos conscientes e atuantes no meio em que vivem. E com a virada para o século XXI, tornou-se a instituição das incertezas. (CANÁRIO, 2006)

Após a Segunda Guerra Mundial o capitalismo ganha novos contornos, o consumo passa a ser o carro chefe, o trabalhador precisa ser flexível e ter uma ótima performance, *marketing* e publicidade são parte do mercado, adentra-se na era do empreendedorismo. Paralelo a estes processos, está o surgimento da internet, da conexão e das redes.

Este momento traz mudanças e levanta questionamentos, tanto sobre a escola como sobre o papel do professor. Exigindo de forma recorrente a atualização da escola aos novos parâmetros sociais, sistemas eletrônicos de seguranças, informatização da burocracia escolar, salas informatizadas, distribuição de tablets e notebooks tornam-se parte de programas de governo de estados e municípios, disciplinas como empreendedorismo são aprovadas e absorvidas nos currículos escolares. Apesar de visíveis as mudanças e da internet passando a fazer parte do cotidiano, abre-se uma série de questionamentos sobre a forma de atuar da instituição escolar, principalmente, na relação professor-aluno e das regras da escola, que ainda não teriam sido atualizadas. (SIBILIA,2012)

A Escola foi pensada como um empreendimento da era moderna, para atender as necessidades da industrialização pungente daquele período. Aos poucos ganhou espaço, influência e legitimidade. A industrialização exigia um arquétipo comportamental, o qual foi inserido na rotina escolar. O controle do tempo, a coerção sobre os corpos, a disciplina, detalhada por Foucault (2012). Esta moldura dada pela escola atendia valores que estavam acima dela, expunha a criança e o jovem a uma rígida estrutura, moralizava o comportamento e ofertava determinados conhecimentos que antes não eram acessíveis as camadas mais pobres, por consequência desse contexto, surge na Europa os sistemas nacionais de educação, ainda no século XIX.

A modernidade, como já exposto, exigia um ser disciplinado, consequentemente formou um indivíduo calado, introspectivo. O século XXI por sua vez, exige um indivíduo singular, flexível, criativo preparado para se refazer a todo momento, isto é, um indivíduo pronto para empreender. De uma subjetividade subjugada, de desejos e sentimentos reprimidos, passou a ser exigido dos indivíduos, a exposição e demonstração de desempenho. Os aparatos tecnológicos têm ligação com essas mudanças na subjetividade no século XXI, são esses instrumentos cujo funcionamento veloz e de constante mudança, envolve os indivíduos, os coloca na rede e possibilita participar deste momento do desempenho e da imagem. O jovem ou a criança nascida no século XXI, exposta a imagem desde o ultrassom, vai passar boa parte de sua vida frequentando a escola que ainda funciona no modo analógico, este é o grande choque, diariamente observado e vivenciado por professores e alunos. (SIBILIA, 2012).

Parece ocorrer um certo desencaixe entre a realidade e o funcionamento da escola. Giddens (1991) ao mencionar as transformações em relação a noção de tempo e espaço, utilizou o termo desencaixe para pensar a entrada do século XXI. Conforme o autor "Por desencaixe me refiro ao 'deslocamento' das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço." (GIDDENS, 1991, 31)

Giddens (1991), afirma a radicalização das consequências da modernidade está ocorrendo, ou seja, o período de estabelecimento dos valores e da edificação da modernidade já passou, agora, com certo assombro, acompanhe-se as consequências desta era. As relações podem ser estabelecidas sem a necessidade da presença, resultando na sensação acompanhar o desenvolvimento de uma nova ossatura social, tal processo foi denominado pelo autor de desencaixe, uma marca da atualidade.

Por esse caminho, argumenta Giddens (1991), o desencaixe é fruto da relação entre industrialismo, capitalismo e desenvolvimento tecnológico, a conjunção destes fatores possibilitou a formação de um ambiente não mais de ligação direta com a natureza, mas no distanciamento dela. Esse ambiente criado por sistemas peritos (com base na técnica), permitindo inclusive, o controle sobre esses, reformula as noções de tempo e espaço, e como se organiza as relações nesse contexto. Atributos como: técnica, controle do espaço e do tempo são próprios das instituições modernas. A sociedade tem funcionado deixando de exigir a presença dos indivíduos, então, a confiança, passa a ser primordial e o elo entre os indivíduos.

Nessa perspectiva a escola foi organizada e tem a função de ser o local onde são trabalhados temas ligados a diferentes áreas do conhecimento, permitindo a crianças e jovens possam se habituar ao conhecimento técnico que fará parte da vida social. Mas os sistemas peritos, apesar da técnica, podem apresentar falhas assim quebrando as relações de confiança, este é um risco assumido pelas instituições modernas, risco este que pode causar incertezas e ansiedades. Ao quebrar a confiança em um sistema perito, o indivíduo passa a questionar aquela estrutura, por isso, Giddens (1991) afirma, ser a reflexividade outra marca deste momento.

Os indivíduos formados aos moldes modernos têm clareza sobre as normas sob as quais estão submetidos, este consenso sobre a moral e as regras permitia a

escola promover a disciplina com aval social. Este modelo também permitia identificar as condutas desviantes e a elas aplicar punições. Desta forma fundou-se nos indivíduos a supressão de seus desejos afim de praticar e incorporar a lei vigente. Tendo neste contexto a devida separação entre espaço público como o espaço da vigência da norma organizada e aplicada institucionalmente, passa a se diferenciar do funcionamento do espaço privado. O século XXI carregado de transformações, borrou esta separação, descortinou os traumas causados pela disciplina e instaurou novas bases para a construção das subjetividades. (SIBILIA, 2012)

Outro aspecto muito debatido e colocado em perspectiva com a contemporaneidade, é a cultura letrada, a escola é a guardiã desta cultura. Com a presença dos meios de comunicação de massa e da internet passou a fazer parte do cotidiano a presença da imagem frente a escrita. Guy Debord (1997) já alertava para esse processo afirmando a substituição do diálogo diante da sociedade do espetáculo. Este fato vai atravessar não só as nossas relações sociais, mas também a instituição escolar. Pautada na concepção do letramento e na inculcação de conteúdos a escola passa a ter esse itinerário formativo questionado, e os professores têm seu trabalho posto à prova, inclusive pelos alunos. Muitos passam a encarar a escola como algo cansativo e desconexo da sua realidade, pouco atraente, e este processo faz da escola um local desinteressante. As escolas e professores bem quistas são aquelas a ofertar aulas "leves" com a presença de imagens, vídeos transformando o momento da aprendizagem em algo divertido, seguindo o padrão dos programas televisivos, por exemplo.

Diante desta lógica, crianças e adolescentes são banhadas pelo excesso da imagem, e da linguagem fragmentada, não possuem o tempo de absorção, reflexão e de fixação da informação/conteúdo. Antes, a escola percorria um caminho planejado do início ao fim, com objetivo traçado, os resultados medidos e corrigidos, nesse caminho o guia era o professor. Quando essa lógica é posta em questão, esse funcionamento vai ganhando variadas interrupções, alternativas, e passa a ser permeado pela incerteza sobre o trabalho realizado. (SIBILIA, 2012)

Neste percurso verifica-se a presença marcante da opinião frente ao conhecimento. Este processo reflete-se na sala de aula, onde a atenção não é mais fixa, ela facilmente dispersa pelo que apresenta o professor e pelas distrações

presentes no cotidiano do aluno. A criança e adolescente contemporâneo – diferente de seus pais – não se comportam como expectador receptor, ele é um usuário daquilo que lhe é oferecido, ele é um ser fluído, a transitar pelas possibilidades ofertadas pelos meios de comunicação.

A escola atua alicerçada na atenção a quem fala e na memória do que está sendo dito, porém, os estímulos a hiperconexão a qual estamos expostos, forma uma subjetividade repleta de imagens e informações desconexas que não há tempo para a memória ou relação entre o que se vê, ouve e assiste. Ocorrendo um desencaixe entre os propósitos da escola e o modo de vida contemporâneo. A subjetividade não passa mais pela memorização e sim pela fluidez, pelo *zapping*. O aluno, hoje, está saturado de informação e mergulhado no mundo da imagem, e sua sensação é de esgotamento pelo excesso, e não da opressão, assim o recurso do aluno é desligar, quando algo não lhe confere mais prazer. "Portanto, não se trata de verter todas as energias na tentativa de bloqueá-lo ou isolar-se, mas de tentar algo muito mais complicado e interessante: conceber modos de se subjetivar, pensar e dialogar nessas condições." (SIBILIA, 2012, p. 92)

Nessa toada Han (2018) debate como os autores responsabilizaram a modernidade por ser produtora de uma sociedade de massa, esta tem presença e potência. Pois, a massa pode colocar em xeque a soberania e a organização social. Sendo assim, a massa possui corpo e tem "espírito". Afirma Han, estarmos diante de um novo momento não mais de massa, mas do enxame digital, este não tem corpo ou espírito, é a união de indivíduos. Enquanto a massa se organiza em torno do nó, o enxame se reúne na defesa do eu, não forma uma voz consoante em prol de coletivo. Nessa perspectiva o homem pertencente a massa, tinha sua vida privada sobreposta a massa, o indivíduo do enxame pede atenção no meio de vários. Para o autor, o homem da massa parte do pressuposto da associação para sentir-se parte da massa. Aquele pertencente ao espaço virtual, comporta-se como um *Hikikomori*[2]*, ou seja,* é um indivíduo isolado que se manifesta no espaço virtual e desta forma sente-se como parte de algo.

O homem das massas ao se integrar associando-se, decide por agir e caminha naquele objetivo. O homem do enxame virtual não cria essa caminhada, ação se dissolve na efemeridade da rede. Esse ser singularizado, não permite uma

2 Expressão japonesa para a síndrome dos indivíduos com dificuldade de convívio social

análise de classes, pois, o enxame não forma classe, não forma o coletivo. Se observa seres atomizados, consumidores, trabalhadores, empreendedores todos reunidos em um ser, é um momento de reconhecer que deixou de existir uma força controladora a extrair a individualidade, o movimento está centrado no indivíduo, ele é explorado e explorador concomitantemente, é a autoexploração.

A mídia virtual mudou a dinâmica da informação, ao passo que rádio e televisão necessitam de interlocutores e fazem da informação um caminho unilateral, a mídia virtual por sua vez, nos coloca na posição de receptor da informação e de produtor ao mesmo tempo. (HAN, 2018).

Não foi somente a linguagem escrita e falada a ser alterada pelo espaço virtual, as outras formas de comunicação o gesto, o olhar, o tocar também o foram. A estrutura das redes voltada para a imagem e pela presença, produz imagens que se repetem, é como o espelho, olho e vejo a mim. O surgimento do *touchscreen* faz transcorrer na tela rostos, que são rapidamente descartados ou trocados. A possibilidade de *curtir* fervorosamente faz surgir a sensação de estarmos envoltos pela positividade, e ansiamos as curtidas. Quando a tela reflete a sequência de imagens e rostos que se repetem o se assemelham, a liberdade da exposição, e a exposição excessiva, furta a possibilidade de olhar atento. Essa demasia da imagem, que por vezes distorce a realidade, por meio de filtros e uso da técnica (luz e sombra) faz surgir um imaginário de uma situação real. Sobre esse ponto, Han (2018) menciona a síndrome de Paris, os japoneses são exímios fotógrafos e utilizam dos recursos das máquinas para realizarem boas fotos, assim criaram uma cidade de Paris quase imaginária, por meio da imagem. Este imaginário, causa assombro e arrependimentos aqueles que visitam a cidade e não se deparam com a imagem idealizada, frustrando o turista japonês.

A mídia digital exige outros movimentos para o não cessar de seu fluxo, alterando nossa relação com o mundo. O uso da mão, sempre esteve ligado a atividade de fazer algo, de cultivar, este movimento foi transformado, até mesmo deteriorado com o surgimento das mídias digitais. Esse processo todo descrito pelo autor revela como temos sido direcionados a outro espaço que não mais o terreno.

A produção do conhecimento passa por processo parecido, saber de algo exige reflexão e uma ligação com o mundo material para podermos observar, analisar e compreender. Para o conhecimento exige-se tempo para cumprir com

essas etapas, segundo Han (2018), passível de comparação com o processo da agricultura, a exigência do tempo, do cultivo, para obter o que se espera. O espaço virtual oferece muita informação das quais poucas são possíveis de serem lidas e dada a devida atenção, assim vive-se repleto de informações sobre todos os assuntos, mas de poucas reflexões aprofundadas sobre um tema. A imersão nas informações exige transparência, afirma Han (2018), pois todos devem ter acesso a elas, deve-se divulgar, deve se expor, interferindo na lógica do poder que anteriormente tendia a escamotear as informações para se manter em sua posição. A transparência é fundamental para quem vive da informação, o saber operar em outra lógica, ele exige tempo, reflexão, relação. Desta forma, vive-se sob a égide da informação, rápida, disponível e excessiva, sendo demasiada não há tempo suficiente para acompanhar toda a produção de imagens e textos disponíveis.

Walter Benjamin (2014) analisava como os meios de comunicação possibilitaram, através do uso da técnica, a reprodução. Dada essa observação, afirma ele, as produções artísticas perderam a aura. Cada obra de arte possui um valor que ao ser colocada em exposição permite não só a apreciação da produção, mas desperta nossos sentidos e ao estar diante de uma obra o momento é único e é memorizado. Desde a revolução industrial e produção em escala, produz e reproduz diferentes objetos, as obras de arte, as imagens, os vídeos, as informações também passam por este processo. A reprodutibilidade lançada pela técnica inebria o cotidiano, permite, pelos meios de comunicação a presença da fotografia, do cinema, da música e outros.

Quanto mais se reproduz algo, diminui a sensibilização que aquele objeto ou obra poderia nos causar, essa é a perca da aura descrita pelo autor. Ao se utilizar da técnica para reproduzir, monta-se um produto e planeja-se a sensação a ser transmitida por essa obra. Assim, a reprodução permite acesso a arte, cinema, informação, música, porém ela minimiza a experiência de estar diante de uma obra de fato. Conforme coloca Benjamin, diminui o valor de culto (experiência de apreciar e estar diante de uma obra) aumenta o valor de exposição (possibilidade de reprodução).

Por diferentes razões ocorre a reprodução de algo, por isso, os meios de comunicação e a produção artística a partir do século XX servem como instrumento de poder, ao reproduzir determinadas imagens, informações, vídeos. Pois, podem

servir a fins políticos, propõe o autor a necessidade de politização da arte, permitindo a sua produção e reprodução com fins de demonstrar o que ocorre na realidade, levantar questionamentos sobre o momento vivido, ou seja, deve-se ocorrer a politização da arte tornando-a crítica.

Walter Benjamin descreveu a chegada do filme como o momento de perca da contemplação, e do choque pela imagem. Essa definição parece anacrônica para a compreensão das mídias digitais, elas por conterem excesso de imagem, deixaram de causar choque, e passaram a causar cansaço. A enxurrada de informação e imagens que se está submetido e a lógica de funcionamento dos aparelhos, celulares por exemplo, nos tiram a possibilidade de resistência a algo, ou sua repulsa total, o excesso traz consequência distintas, como a fadiga de visualizar mais do mesmo, é o que afirma Han (2018). Para o autor coreano estamos envoltos e embriagados por imagens e vídeos com características parecidas. As mídias digitais estariam em um processo inverso ao descrito por Walter Benjamin. Esse momento não é democratização pelo acesso a informação e a imagem, mas sim do cansaço pelo excesso, fundamentalmente após a aparição do *touchscreen*, função que permite a troca da imagem na velocidade determinada pelo indivíduo.

Perante as situações apontadas, o professor antes no início do século XX dono de um status social, passa a se ver não só questionado, mas também desencantado em relação a própria profissão. E não são raras a referência a expressão de "mal-estar docente", ou seja, o professor se vê diante de uma encruzilhada, a base sob qual seu trabalho estava alicerçado entrou em crise, sua prática não consegue cumprir com os objetivos traçados pelos parâmetros legais, tampouco atende as expectativas de seus estudantes que vivem outro contexto, e entendem a educação sob outra perspectiva. Ademais, por vezes, os professores são apontados como responsáveis pelos fracassos escolares. E o mal-estar docente se manifesta de diversas maneiras, ocorrendo o aumento de tratamentos de saúde, a quem lute por uma educação saudosista de tempos remotos, tem diminuído a assiduidade, ou ainda quem seja resistente as mudanças e persista em atuar nos moldes tradicionais. (CANÁRIO, 2006)

Há um desajuste evidente entre o século XX e os indivíduos que coabitam o início do século XXI, e este desajuste fica límpido ao observar o cotidiano escolar. Professores e quem mais atua nas escolas costumam descrever os estudantes

como desinteressados, despreparados, incivilizados, não possuem as habilidades exigidas para cursar determinada etapa de ensino. Do outro lado, os estudantes afirmam ser a escola maçante, entediante, os professores são repetitivos e não se esforçam por inovar. Os professores exigem um conjunto de práticas decorrentes do plano moderno de educação, enquanto os estudantes pertencentes a um novo contexto exigem adequação. Isto mostra, como o terreno firme sob o qual se assentava a educação formal deixou de existir, não é a lei a garantidora da educação, tampouco da qualidade, mas sim a diferenciação.

> "Agora o problema não se centra no risco de abusos autoritários nem na necessidade de evitar alienação ou a repressão mediante propostas emancipadoras, mas na impressão do caos que inibe o estabelecimento de algum tipo de ordem porque falta coesão simbólica implícita nos projetos e valores compartilhados. " (SIBILIA, 2012, p. 100)

Num contexto de meios de comunicação e mídias sociais abarrotados das informações, o professor tem seu papel tensionado. A escola através de seus métodos preocupava-se em percorrer um caminho do aprender, absorver e replicar, hoje, a informação é dinâmica não permite esse processo, por isso cresce as relações perpassadas pela opinião (rápida e constante), não pelo saber (cumulativo). A informação e prática produzem habilidades, o conhecimento permite interpretar e reconhecer, são chaves distintas para fazer funcionar antigas engrenagens. Sendo pressionada pela presença das tecnologias a educação tem enfrentado esse embate, mas não só ele tem exigido respostas, há outras questões gravitando e vem repercutindo na escola e nos sistemas educacionais.

Deve ser somado ao anteriormente exposto uma possível instabilidade institucional atravessada pela escola, a relação entre educação e direitos, fundamentalmente no Brasil. É sabido o quão recente é o estabelecimento do direito a educação no país, a Constituição de 1988 foi a mensageira deste direito, porém, as formas e responsabilidades de implementação só foram determinadas com a Lei de Diretrizes de Bases da Educação, a LDB (lei nº 9394/96). Este marco legal, estabeleceu quais são as modalidades de ensino, os objetivos da educação no Brasil, além de garantias como acesso e permanência, respeito a diversidade e as práticas sociais, e tornou obrigatória a educação básica na faixa etária de 4 a 17 anos. A LDB marca não só o estabelecimento legal dos direitos a educação, bem

como a organização da federação, dos estados e municípios para o cumprimento dela. No entanto, adentra-se o século XXI e verifica-se uma parcela de crianças e adolescentes distantes ou sem acesso ao sistema educacional formal. Aprofundando as desigualdades educacionais, que impactam também nas desigualdades sociais.

Arroyo (2018) aponta o quanto a produção na área da educação tem se voltado a olhar para a garantia dos direitos. Esta preocupação teórica é relevante em um país, como o Brasil, historicamente marcado pelas desigualdades, violências, preconceitos e invisibilidades de determinados grupos, culturas e até mesmo locais. O autor afirma "O direito à igualdade educacional e social pressupõe o direito à igualdade como humanos, pressupõe o reconhecimento de todos serem humanos. " (ARROYO, 2018, p. 1101). Desconsiderar o acesso ao sistema de educação, o direito ao conhecimento de si, do outro e de onde se vive, é deixar desumanizar os sujeitos, para o autor esse é o maior desafio, não só político, mas social e, sobretudo, pedagógico.

Educação vista como desumanizadora na medida que relega a diversidade cultural, e trabalha, por vezes, homogeneizando saberes e práticas, classificando, reprovando e mitigando o conhecimento trazido por quem está no sistema educacional. Nessa perspectiva, observa-se a segregação como marca do processo educacional brasileiro, logo deficiente em humanidade e descumpridor de seus princípios, a que se valorizar, portanto, as lutas dos diferentes movimentos para se repensar a educação, e a busca constante pela garantia de direitos. (ARROYO, 2018)

Conforme o autor:

> "A persistente visão dos Outros como desiguais porque sem saberes, sem valores, sem consciência, logo educá-los para a igualdade social, tem secundarizado o que deveria ser função da Pedagogia: reconhecê-los sujeitos de saberes, valores, consciência de saber-se segregados, de saber-se vítimas de uma sociedade, de estruturas que os produzem como desiguais. " (ARROYO, 2018, p. 1107).

Em um sistema reconhecidamente desigual, lançar normas sobre acesso, obrigatoriedade, aumento de tempo-permanência na escola, não bastam para uma mudança significativa social pela via da educação. É necessário repensar o fazer, a construção do saber, reconhecendo quem está no sistema escolar, e não responder

a desigualdade culpando aquele que pertence a condição de desigual. Não obstante, muitos insistem, se dadas as mesmas bases educacionais, logo, iguais se tornam, essa lógica não responde ao contexto brasileiro, é preciso repensar as relações de poder, de saber e de ser, e considerar os saberes e práticas sociais daqueles historicamente inferiorizados ou vistos como incultos. Por esse caminho é possível colocar-se de acordo com a lei quando ela pressupõe uma educação cidadã e democrática. (ARROYO, 2018)

A educação como tem sido praticada nos faz reconhecer o que há no mundo, ao reconhecer encontra-se com o conhecimento sobre algo e não necessariamente "a coisa" em si. Não ocorre de ir além da fórmula fornecida, é uma educação atrelada ao caminho, ao roteiro, ao objetivo a ser alcançado. Para Ingold (2015), existe duas perspectivas educacionais, advindas dos conceitos de *educare e de educere*. A primeira refere-se à concepção de cultivar e inculcar o que há do mundo, por *educere* refere-se a levar ao mundo. São ações distintas, mas permitem refletir sobre como ocorrem os processos educativos. Após distinguir as duas concepções de educação, Ingold (2015) acrescenta que elas podem ser realizadas por dois caminhos distintos, a educação como dédalo ou como labirinto. Em mundo construído e intermediado pela razão, tudo que nos circunda possui significado e foi transmitido nos bancos escolares, isto é, um percurso previamente tracejado e possui alguém a orientar o trajeto (Educação Dédalo), nesta perspectiva, existe uma intenção anterior ao início do percurso. Nas palavras do autor:

> Para a maioria de nós, urbanitas disciplinados pela educação, as ruas não são um labirinto. Nós andamos por elas não pelo que revelam ao longo do caminho, mas porque elas nos permitem transitar de um ponto a outro. Ainda podemos nos perder nas ruas, mas essa perda é sentida não como descoberta ao longo de um caminho que não leva a lugar algum, mas como um revés na rota para uma meta predeterminada. (INGOLD, 2015, 24)

Este modelo, o qual nosso cotidiano faz parte, voltado para a disciplina e para o percurso, engole a curiosidade, permite o representar o mundo a partir dos conteúdos previamente incorporados. Mas, o autor oferece uma alternativa, uma educação Labiríntica. Nessa proposta Ingold (2015) revela a importância de levar ao mundo, para ocorrer o conhecimento de forma imanente, sendo o papel do professor fazer aparecer o real, para ser conhecido, sintonizar o indivíduo ao mundo, é a educação por meio da atenção.

> No labirinto, por outro lado, aquele que segue o caminho não tem outro objetivo senão continuar, seguir em frente. Mas para fazê-lo, sua ação deve estar acoplada de modo próximo e retido com sua percepção – ou seja, um monitoramento sempre vigilante do caminho, à medida que ele vai se desdobrando. Colocado de forma simples, você tem que prestar atenção onde pisa, e também ouvir e sentir. Em outras palavras, seguir o caminho é menos intencional do que atencional. O andarilho é levado para fora, para a presença do real. Assim como a intenção está para a atenção, a ausência está para a presença, portanto. Esta é também a diferença entre vagar e navegar. É claro que há uma mente operando no vagar atencional do labirinto, assim como na navegação intencional no dédalo. Mas trata-se de uma mente imanente ao próprio movimento, e não uma fonte originadora à qual esse movimento pode ser atribuído enquanto efeito. Entre navegar no dédalo e vagar no labirinto está toda a diferença entre os dois sentidos de educação com os quais comecei este texto: por um lado, a indução (trazer para dentro) do aprendiz às regras e representações, ou aos "mundos intencionais" de uma cultura; por outro, a ex-dução (levar para fora) do aprendiz no próprio mundo, conforme ele se lhe apresenta através da experiência (Ingold, 2015, p. 28).

Essa reflexão e questionamentos levantados por Ingold (2015) nos revela caminhos possíveis para a educação. Uma educação voltada a observar, experenciar, sensibilizar para o real. O pensador ainda reforça que uma escola inserida em um contexto de distensão temporal, como descrito anteriormente e abordado por Giddens, é uma escola que promove percepção sobre os acontecimentos no seu espaço de atuação, pelo próprio Ingold (2015) a escola é "guardiã dos fins e não catalisador de começos". Ao professor cabe destravar, possibilitar a imaginação, pois, o mundo não está dado ele precisa ser desbravado, observado e percebido, não só por conceitos, mas pelo movimento e de forma imanente.

Ingold (2015) e Arroyo (2018) fornecem a reflexão sobre desafios e possibilidades a educação, em um contexto de mudança nas relações sociais. Os autores apontam para a possibilidade de uma educação de valorização da experiência e do respeito, que para isso, possa ser a escola um espaço que garanta não só a acesso, mas também o desenvolvimento da atenção ao contexto que circunda o estudante. Com a virada para o século XXI acompanhado da presença da tecnologia, do acirramento do comércio global, do crescimento do consumo, e da valorização das perspectivas individuais, estas mudanças passam a pressionar os processos educacionais.

Políticas, programas e consultorias educacionais passam a valorizar, como parte da contemporaneidade, a aprendizagem. Estabelecendo novas experiências educacionais, antes dotada de dois polos do ensino e da aprendizagem. Essa ênfase dada ao aprender carrega a justificativa de superação do aluno reprodutor de conteúdo, próprio da modernidade, e a este aluno deve possibilitar e impulsionar a autonomia, além de colocá-lo a par dos aparatos tecnológicos que o circundam, bem como desenvolver no sujeito da aprendizagem determinadas habilidades que o possibilitam corresponder as demandas dos sistemas educacionais, sejam públicos ou privados.

Para a verificação destes novos parâmetros educacionais diversos mecanismos e provas foram surgindo para aferição dos níveis de aprendizagem, dentre elas uma se destaca, o Programa Internacional de Avaliação da Aprendizagem (PISA). E estes parâmetros de aferição da aprendizagem passam a orquestrar os ritmos e adequações nos sistemas educacionais, o trabalho docente foi um deles. A relação de proximidade, de elaboração e desenvolvimento de conteúdo, temas e atividades passaram a ter como horizonte estas avaliações nacionais e internacionais, mitigando o trabalho docente e fazendo-se valer o polo da aprendizagem. O bom desempenho nestes processos passou a se tornar o objetivo de muitas escolas e redes de ensino, como forma de propagandear seus resultados e publicizar o slogan de boa escola. Nesse processo os valores econômicos se aproximam da educação. (CARNEIRO, 2019)

> "Por meio desse ritual, a aprendizagem se sacraliza e tudo passa a girar ao seu redor, abstraindo as múltiplas esferas da experiência a um padrão daquilo que se deve aprender, daquilo que é útil e valorizado nas habilidades e competências quantificadas nas metas de avaliação. Tal abstração tem seus sintomas: o sofrimento social da vida escolar é marcante em inúmeros relatos que chegam das escolas. Seria possível dizer que a escola é por si mesma uma 'violência', considerando que ela cria relações que nos tiram do lugar do conforto e nos fazem enfrentar contextos diversos. " (CARNEIRO, 2019, p.45)

A educação com foco no aprender deixa, conforme o autor, a possibilidade da experiência, e passa a ter roteiro, itinerário, uma educação *à la carte*. Tendo referência nesses princípios surgem propostas a adequar a educação no Brasil a esta lógica, por meio de reformas como a do Ensino Médio, e mudanças curriculares, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O Ensino Médio é

foco de intensos debates, pois, foi a última etapa de ensino a ser vista com atenção e reformulada. Até 2006 com a fixação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) esta etapa de ensino não tinha recursos para sua manutenção, tardiamente acrescentou-se o Ensino Médio como parte da educação básica, e ainda há muitos adolescentes fora da escola nessa etapa de ensino, ou porque não iniciaram, por não conseguirem vaga ou ainda por terem abandonado o percurso escolar. Para propor respostas a estes desafios diversas instituições se propuseram a lançar alternativas como ofertar curso técnico concomitante ao Ensino Médio, inserir na grade curricular espaço para temas como empreendedorismo e afins como forma de atrair os adolescentes para pensar em seu futuro, além de algumas empresas e instituições capitanear adolescentes para o mercado de trabalho por meio de parcerias com a rede pública, e pressionando a ampliação de vagas do ensino noturno. Pôr as claras o contexto educacional no Brasil, é relevante, pois, é em meio a estas questões que chega à pandemia.

Pode-se aqui reagrupar grandes temas a orbitar a educação pública brasileira. A desigualdade, questão histórica, que carrega consigo o abandono escolar, a não permanência, as temáticas a não respeitar a diversidade presente na escola. De outro lado a organização didática dos currículos escolares voltados ainda para a transmissão de temas e conteúdos e de pouco possibilidade de despertar atenção e/ou curiosidade. As reformas recentes na educação pública com foco na aprendizagem e subjugando o ensino, tendo como norteadores as provas e avaliações de desempenho.

Por isso, a relação professor e aluno deve ser reexaminada, a força da lei e do enquadramento institucional não são mais suficientes para explicar esta conjuntura. É preciso reestabelecer vínculos em meio a dispersão causada pelo excesso de informação, e diálogo que permita a construção de novas possibilidades. Se voltarmos a atenção para os dados apresentados no início, e para os debates e questões acerca da educação, verifica-se que a pandemia encontrou um cenário educacional permeado de questões ainda sem respostas, e trouxe a urgência em comungar distanciamento social e continuidade do funcionamento da escola, momento este sem precedentes.

Através da virtualização do ensino e com a adoção de plataformas, o uso de programas e das redes sociais como mecanismos para a realização das aulas no contexto pandêmico, novos questionamentos sobre o funcionamento da escola se levantam, assim como, de que que forma passa a ocorrer a relação professor e aluno.

Esse momento evidenciou algo que rondava a escola e os professores, os espaços virtuais como *lócus* para realização das aulas. Encontros virtuais, sem rostos, tornaram-se reais, o papel do professor e do aluno foram abruptamente transformados. Certamente, as plataformas virtuais continuarão a fazer parte do cotidiano das escolas, mas as aulas serão a mera transposição de conteúdos para estas plataformas, ou mudanças em relação a forma de promover o ensino ocorrerão? E o professor, qual será o seu papel e significado nesse processo? A escola será, agora, reivindicada como bem público ou passará a ser prestadora de um serviço? Como será compreendida sua relevância? As desigualdades neste processo como serão enfrentadas? São questões que estavam batendo a porta da escola, ainda encontravam resistências, mas a pandemia quebrou as barreiras em relação a estes temas e os tornou necessários e céleres.

1.1 EDUCAÇÃO E PANDEMIA

Como discorrido anteriormente a educação já possui uma série de situações a resolver, são questões envolvendo o dia a dia das escolas, questões relacionadas a novas leis e ainda há questões históricas aguardando soluções. Em 2020 estas situações foram expostas, reconhecidas e agravadas com a chegada da pandemia. Independe se pública ou privada as redes de ensino foram impactadas pela suspensão das aulas presenciais, para a continuidade das atividades educacionais a medida adotada foi a virtualização do ensino, convencionou-se em denominá-lo Ensino Remoto Emergencial (ERE), ou seja, medida urgente para manter o funcionamento das atividades educacionais enquanto transcorre a pandemia.

Antes de abordar como se deu a implantação do ensino remoto, é importante diferenciá-lo da Educação a Distância (EAD), pois, os termos são costumeiramente confundidos. Esta modalidade de ensino chega ao Brasil nos anos

2000, e após estar em funcionamento, passa-se a debater a regulamentação e o que caracteriza a educação a distância. Em 2005 é promulgado pelo Governo Federal o Decreto nº. 5622, neste constava a definição de EAD, bem como os critérios para suas atividades. Este decreto foi revogado e substituído pelo Decreto nº 9057/2017, cujo texto estabelece a definição legal de educação a distância:

> "Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.
> Art. 2º A educação básica e a educação superior poderão ser ofertadas na modalidade a distância nos termos deste Decreto, observadas as condições de acessibilidade que devem ser asseguradas nos espaços e meios utilizados. " (BRASIL, 2017)

Neste decreto além de estabelecer as regras para a oferta da EAD, bem como os procedimentos a serem adotados pelas instituições a realizarem esta modalidade de ensino, o decreto prevê não só o ensino superior possa ser ofertado nesta modalidade, assim como parte da educação básica. Não obstante, consta na BNCC do Ensino Médio a possibilidade de parcela da carga horária possa ocorrer na modalidade a distância. Entre outras questões, pode-se perceber que a legislação tardou a regulamentar esta modalidade de ensino, mas aqui vale observar que a EAD pressupõe organização curricular, atividades planejadas, tutoria, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) todos esses procedimentos ordenados para atender aos tempos e formas de aprendizagem da proposta a distância, coadunando atividades síncronas e assíncronas, distinguindo-se da educação formal presencial.

No Brasil esta modalidade de ensino logo se expandiu com a promessa de alargar a ofertas de vagas no ensino superior e chegar aos locais sem acesso a instituições regulares de ensino. Os entusiastas da EAD justificam a sua importância por esse caminho, somada a flexibilidade da modalidade que possibilitaria a autonomia do estudante, bem como oportunizar acessibilidade a uma formação técnica ou superior a quem não pode frequentar uma instituição regular de ensino. Por meio do Censo da Educação Superior de 2017, Santos (2019) analisa a expansão e relevância da EAD no contexto educacional brasileiro. A autora demonstra que "[...] na modalidade presencial, a oferta do setor privado detém cerca

de 75% das matrículas. Na modalidade a distância, esse percentual sobe para 91% no setor privado, e a EAD já representa 21% do total de matrículas nesse nível de ensino. " (SANTOS, 2019, p.56).

O Censo da Educação Superior de 2017 ainda demonstra que 61% dos ingressantes nos cursos EAD são matrículas na área de licenciaturas. Apesar do objeto de estudo deste trabalho não ser a modalidade EAD, é significativo para o debate sobre educação analisar esses dados. Pois, uma das pautas para refletir sobre a educação no Brasil se dá pela formação de professores, e esta tem sido feita, em sua maioria, pela modalidade a distância. (SANTOS, 2019)

Postas estas considerações, destaca-se para esta pesquisa as particularidades da educação a distância, verifica-se com a chegada da pandemia a virtualização do ensino não se deu aos moldes da EAD, pressupondo tutoria, plataformas com atividades organizadas para a realização das aulas, tempos para a realização do ensino, e planejamento adequado para esta modalidade. Por isso, o ensino estabelecido no período da pandemia foi denominado, Ensino Remoto Emergencial (ERE). Desta maneira as atividades educacionais teriam continuidade, utilizando diferente instrumentos como mediadores da relação professor e aluno, por isso, foram realizadas parcerias com empresas de internet, com emissoras de televisão e/ou rádio, e até mesmo desenvolvimento de aplicativos para celulares, além do material impresso destinado a quem não tem acesso à internet. Estas medidas, também foram adotadas para cuidar ou conter a expansão do número de contágios pelo coronavírus, permitindo a professores e alunos o isolamento social.

Os primeiros casos de contágio pelo coronavírus (COVID-19) no Brasil foram registrados em janeiro de 2020, em fevereiro registra-se casos em boa parte dos estados e alguns, a exemplo de São Paulo, já contabilizavam um expressivo número, preocupando as autoridades. Na medida que o contágio foi se alastrando e mortes foram acontecendo em função da COVID-19, estados e municípios foram publicando decretos e portarias visando a redução do contágio e para evitar a sobrecarga do sistema de saúde. Decorrente dessas medidas sanitárias foi paulatinamente ocorrendo a suspensão das aulas presenciais em todas as modalidades de ensino. Por meio da Portaria nº 343 de 17 de março de 2020 o Ministério da Educação (MEC) declara a possibilidade de substituição das aulas

presenciais por atividades não presenciais, em 19 de março o MEC altera este documento, substituindo pela Portaria nº 345 de 19 de março de 2020, como segue:

> "Art. 1º Fica autorizada, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. (BRASIL, 2020)

Nessa portaria refere-se especificamente a rede federal de ensino, autorizando a continuidade das aulas por intermédio de aparatos tecnológicos, sendo responsabilidade das instituições a adoção de qual mecanismo seria utilizado durante a pandemia. Em 18 de março o Conselho Nacional de Educação (CNE) por meio do Parecer nº 05/2020 se pronuncia e solicita as redes públicas e privadas em todos os níveis, que reorganizem suas atividades, além do calendário escolar, e utilizem das ferramentas disponíveis na internet para prosseguir com as aulas, reforça no parecer os direitos a aprendizagem, concedendo autonomia a estados e municípios para a realização e condução destas atividades. Vale o destaque desse parecer do CNE, pois, por meio dele as decisões em relação as atividades educacionais passaram a ser realizadas pelas unidades da federação, sem um trabalho organizado e/ou conduzido pelo Ministério da Educação. Em 20 de março o Congresso Nacional aprova a situação de Calamidade Pública causada pela COVID-19, no bojo destas regulamentações estados e municípios foram se adequando ao novo contexto, e decidindo sobre as suas responsabilidades e ações em relação a questão sanitária, bem como sobre a educação. Por essas regulamentações, e ações dispersas a situação da pandemia no país assumiu conotações diversas se observados estados e municípios.

A opção pelo ensino remoto emergencial foi uma resposta a situação decorrente da pandemia, uma medida urgente, sem reflexão conjunta com representantes de escolas e demais instituições. Por vezes, o ensino remoto é confundido com a EAD, porém o primeiro, por ser emergencial, não tinha embasamento em nenhum plano ou regulamentação, assim sua implementação foi sendo feita de forma rápida e desordenada. Contudo, não ocorreu planejamento adequado, tampouco formação aos profissionais da educação, diferente do que prevê a EAD. Única semelhança entre as duas modalidades de ensino se dá pela

realização das aulas com a presença de aparatos tecnológicos, no restante, elas têm pouco em comum.

Importante observar neste processo, é o descompasso na organização e implementação do ensino remoto, ele não teve uma ação conjunta com o Ministério da Educação (MEC) cada unidade da federação foi criando suas normativas para a implantação e retorno as atividades educacionais. Nesse sentido, pesquisar o ensino remoto é entendê-lo previamente como um fenômeno diferente em cada estado e município brasileiro. A pandemia se alastrou e o ensino remoto permaneceu, as disparidades entre as unidades da federação foram evidenciadas. Enquanto, alguns estados adotaram somente plataformas virtuais, outros investiram na elaboração de aplicativos e buscaram parcerias com emissoras de televisão e rádio para transmitir aulas e informativos. Também foram diferentes os tempos para a implantação das aulas remotas, alguns locais já estavam com aulas ocorrendo no mês de abril, enquanto outros passaram a ter aulas mais tarde.

Essas diferenças são sentidas também ao analisar o ensino remoto nas universidades, nas escolas públicas, nas redes privadas, nas redes municipais, estaduais e federais. Em todas as instâncias, a forma como ocorre o ensino remoto tem suas diferenças. Demonstrando o quanto a pandemia causou dissonância na educação brasileira, não é possível, por ora, mensurar as consequências desse momento. Diante desse cenário e para fins desta pesquisa o foco se dá na análise da rede estadual de ensino de Santa Catarina.

No Estado de Santa Catarina a suspensão das aulas presenciais da rede estadual de ensino e demais redes se deu pelo Decreto nº 509 publicado no Diário Oficial em 17 de março de 2020 assinado pelo governador Carlos Moisés, o documento dispõe:

> "Art. 1º Ficam suspensas em território catarinense, por trinta (30) dias, a partir de 19 de março de 2020, inclusive, as aulas nas unidades das redes pública e privada de ensino, municipal, estadual e federal, incluindo educação infantil, ensino fundamental, nível médio, educação de jovens e adultos (EJA), ensino técnico, ensino superior, sem prejuízo do cumprimento do calendário letivo, o qual deverá ser objeto de reposição oportunamente.
>
> § 1º No que tange a rede pública estadual de ensino, os primeiros quinze dias (15) correspondem a antecipação do recesso escolar. " (SANTA CATARINA, 2020)

Este decreto permite observar como estados e municípios se anteciparam as instâncias superiores e deliberaram sobre a suspensão das aulas de forma a antever o MEC, por exemplo. Lançaram alterações e readequações as atividades escolares e ao calendário antes do posicionamento do CNE. Inclusive dispondo sobre as instituições federais presentes no território catarinense.

Santa Catarina localizada na região sul do Brasil, contabiliza pelo último Censo realizado pelo IBGE[3], uma população de 6,248.436 milhões. Desta população, com base no Censo Escolar 2020, em todas as etapas de ensino da educação básica (infantil, fundamental, médio, EJA e técnico) possui 1,616.759[4] milhão de matriculados, sendo 259.145 matrículas da rede privada e o restante corresponde as matrículas da rede pública de ensino. Estes números revelam que parte significativa da população catarinense frequenta espaços escolares, podendo sumariamente afirmar que em média 25% da população do estado frequenta alguma instituição de ensino.

Em um contexto pandêmico estes dados revelam o potencial de transmissão que teriam as escolas, pois com base no estudo realizado no Brasil em parceria entre a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade de Oxford, e posteriormente publicado na Revista *Nature Human Behaviour*[5] em relação a contaminação por coronavírus, cada pessoa infectada no Brasil poderia transmitir a doença a outras três pessoas. Este estudo auxilia na reflexão sobre os dados em relação a Santa Catarina, e denotando o potencial de transmissão no ambiente escolar, justificando, desta forma, a repentina suspensão das aulas presenciais no estado.

Após a publicação do Decreto nº 509, e com aulas suspensas desde 17 março, seguido do recesso escolar adiantado, a rede estadual de ensino teve quinze dias sem atividades, este período considerado recesso escolar. Neste entremeio foi reafirmada e ampliada a parceria entre o Governo do Estado de Santa Catarina e a

---

3 Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) responsável pelo Censo Demográfico, o último realizado em 2010, dados disponíveis em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/panorama

4 Dados do Censo Escolar 2020 sob a responsabilidade do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), dados disponíveis em https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?Dashboard&PortalPath=%2Fshared%2FCenso%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%2FMatr%C3%ADcula%20Inicial%2FInfogr%C3%A1fico%2FPain%C3%A9is%2FColeta%20-%20Matr%C3%ADculas&Page=p%C3%A1gina%201

5 Artigo disponível na página da revista https://www.nature.com/articles/s41562-020-0928-4 publicado em 31 de julho de 2020

empresa *QI Network* representante catarinense da empresa Google. Nesta parceria, está prevista a possibilidade de uso por gestores, professores e alunos da rede estadual de ensino os aplicativos disponíveis no Google Sala de Aula (*Classroom*). Esta parceria tinha sido concretizada no ano de 2016[6], e vinha ocorrendo a implantação dos aplicativos ofertados pela Google através de escolas escolhidas pela Secretaria Estadual de Educação (SED), assim desenvolvendo projetos pilotos em algumas escolas do estado. Em 2020 ocorreu a ampliação desta parceria, sendo este espaço virtual o único meio utilizado para a realização das aulas em toda a rede estadual para atender a urgência decorrente da pandemia. A rede estadual de ensino de Santa Catarina não realizou parcerias com emissoras de televisão, ou rádio, tampouco desenvolveu aplicativo para comunicação entre escola, professores e alunos, todo o ensino remoto se concentrou na utilização do Google Sala de Aula (*Classroom*) e na impressão de materiais aos alunos sem acesso à internet.

A partir de 06 de abril os professores da rede estadual retomam as atividades e participaram de uma série de encontros virtuais para realinhar as atividades escolares dada a situação pandêmica. Nestes encontros o objetivo foi apresentar e descrever a Google Sala de Aula (*Classroom*). O desenvolvimento de materiais, organização de atividades, de encontros virtuais, realização de avaliações, de revisões, o processo de fomentar a sala virtual passou a ser de responsabilidade de cada professor, a supervisão desse processo ficou sob a cargo da direção escolar. O ensino remoto com a interação com os estudantes passa a acontecer em 10 de abril. A direção escolar passou a ter de contatar e procurar os estudantes que não estavam acessando o Google Sala de Aula (*Classroom*), e realizar a impressão de materiais para aqueles sem acesso à internet.

Portanto, cada escola e cada professor se tornou responsável pela organização e implementação do ensino remoto. Foi iniciativa das escolas a adoção de números para a criação de grupos no aplicativo de *whatsapp* como segunda forma de contato com os estudantes, o custeio da impressão de materiais é encargo das escolas, por vezes realizaram parcerias entre si para conseguir efetivar a entrega do material impresso. Em alguns momentos representantes da direção das escolas foram pessoalmente realizar a entrega destes materiais aos alunos.

---

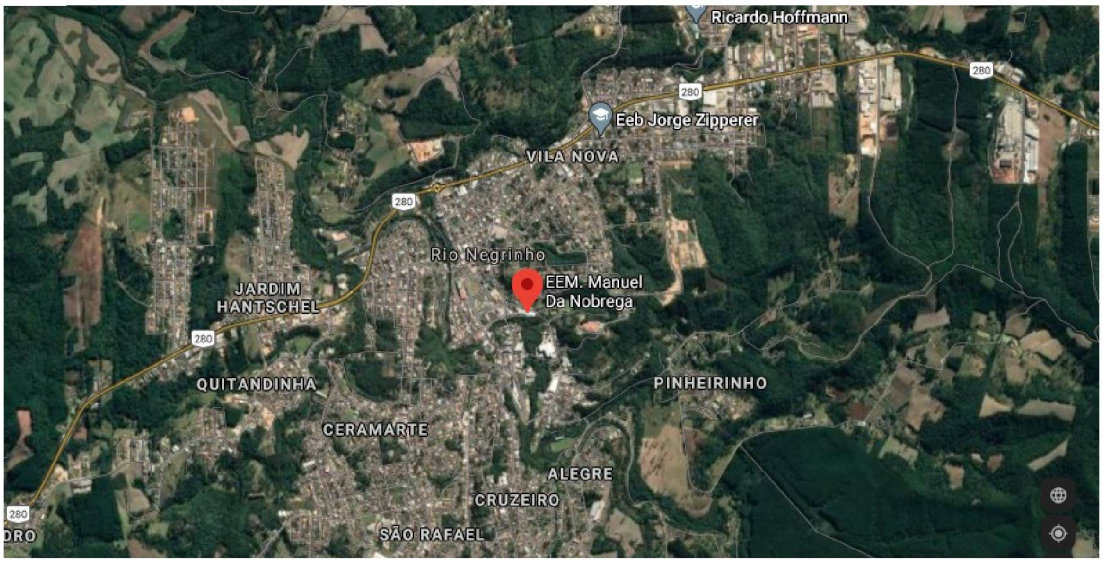
6 Disponível no Diário Oficial de Santa Catarina nº 20.239 de 16 de fevereiro de 2016, consta o Termo de Adesão Entre a Secretaria Estadual de Educação e a Empresa QI Network (termo nº 2015TN001658)

No dia 23 de abril de 2020 a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina lança o Ofício nº100 discorrendo sobre a infrequência escolar dada a situação atípica da pandemia. Santa Catarina possui um programa intitulado APOIA, com o objetivo de recuperar alunos infrequentes. Este programa consiste, primeiramente no contato da a escola com a família do aluno infrequente, não obtendo sucesso ela aciona o conselho tutelar que vai presencialmente dialogar com a família, reafirmando a importância de estar na escola com base nos marcos legais. Em 2020 dada a situação pandêmica, o programa APOIA foi suspenso, e passou a vigorar excepcionalmente para o período da pandemia o Programa Busca Ativa, descrito no ofício mencionado anteriormente.

No documento, a escola deve elaborar lista de alunos que não estão realizando atividades, ou não estão buscando o material impresso produzidos pelas escolas, conforme consta no ofício, dada a situação ímpar não caberia o acompanhamento por frequência as aulas, mas sim, com base na entrega de atividades. Nestes casos a escola deveria tentar o contato com a família para verificar os motivos pelos quais o aluno não tem acompanhado as aulas e realizado as atividades propostas, apesar de a pandemia ter exigido a readequação quanto ao formato das aulas, o vínculo com a escola permanece, portanto, o aluno precisa responder sobre elas. Tendo insucesso, a escola deveria encaminhar ao Conselho Tutelar para que a instituição realize a verificação junto a família do aluno em relação as atividades escolares, novamente tendo insucesso o Conselho Tutelar poderia encaminhar o caso ao Ministério Público. São estas as ações referentes ao Programa Busca Ativa, pois, conforme a Secretaria de Estado da Educação, a escola estava em um regime de aulas especial devido a pandemia, não sendo considerada a infrequência dos estudantes, mas sim a não realização das atividades.

A Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega foi o *lócus* desta pesquisa, a unidade escolar encontra-se no planalto norte de Santa Catarina, na cidade de Rio Negrinho. A cinquentenária escola passou por diversas mudanças em seu cenário educacional, sendo gerida primeiramente pelo Seminário São José localizado ao lado e anos depois passou a ser uma escola pública. No ano de 2000, por meio de ação do governo do estado que reorganizou as escolas do município, passa, então, a centralizar o Ensino Médio. Hoje, a escola possui Ensino Médio Regular, Ensino Médio Inovador (alguns dias de aula em período integral), Ensino Noturno, curso

Magistério, e ainda dispõe de algumas salas de aula onde ocorre ensino de Jovens e Adultos (CEJA). A escola conta com 1058 alunos matriculados dispostos nestas modalidades de ensino, por estar no centro da cidade, atende a alunos de todos os bairros da zona urbana e alguns alunos que são de áreas rurais. Abaixo mapa que oferece uma visão panorâmica da localização da escola:



Como citado anteriormente, a rede estadual de ensino de Santa Catarina esteve com aulas presenciais suspensas desde o mês de março de 2020 até janeiro de 2021. Neste período elas ocorreram via Google Sala de Aula (*Classroom*). A Secretaria de Estado da Educação (SED) em conjunto com a Secretaria de Estado da Saúde (SES), por meio da Portaria nº 778 consta os critérios para o retorno das atividades educacionais presenciais. Nesta portaria a SED afirma que a retomada das atividades dependeria dos critérios de saúde, considerando o número de casos identificados de coronavírus na região. Além deste critério cada município elaborou um Plano de Contingência visando adequar os espaços e fluxos das escolas para prevenir e mitigar a disseminação da COVID-19, e pouco a pouco preparando o retorno as atividades presenciais considerando as condições de cada unidade escolar e o atendimento de saúde disponível no município[7].

Antes da elaboração desta portaria, a SED, solicitou as escolas de todo estado um levantamento sobre o aprendizado, acompanhado do relatório de alunos que não

7 Acesso ao Plano de Contingência Estadual
https://drive.google.com/file/d/1AqwACQp0ru8juiJbiux7sLpAKOFz-ewG/view

tem realizado as atividades propostas, pois, é intenção da secretaria de no retorno das aulas, atender apenas os alunos que precisam de auxílio e reforço de conteúdos trabalhados em caráter remoto. Segundo dados divulgados no mês de setembro pela Secretaria da Educação[8] em torno de 26% dos estudantes da rede estadual de ensino necessitariam de apoio pedagógico. Esse dado revela que os estudantes catarinenses apresentam dificuldades no acompanhamento das atividades remotas, ocorrendo prejuízos a aprendizagem, e contribui para evidenciar a importância de pesquisas sobre o tema.

8 Dados divulgados na página da Secretaria de Educação Educação conclui avaliação semestral e projeta apoio pedagógico para 26% dos alunos da rede estadual. Secretaria de Estado da Educação, Florianópolis, 30 de setembro de 2020. Disponível em: http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/imprensa/noticias/30807-educacao-conclui-avaliacao-e-projeta-apoio-pedagogico-para-26-dos-alunos-da-rede-estadual

CAPÍTULO 2 - INTERNET E SEUS USOS

A internet é hoje o que foi a eletricidade para a sociedade industrial, ou seja, é uma parte importante do motor que dá energia para o funcionamento social. As atividades humanas passam, hoje, em sua maioria pela mediação da internet, resultando em práticas sociais diversas, caracterizando uma sociedade de rede. As redes vêm assumindo um papel importante, assim como as tradicionais organizações e instituições. Isto funciona devido as tecnologias das comunicações, e a maneira que o ser humano se comporta diante deste processo, assim as relações sociais são mormente mediadas pela internet, e tornam-se rápidas e descentralizadas. (CASTELLS, 2003).

O desenvolvimento da internet se deu por um projeto nomeado de ARPANET de responsabilidade do governo norte americano, principalmente de seu departamento de segurança em conjunto com as universidades. Tinha como intenção de, em guerra, ocorrer a comunicação entre as tropas. Esse projeto de construção da internet começa a ser desenvolvido na década de 1960. Somente em 1980 se tem a possibilidade de pelo uso da internet trocar mensagens no espaço virtual.

No Brasil, a Fundação de Amparo a Pesquisa de São Paulo (FAPESP)[9], na década de 80, em contato com as universidades norte americanas, passaram a desenvolver a estrutura base para mais tarde realizar a conexão via internet no país. Na década de 90, a sociedade civil passa a fazer uso do correio eletrônico (e-mail). Então, a internet foi se desenvolvendo, e várias páginas surgiram com assuntos diversos, a integração destas páginas se deu com o mecanismo de busca denominado *World Wilde Web – WWW*, este concentrou as informações de várias páginas em um único local. A partir desse momento é que indivíduo, agora usuário, passa a poder não só ter acesso ao que oferece a internet, mas passa a produzir conteúdo e compartilhar na rede. Na sequência surge os buscadores congregando as várias páginas disponíveis como exemplo o Google. Em 2004 e 2005, são disponibilizados no Brasil consecutivamente o Orkut e o Youtube, e a internet e seus usos passam a contar com as redes sociais, em que o indivíduo passa a ter cada

9 Informações sistematizadas da entrevista realizada com engenheiro da computação Demi Getschko, considerado um dos pioneiros da internet no Brasil. Disponível em Capítulo: Profundezas da Rede – Rádio Escafandro (05/08/2020)

vez mais "voz" nesse espaço. Hoje, as redes sociais utilizam algoritmos para organizar as informações disponíveis, dada a quantidade de dados produzidos e a impossibilidade de uma única pessoa acompanhar essa produção, assim os algoritmos passam a oferecer ao usuário aquilo que lhe agrada com base no seu engajamento na rede.

Desde o surgimento da internet, entre as décadas de 60 e 70, plataformas para troca de mensagens, salas de bate papo, jogos, espaços comerciais, entre outros foram surgindo. Estes grupos, e espaços cibernéticos, se transformaram no que hoje conhecemos como redes sociais, estas fizeram surgir um novo padrão de comportamento social. Através de uma comunidade virtual, em que cada usuário pode fazer parte de um destes grupos, e criar uma identidade virtual, contribuindo com a produção de informação e com novas formas de ações e relações neste universo (CASTELLS, 2003). É importante ressaltar que "os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos e sua "[...] produção social é estruturada culturalmente. Internet não é exceção. " (Ibidem, p. 34).

Surgiria nesse contexto a concepção de Cibercultura, fruto das relações estabelecidas pelos aparatos resultantes da expansão do uso da internet. A cibercultura resultou das tecnologias oriundas do século XX como a informática e internet, e os usos decorrentes delas. Ocorreu, então, uma transformação nos hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, podendo observar novas formas de sociabilidade. (LEVY, 2010)

Esta mudança na sociabilidade deslocou a produção da informação, sendo esta, uma marca da cibercultura:

> Um primeiro princípio da cibercultura é a liberação da 'palavra'. Este traz consequências para a constituição da opinião e da esfera pública. [...] A transformação da esfera midiática pela liberação da palavra se dá com o surgimento de funções comunicativas pós-massivas que permitem a qualquer pessoa, e não apenas empresas de comunicação, consumir, produzir e distribuir informação sob qualquer formato em tempo real e para qualquer lugar do mundo. (LEVY, 2010, p. 25)

Na era da internet, a identidade pessoal torna-se flexível podendo os indivíduos assumir diferentes posturas, ter um perfil em uma rede social, uma página pessoal, um canal e além dos papéis no cotidiano como na família e no trabalho.

Desta forma há espaço para que o indivíduo possa a agir com certa liberdade, assumindo no espaço *online* posturas diferenciadas do espaço *off-line.* (PALFREY, 2011) A vida líquida-moderna trouxe uma sensação de maior liberdade ao indivíduo, podendo ele experimentar de várias possibilidades e escolher dentre várias 'máscaras' aquela que irá construir a sua identidade, podendo ser moldado a todo instante é um indivíduo em construção, e na busca por ser diferente. (BAUMAN, 2009)

Em consonância com esta perspectiva Raquel Recuero (2018) aponta ser uma rede social composta por atores e suas conexões, estes dois elementos interagem por meio de trocas capazes de alterar a estrutura da rede e aumentar ou diminuir o fluxo de informações. Por Isto, a compreensão da sociabilidade contemporânea perpassa os estudos das redes sociais e da comunicação mediada pelo computador ou celular, esta maneira de comunicação possibilitou a expansão da conexão e a interação. "Estudar as redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. " (RECUERO, 2018, p. 18)

Nas redes sociais os atores interagem com intuito de construir ou romper laços sociais, de tal forma que moldam a estrutura das relações no ambiente virtual. Os atores, então, se expressam por uma página, um perfil, um blog, estes são ambientes construídos para expor a personalidade, os gostos, as opiniões de cada ator, como são espaços da linguagem as redes sociais trabalham na perspectiva da personalização, da construção do eu e da performance. A exposição pessoal borra a fronteira entre o público e o privado, porém, a visibilidade passa a ser o princípio da sociabilidade.

Faz parte das relações sociais não se caracterizarem apenas por relações de afirmação positiva, de consensos, mas podem ser relações de conflito. Por conseguinte, as relações sociais mediadas pela internet podem fortalecer laços, bem como enfraquecê-los. Ao se tratar das relações ocorridas no ciberespaço os indivíduos encontram-se distantes, ou seja, separadas pelo computador ou pelo celular, esta interação é, portanto, construída de maneira distintas das relações face a face. É uma relação baseada na reação do outro, resultado da exposição, ou da visibilidade proporcionada pelo ciberespaço. "A interação seria a matéria prima das relações e dos laços sociais. [...] A ação de um depende da reação do outro. " (RECUERO, 2018, p. 31)

Assim as dinâmicas envolvendo a estrutura das redes pode refletir comportamentos, e estes interferem na estrutura da rede, alguns destes comportamentos podem ser observados e identificados, a citar: cooperação, competição, conflito, ruptura, agregação, adaptação e auto-organização. (RECUERO, 2018)

A cooperação é o trabalho mútuo entre os sujeitos, um aspecto básico para a vida coletiva. A disputa na rede por seguidores, por exemplo, caracterizaria a competição sem significar necessariamente conflito. A competição pode gerar cooperação, perfis e atores podem aliar-se em determinado momento ou em prol de alguma situação, este observa-se por meio de uso de *hashtags*, ou ao mobilizar mais atores a participar de determinado assunto lançado na rede social. (RECURO, 2018)

Já o conflito está ligado a hostilidade e possível rompimento de uma relação na rede social, uma característica do conflito é o uso da agressão ao outro por meio do antagonismo de visões em relação a algum assunto, situação exposta ou a imagem a circular na rede. Diante disto, levanta-se a seguinte questão: quando uma situação de violência é registrada e compartilhada nas redes sociais, quais reações são possíveis observar?

As relações presentes no ciberespaço podem ser compreendidas também através dos conflitos e disputas presentes neste espaço. Em mundo cada vez mais digitalizado é preciso atentar que as tecnologias não possuem apenas aspectos positivos. É a partir deste processo de digitalização e da exposição virtual que o indivíduo passa a se deparar com aquele que diverge, acarretando conflitos.

Para Recuero (2018) estudar as redes sociais é primeiramente compreender que o objeto é dinâmico, neste contexto ocorre a competição, o conflito, a adesão. São as ações dos atores que movimentam e produzem o conteúdo presente na rede.

> "Os sistemas sociais e as redes sociais, assim, estão em constante mudança. Esta mudança não é necessariamente negativa, mas implica o aparecimento de novos padrões estruturais. A mediação pelo computador, por exemplo, gerou outras formas de estabelecimento das relações sociais. As pessoas adaptaram-se aos novos tempos, utilizando a rede para formar novos padrões de interação e criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais. Como essas formas de adaptação e auto-organização são baseadas em interação e comunicação, é preciso que exista circularidade nessas informações, para que os processos sociais

> coletivos possam manter a estrutura social e as interações possam continuar acontecendo. Com a comunicação mediada por computador proporciona que estas interações sejam transportadas a um novo espaço, que é o ciberespaço, novas estruturas sociais e grupos que não poderiam interagir livremente tendam a surgir. Redes sociais, portanto, precisam ter capacidade de *adaptação*, pois tem um *equilíbrio dinâmico*, constantemente redirecionado entre o caos e ordem." (RECUERO, 2018, p. 88)

As interações no ciberespaço são diferentes das relações produzidas no espaço off-line, basta analisar a quantidade de amigos em um perfil do Facebook, não é a quantidade real de amigos existente de um indivíduo no seu cotidiano. Todavia, as conexões virtuais são expandidas pelas redes sociais, estes ampliam a possibilidade de conexão, logo, de visibilidade. Uma situação ao ser colocada na rede social, pode ter visibilidade potencializada pela dinâmica e estrutura da própria rede, isto deve-se a presença dos algoritmos, por exemplo.

Ao ter mais visibilidade o indivíduo pode ter acesso ou receber maior número de informações, bem como tornar-se a informação, por isto a visibilidade relaciona-se com os sentidos produzido na rede. O perfil acessado na rede por outro indivíduo, pode ser analisado por meio dos valores de cada um, o que determinaria as reações aquele perfil ou a postagem feita. (RECUERO, 2018)

Diante das questões levantadas por Recuero (2018), as redes sociais revelam-se meios de comunicação que produzem e reproduzem sentidos e discursos. Para tanto compreendê-las não somente como meios, mas como instrumentos de mediações.

O tema das mediações e os meios de comunicação foi abordado inicialmente por Martin-Barbero (2013). O autor observou através da presença da televisão, do cinema e do rádio que tais meios não transformaram os indivíduos em meros receptores de conteúdo, tampouco possibilitam apenas a ligação entre indivíduos com a interlocução da informação transmitida. Mas, a maior transformação causada pelos meios de comunicação se deu no sentido de possibilitar novas percepções sobre o que se recebe, além de promover novas formas de encontro, diálogo e linguagem, e é isto que tem reconstituído a sociedade. Evitar uma visão dualista entre informante e receptor, e compreender como a massificação da informação ganha novas nuances culturais a partir da apropriação feita com base no uso dos meios de comunicação.

O debate lançado por Martin-Barbero (2013) não alcançou as redes sociais, porém, suas análises lançam luz sobre a importância de deslocar o olhar sobre os meios de comunicação. Não afirmar previamente ser os meios apenas um produto da indústria, que veiculados de terminados produtos, seriam assimilados e adquiridos passivamente pelas massas. Os meios de comunicação não são meros instrumentos para homogeneizar comportamentos, mas abrem caminhos para a produção de novos sentidos do real diante da informação veiculada, recebida e ressignificada.

Contudo, voltar-se para a influência dos meios de comunicação na atualidade não pode ser reduzida a uma questão de uso e presença das tecnologias. Pois, suas consequências, como o conflito, a hostilidade e outros, teriam solução técnica de bastaria reorganizar o sistema para reequilibrar as relações. Mas, não é este o caminho, faz-se necessário observar o meio, o discurso, suas interpretações e implicações.

O pensador Byung-Chul Han (2018) coloca que se vive diante de um novo momento, a mídia que nos circunda na causa certa embriaguez, e tontos não reconhecemos ou identificamos as consequências deste momento. A comunicação digital, diferente da televisão e do rádio, permite não só acesso a mais informações, vídeos, textos e imagens, como alterou-se a lógica da produção de conteúdo, o indivíduo deixou de ser exclusivamente receptor e passou a ser produtor de informações. Conforme aponta o autor o processo de mediação causado pelos meios de comunicação tem diminuído na medida que os indivíduos estão mergulhados nesse universo.

Em um mundo onde estamos imersos nas situações, por meio das mídias, não nos distanciamos suficiente para analisar algo, então, vive-se no momento do respeito em declínio. Para o debate sobre o público e o privado, é basilar o respeito. A esfera pública é a esfera do distanciamento. As mídias digitais ao aproximar ou misturar, o público e o privado, reformula as concepções de distância. Ao estarmos inseridos na mídia, onde tornamos imagem e estamos imersos em um universo de imagens de si e do outro, não nos é permitido a distância necessária para produzirmos uma análise, e assim gerar o respeito.

Na comunicação digital pressupõe uma enxurrada de afetos desferidos pela possibilidade do anonimato. Nesta forma de comunicação, faz parte a simetria, isto

é, todos recebem e produzem informação. A simetria desloca a noção de poder hierarquizado. O poder tinha um caminho único e resultava em relação assimétricas, quando todos podem levantar uma causa ou apontar uma determinada situação e produzir foco naquela situação, ocorre esse deslocamento do poder resultante da simetria produzida por meio da comunicação digital. Produzindo ondas (de indignação ou de apoio) a dar ênfase em determinados temas em detrimentos de outros, deslocando o fluxo da informação antes determinado pela produção dos grandes veículos de informação.

Portanto, na esfera digital quem tem poder é quem detém e promove estas ondas, ou o "enxame" como denomina Han (2018). Estes momentos de grande foco em uma situação causadora de indignação ou de apoio, são repentinamente inflamadas e incontroláveis quanto as suas consequências, ocorrem de forma rápida, e de forma rápida também são desfeitas. Elas não duram a ponto de possibilitar análise, debate na esfera pública. As ondas digitais demonstram mais um certo comportamento escandaloso, histérico e sem comedimento, não há diálogo, e não identificação com o coletivo com o social.

2.1 INTERNET E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES E EXTREMOS

Com a presença da internet e de seus diversos artefatos como páginas, canais, blogs, redes sociais, aplicativos, podcasts, verifica-se cada vez mais usos possíveis proporcionados pela presença do espaço virtual. Sabe-se que a internet não é só a interação por meio das redes sociais ali existentes, ou pelos aplicativos de troca de mensagens, ela também se tornou o local de trabalho de muitos, espaço para o comércio e além de fazer parte dos processos educativos. A inserção da internet em escolas ocorre ora por iniciativa política ora por iniciativa pessoal, de professores, por exemplo. No primeiro caso, a adoção de um sistema para colocar informações administrativas, sistemas de segurança, sistemas para computação de notas e emissão de documentos escolares, ou por iniciativa de professores em planejar atividades procurando diversificar e proporcionar outras formas de realizar o processo de ensino. Nesse sentido a educação também passa a ser uma

potencialidade e um setor passível de investimento pelas grandes empresas que atuam na área de internet, desenvolvimento de software, e outros.

No ano de 2007 é promulgado o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (Proinfo), ele foi estabelecido e descrito por meio do Decreto nº 6.300 de 12 de dezembro daquele ano. Neste decreto consta que o Ministério da Educação passaria a promover o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas escolas públicas do país, tanto na área urbana quanto rural. O decreto previa ainda a destinação de infraestrutura, promovendo o acesso a computadores e conteúdo utilizando as TIC's para realização de atividades educativas, também dispõe sobre formação docente para uso das tecnologias, suporte técnico e pessoal para efetivação do programa e para implantar infraestrutura necessária. O Proinfo teria, por esse decreto, recursos reservados anualmente através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Foi este programa e as parcerias com estados e municípios, o facilitador para a criação das salas informatizadas nas escolas públicas, permitindo a entrada de computadores, internet, e até mesmo de outros materiais como lousas digitais e data shows para uso no ambiente escolar.

O Proinfo representou investimento estatal e a possibilidade de a rede pública receber equipamentos para que estudantes tivessem acesso as TIC's, mas também incentivar professores ao uso destes instrumentos em sala de aula. Isso representou e gerou muita expectativa para que as escolas pudessem desenvolver projetos e atividades envolvendo os estudantes, conforme debate já apresentado, em coadunar os anseios dos estudantes ao uso das TIC's. Além da iniciativa estatal muitos professores passaram a procurar utilizar em suas aulas recursos tecnológicos como redes sociais, realizar a gravação de vídeos como complemento de suas aulas surgindo assim uma infinidade de canais pessoais, blogs com descrição de conteúdos e disseminação de materiais. Mas, não foi a totalidade de professores que aderiu a estas iniciativas de flexibilizar a forma de lecionar, tampouco, as salas informatizadas foram utilizadas como as expectativas criadas em torno delas. Faltou infraestrutura, faltou capacitação e faltou pessoal para atendimento e manutenção das salas informatizadas.

Conforme menção anterior, muitos professores passaram a produzir conteúdos e disponibilizar na internet, e essas iniciativas se transformaram em nichos de mercado. Tome-se como exemplo a Plataforma *Khan Academy*, uma das

mais conhecidas e promissoras plataformas de conteúdos relacionados a educação. Ela surgiu em 2004 e foi desenvolvida por Salman Khan, nos Estados Unidos. Salman passou a elaborar vídeos curtos e os colocava no Youtube para auxiliar familiares com dificuldades na área de matemática. Com a repercussão de seus vídeos, passou a desenvolver uma plataforma específica para conteúdos escolares tendo a matemática como pilar, surge então, a *Khan Acedemy*[10]. No Brasil o conteúdo desenvolvido por Salman Khan tem sido traduzido e fomentado pela Fundação Lemann, desde 2013. Atualmente, a plataforma tem sido traduzida para 36 idiomas, e possui como principal objetivo o desenvolvimento de habilidades para o aluno poder resolver exercícios, compreender os conteúdos de sala de aula, ou seja, procura dar protagonismo a aprendizagem e autonomia do aluno. A plataforma atende as modalidades de Ensino Fundamental e Médio, com conteúdo de diversas áreas do conhecimento. A proposta da plataforma é disponibilizar vídeos e ferramentas que possibilitem a concretização deste objetivo, realizar o ensino personalizado em que cada aluno acompanha e realiza as atividades no seu tempo. Chama a atenção da proposta da *Khan Academy,* é a preocupação com resultados, e bons desempenhos em avaliações.

Outro caso que vale menção, é do Professor brasileiro César Medeiros, idealizador do canal no Youtube Nerckie, e da página Vestibulândia. O professor iniciou seu canal elaborando vídeos com revisões de conteúdos de matemática para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Hoje, o canal conta com 848 mil inscritos, e ele oferece não só vídeos de revisão para ENEM, como cursos completos de matemática para todos os níveis. Em entrevista a Folha de São Paulo, o professor revelou ter deixado de atuar em escolas e cursinhos pré-vestibular, passou a se dedicar apenas ao canal no Youtube, e ainda revelou que a remuneração trazida pelo canal supera e muito aquela dos professores em atividade nas escolas[11].

A área de ciências humanas também possui professores com notoriedade na produção de conteúdo para internet, um deles é o Professor Daniel Gomes de Carvalho, professor doutor em História pela Universidade de Brasília (UNB). Ele tem

---

10 As informações sobre a Khan Academy foram retiradas da página na internet https://pt.khanacademy.org/about

11 Entrevista disponível em https://link.estadao.com.br/noticias/geral,os-educadores-da-internet,10000034277

desenvolvido a anos conteúdos da área de humanas envolvendo temas de Sociologia, Filosofia e História tanto para cursos pré-vestibulares quanto para o Canal Se Liga Nessa História[12] (canal que congrega vários professores da área de humanas). Além disso, ele compõe a página e o podcast, intitulados História Pirata juntamente com outros professores da área de Ciências Humanas. O conteúdo desenvolvido pelo professor vai da descrição de conceitos, resumos de livros e teorias, e comentários sobre fatos históricos, e debatem temas políticos ou questões em voga na mídia. Mas não apenas professores da modalidade Ensino Fundamental e Médio produzem materiais e conteúdo para internet. Professores universitários têm se destacado nessa prática, na área de humanas, professores têm sido facilmente reconhecidos pelas suas aparições em canais na internet, por suas páginas pessoais e participações em debates, jornais, e parcerias para o desenvolvimento de conteúdo virtual. Talvez o mais conhecido seja o filósofo Mario Sergio Cortella, seu canal conta atualmente com 1,15 milhão de inscritos.

A área de exatas esteve a vanguarda no desenvolvimento de conteúdos para internet. E partir destes canais, blogs e páginas, os materiais desenvolvidos e disponíveis na internet se tornaram recurso para estudantes e demais professores. A educação passou a chamar a atenção de grandes empresas no ramo da internet. Fato é, que decorrente dessa expansão da produção de audiovisuais, o Youtube desenvolveu a Plataforma Youtube Edu. A empresa elaborou um espaço virtual dedicado a educação, e lá concentram-se vídeos de professores de diversas áreas, desenvolvendo diversos temas. Existe uma curadoria para selecionar vídeos de professores com conteúdo filtrado e considerado passível de ser recurso em sala de aula. Portanto, existe dentro do Youtube um grupo responsável por essa curadoria voltado para pensar material para educação, uma parceria entre Youtube e Fundação Lemann.

Os exemplos descritos e mencionados, demonstram como a educação tem se inserido nos espaços virtuais, e vice-versa. Aqui não é possível mensurar a presença de aplicativos de comunicação, em que professores e alunos constantemente se comunicam por grupos e fóruns - extraclasse - sendo outra forma de observar a presença da internet e de seus derivados no processo de ensino. Apesar de não ser a totalidade de professores a produzir materiais para a internet,

12 https://www.youtube.com/user/seliganessahistoria1

muitos consultam esse material como complemento de suas atividades. Nessa direção, diversas perspectivas pedagógicas foram desenvolvidas buscando conciliar a internet e o processo de ensino, a citar Metodologias Ativas, Ensino Híbrido, Ensinar a Aprender, Sala de Aula Invertida, Cultura Maker, e outras. Os casos apontados demonstram como a educação e sua relação com internet passou a se tornar interessante a empresas do ramo, como potencial para desenvolvimento de plataforma, é então que se observa a educação como nicho de mercado. Acrescente-se a isso, o fato de muitas empresas enxergarem na educação a possibilidade de aumentar sua base dados e influência.

Educação Vigiada[13] é uma página disponível e gratuita, elaborada por um conjunto de organizações e pesquisadores, que se dedicam a verificar a ascensão das grandes empresas do ramo da internet e como estas tem mergulhado nos sistemas educacionais, principalmente na rede pública brasileira. A página tem observado as atividades fundamentalmente de empresas como Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft e disponibilizado dados sobre a ações e participações destas empresas em ambientes de educação. Conforme os dados apresentados na página Educação Vigiada, no Brasil hoje, 72% das instituições públicas possuem parcerias, contratos e servidores ligados as empresas mencionadas, com destaque para Google e Microsoft que somam a maior fatia. A grande reflexão proporcionada na página é de pensar as parcerias gratuitas entre público e privado, e por esse caminho estas empresas recebem livremente dados de estudantes, professores, demais profissionais da educação somado ao acesso a documentos e demais materiais.

O Google Sala de Aula (*Classroom*)[14] é uma ferramenta disponível desde 2014 pelo e-mail da Google, o Gmail. Nesta ferramenta o professor pode abrir uma sala de aula, e neste espaço adicionar materiais, propor atividades e avaliações, a própria ferramenta possibilita em determinadas situações a correção delas, além da possibilidade de vídeo aulas. A ferramenta está disponível de forma gratuita, e inclusa nos itens próprios do Gmail. Conforme a empresa a intenção do Google Sala de Aula é permitir ser o processo de ensino mais atrativo, compartilhado e participativo. Permite ainda organizar materiais, agendamento de aulas e atividades

13 https://educacaovigiada.org.br/

14 Informações disponíveis na Google for Edu https://edu.google.com/intl/pt-BR/products/classroom/?modal_active=none

com lembretes, possibilidade de trabalho por projetos e de escrita como a participação e compartilhamento entre os estudantes. O Google Sala de Aula ganhou ainda mais espaço em 2020, pois, foi a opção das redes de ensino para continuidade das aulas em caráter remoto.

A chegada da internet trouxe diversas expectativas e possibilidades, no entanto, consequências, e ocasionalmente podem ser negativas. Não à toa, acompanha-se recentemente ataques a sistemas de segurança nacionais e internacionais, crimes virtuais direcionados a pessoas e a seus perfis, denúncias de espionagem, e conceitos como *hacker, cracker, ciberconflitos, ciberbullying* passaram a fazer parte das análises sobre as relações virtuais pela internet. É importante mencionar ser a internet e as redes sociais espaços em disputas e podendo resultar em conflitos até mesmo crimes. Quando a educação passa a ser atravessada por aparatos tecnológicos não só seus sistemas são passíveis destas possibilidades como os profissionais da educação e os estudantes ficam vulneráveis a situações inconvenientes ou conflituosos.

Um caso emblemático nesse sentido foi protagonizado pelo jovem estadunidense Kevin Mitnick, na década de 80, ele acompanhou o surgimento da internet. Curioso e habilidoso no trato de máquinas e na telefonia, ao participar de uma aula sobre computação, foi desafiado a elaborar um programa, não tardou para cumprir com a tarefa e tirar nota máxima na atividade. Com isso, descobriu um novo gosto, utilizar os dispositivos da internet, recém-criada, e invadir sistemas. As primeiras invasões do jovem foram ao sistema de transporte, e ao sistema escolar conforme ele detalha em entrevista:

> "No fim do Ensino Médio, deixaram eu assistir a uma aula de ciência da computação na *Monroe High School*. Para lhe dar uma ideia da tecnologia naquela época, usávamos um modem acoplador acústico e um terminal de teletipo. Então quando você escrevia programas em Basic e Fortran no computador, você os digitava no teletipo e podia ouvi-lo disparar enquanto formava seu programa. Era quase como mágica para mim. Eu poderia escrever programas nesse terminal que se conecta a este cérebro computacional que o manda fazer o que eu quiser.
> Mas de volta à aula. Tínhamos um professor que nos deu uma tarefa para escrever um programa em Fortran para encontrar os 100 primeiros números da sequência de Fibonacci. Achei um desafio bem tedioso. Em vez disso, escrevi o primeiro programa de *phishing*. Batizei ele de "Login Simulator". De volta, quando um aluno ou professor fosse se logar no computador, ele escreveria *"Hello"* e o computador então pediria para que a pessoa entrasse com seu número da conta e senha. Dali, o meu programa simularia aquela

> tela de login, guardaria a informação em um arquivo e então registrá-los de modo que eles nem percebessem. " (MITNICK, 2012)

Por meio dessa entrada no sistema escolar, muitos afirmam que o jovem tenha alterado notas dos alunos da escola. A atividade de Mitnick foi se ampliando até ele conseguir entrar em sistemas de segurança nacional nos Estados Unidos e de várias empresas. É então, que o Departamento Federal de Investigação dos Estados Unidos (FBI) passa a buscar o jovem como um criminoso potencial, e se torna uma das pessoas mais procuradas pelo departamento. Preso em 1995 e detido até 2000, ficou nesse período, um ano recluso na solitária por ser considerado uma ameaça. Mitnick, ao sair da prisão, passa então, a desenvolver uma empresa de segurança de dados na internet. Hoje, a empresa possui sede no Brasil, pois conforme ele, o país é um dos que mais possuem ataques e crimes no ciberespaço[15].

Invasões a sistemas são uma das facetas decorrentes do uso da internet, existem outras situações que preocupam, e podem estar relacionadas a educação e espaços escolares. Por isso, ao estudar os espaços virtuais deve estar atento não só as promessas ofertadas pelo ambiente virtual, mas também a suas consequências, e seus extremos, como situações de violência.

Não são raros os casos de veiculados de violências que ocorrem na escola, sabe-se que a escola é espaço de ocorrência do conflito. Desta forma, a violência no contexto escolar, é um fato, é dinâmico e é diverso. O espaço escolar tem por objetivo promover a aprendizagem, por meio dela vislumbra promover relações pautadas pelo respeito, e na formação de um indivíduo capaz de transformar a si e seu entorno, um caso de violência além de romper este processo, pode acarretar diversas consequências a quem vive uma situação como esta. Logo, olhar atentamente para esta pauta, deve ser citado.

Em 1999 um caso emblemático apresentou ao mundo a importância deste tema, foi o conhecido caso de Columbine – Littleton, Estados Unidos. Em 20 de abril de 1999, Dylan Klebold (17 anos) e Eric Harris (18 anos), ambos estudantes da

---

15 A empresa de Kevin Mitnick knowbe4 adquiriu a empresa brasileira *el pescador* no ano de 2019. disponível em: https://exame.com/tecnologia/hacker-americano-entra-no-mercado-de-seguranca-do-brasil/

escola, planejaram um massacre para colegas, professores e todos que estivessem na escola naquele dia. Os jovens adentram o prédio e passam a disparar por uma hora, como resultado, foram 13 vidas perdias e 24 feridos. Estes jovens, em vários depoimentos, eram considerados tranquilos, mas eram deslocados dos colegas. Muitos afirmaram, ser Columbine o primeiro caso de ataque em resposta a situações de Bullying. (GALILEU, 2019)

Cho Seung-Hui o jovem sul-coreano fez 33 vítimas na universidade de Virginia Tech em 2007, onde estudava. Os casos mencionados chocam pela brutalidade, mas também chamam atenção pois, foram referência para outros ocorridos no mundo e no Brasil. Aqui, casos de violência tem ocorrido a décadas, e possuem diversas raízes e motivadores. Como o caso de Realengo no Rio de Janeiro em 2011, Wellington Menezes de Oliveira de 24 anos, ex-aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira, entrou no prédio da escola e atirando, tirou a vida de 12 pessoas. Em Goiânia (GO) no ano de 2017 um aluno de 14 anos, diz ter "estudado" o caso Columbine e entra em sua escola com uma arma e faz duas vítimas, segundo o autor dos disparos, ele sofria bullying dos meninos que estavam sob sua mira. (EL PAIS, 2019)

Suzano em São Paulo ficou em choque quando em 2019, dois jovens – um deles aluno - da Escola Estadual Raul Brasil entram na escola munidos de arma, bombas caseiras e uma besta (espécie de arma medieval), fazem 10 vítimas. A polícia ao investigar o caso, suspeitou que foi planejado e recebeu apoio de comunidades na *deep web*. Estas comunidades (chamadas de *chan*) fazem parte de um subcampo da internet, onde buscadores tradicionais como Google não possuem acesso. A *dark* web, como são conhecidos esses espaços por serem de difícil rastreamento, permitem maior "liberdade" para quem faz parte destas comunidades de expressarem e debaterem temas que em uma rede social como Facebook, Instagram, por exemplo, causariam polêmica ou seriam consideradas crime, cabendo exclusão das postagens pelas empresas responsáveis das redes. Nessas comunidades, além do espaço para expressar raivas, preconceitos e demais sentimentos, existe a possibilidade de ocultamento da identidade o que permite ao indivíduo se sentir à vontade para destilar suas opiniões. A *deep web* não é considerado um espaço da ilegalidade, pois, é utilizada para diversos fins, o que tem chamado atenção nos últimos tempos são as comunidades e teor dos debates

presentes neste ambiente. (Post Brasil, 2019) Estes revelam a relação entre a internet e as violências que ocorrem nas escolas e em sala de aula.

Em 2018 no Centro Integrado de Escola Pública Mestre Marçal (CIEP) em Rio das Ostras (RJ), quatro alunos hostilizaram o professor de Língua Portuguesa, após a aplicação de uma atividade avaliativa. A cena foi gravada e viralizou nas redes sociais. Os quatro alunos, rasgaram a atividade, jogaram no professor, o ameaçaram, fizeram piadas, o empurram, toda essa ação filmada e compartilhada nas redes sociais por eles. O professor não reagiu, pegou seu material se retirou da sala de aula, pediu auxílio a direção da escola que se omitiu, e disse a ele para procurar a secretaria de educação para encaminhar e buscar soluções ao caso. Em entrevista ao Jornal Bom Dia Rio de Janeiro em 21 de agosto de 2018, o professor diz ter tido consequências e impactos psicológicos, pois se sentiu desamparado diante de tudo que viveu. Mas afirmou no final da entrevista "Professores e alunos pedem ajuda". (G1, 2018)

No dia 21 de agosto de 2017 a professora Marcia Friggi foi agredida por um de seus alunos da turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de Indaial, Santa Catarina. Na ocasião, realizava-se o primeiro dia de aula com a turma, a professora solicitou algumas atividades e para realizá-las a turma deveria utilizar o livro didático. A professora então, pede para o adolescente – envolvido no caso - colocar o livro sobre a mesa para continuar a atividade, ele responde discordando da professora. Ela, solicita que o adolescente se retire da sala, enquanto saía o mesmo lança o livro didático na direção dela. A professora Marcia Friggi o conduz a direção da escola e enquanto relatava a situação a direção o adolescente a acerta com um soco, seguido de outro. A direção da escola coloca os dois em ambientes distintos, enquanto o adolescente era atendido pela direção, a professora fez fotos de seu rosto após a agressão, ela estava sangrando, e com a face machucada. Em seguida a professora decide por colocar as imagens juntamente com um texto na sua rede social (Facebook). A partir desta postagem a professora teve sua imagem compartilhada e o caso recebeu relevância nacional. Muitos programas e jornais veicularam, além de muitos comentários ocorreram na postagem realizada por ela em sua rede social.

A professora registrou boletim de ocorrência, fez exame de corpo delito, foi afastada de suas funções por seis meses e retomou as atividades no ano de 2018.

O adolescente ficou internado por dois meses em uma casa de detenção para menores, após a sua saída ainda prestou serviços à comunidade, ele e sua família passaram a morar em outra cidade após o ocorrido. Este caso corrobora com os dados anteriormente apresentados que apontam ser a violência no espaço escolar algo presente no cotidiano de estudantes e professores. Mas, o que torna este caso intrigante é sua repercussão nas redes sociais, ambos professora e estudante, passam por um segundo momento de exposição e hostilidade, os dois são agredidos por comentários de internautas. Comentários que pedem para o adolescente ser punido fisicamente, e outros que colocam a professora como merecedora de tal violência, comentários estes entendidos aqui como discursos de ódio.

Uma pesquisa rápida com o nome da professora Marcia Friggi no Youtube (plataforma de vídeos) revela que o caso teve repercussão nacional, sendo possível visualizar reportagens elaboradas por emissoras de televisão de alcance nacional como Record, SBT, mas também o caso foi comentado por Youtubers e demais comunicadores. Ao digitar o nome da professora no Youtube o primeiro vídeo possui mais de 36 mil visualizações, o vídeo intitulado “Dois pesos e duas medidas da Professora Marcia Friggi” foi produzido por um programa de rádio que transmite ao vivo a professora comentando o caso, é possível perceber que o vídeo foi recortado, evidenciando uma fala polêmica da professora. A rádio teria conseguido, dias após a agressão, uma entrevista via telefone com Marcia Friggi, e os apresentadores do programa a questionam sobre comentários, postagens e preferências políticas da professora presentes em sua rede social e procuram relacioná-las a violência sofrida por ela em sala de aula, atribuindo outro viés ao caso de violência vivenciado pela professora, que fica irritada com a situação e desliga o telefone em meio a entrevista.

Ainda no Youtube a reportagem realizada pela emissora SBT descrevendo o caso da professora, o vídeo possui mais de dez mil visualizações, há também o vídeo produzido pela emissora Record, também disponível na plataforma, que possui mais de mil visualizações, neste vídeo há a entrevista com a professora relatando o caso, é possível obter informações sobre o adolescente envolvido na situação. Outros vídeos disponíveis na plataforma trazem a descrição do caso, assim como comentários acerca da violência ocorrida. Dentre os demais vídeos

disponíveis o canal Moscoso com o título "Professora Agredida" traz a opinião do responsável pelo canal sobre o caso, o vídeo conta com 131 mil visualizações até a data do acesso. O rapaz comenta sobre duas situações de agressão uma sofrida por líderes políticos e, outra, a agressão sofrida pela professora. Neste vídeo, o responsável pelo conteúdo, comenta que a violência sofrida pela professora, tem o mesmo peso que a violência sofrida por figuras públicas como representantes políticos, e alerta que devemos estar atentos as defesas que fazemos de determinadas situações nas nossas redes sociais. Esta afirmação deve-se ao fato de o responsável pelo canal ter visto no Facebook da professora Marcia Friggi postagens dela sobre situações de agressões direcionadas a políticos. Então, ele procura correlacionar em seu vídeo seguintes fatos, as agressões comentadas pela professora direcionadas a políticos que seriam por ela defendidas em sua rede social, ao mesmo tempo que a professora denunciava a agressão sofrida.

Vários outros vídeos estão disponíveis sobre o tema, evidenciando a repercussão do caso, seja pelas emissoras de televisão quanto pelas redes sociais. Conforme reportagem "Algoritmo da Ágora" de janeiro de 2020 de Bernardo Esteves disponível na Revista Piauí, são vistos por mês uma média de 1,9 bilhão de vídeos pela plataforma Youtube, são 500 horas de conteúdos inseridos por minuto na plataforma, estes dados nos dão uma dimensão de como um vídeo ali disponibilizado pode ter imenso alcance, não é diferente com o caso aqui analisado. Sendo o Brasil o terceiro país com acessos a vídeos do Youtube, é o que apontou a pesquisa *Video Viewers* encomendada pelo Google. Conforme a reportagem da Revista Piauí "[...]o consumo de vídeo online já rivaliza com o da tevê no Brasil, e a diferença fica menor a cada ano. [...]" Dados da pesquisa *Video Viewers* em 2019 apontam que o brasileiro despendeu 20 horas semanais acompanhando a programação da TV e 27 horas online, no Youtube. Dados como este são relevantes para compreender a importância da internet na repercussão e qual sentido se dá para casos como da Professora Marcia Friggi.

Estes são alguns exemplos de como a internet pode evidenciar ou ampliar conflitos, situações inconvenientes e até mesmo violentas. Demonstrando a faceta obscura do espaço virtual. Além disso, casos de violência em relação a professores e alunos não são novidade no Brasil, a internet tem sido uma janela para o debate sobre esses temas. A pesquisa Internacional sobre Ensino e

Aprendizagem a TALIS (Talis – *Teaching and learning International Survey*) encomendada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A pesquisa é realizada desde 2008, como fonte de dados complementares a *Programme for International Student Assessment*, ou Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa). O objetivo dela é encontrar razões para explicar as disparidades nos resultados do PISA, razões estas que não sejam apenas relacionadas ao conteúdo presente na prova, e o desempenho dos participantes nestas. A pesquisa consiste em entrevistas com professores e gestores escolares para o levantamento de informações sobre funcionamento da escola, ambiente de trabalho, estrutura e formação profissional. A primeira edição foi realizada com 24 países contando com a presença do Brasil. Na segunda edição ocorrida em 2013 o Brasil prosseguiu fazendo parte dos países pesquisados, nesta edição 34 países passaram a fazer parte da TALIS.

Os dados revelados pela TALIS 2013 apontam um índice maior de situações de violências nas escolas brasileiras. Diante destes dados o Brasil passou a ser considerado o líder mundial na violência contra o professor. Segue passagem do relatório da pesquisa:

> No Brasil, mais de um terço dos professores (34%) estão em escolas cujos diretores afirmam que verificam intimidação ou ofensa verbal entre os alunos semanalmente. Esse é o maior percentual verificado entre os países participantes da pesquisa. O Brasil (12%) e o México (13%) apresentam também o maior percentual com relação à frequência de ocorrências de vandalismo e furto. (TALIS, 2013, p 16)

Conforme a pesquisa em torno de 15 mil professores foram selecionados para participar, pouco mais de 14 mil professores responderam o questionário, a partir das respostas verificou-se o clima em relação ao ambiente de trabalho. Além dos professores, os diretores responderam os questionários da TALIS, e nestes questionários ficaram evidentes situações de violência como parte do cotidiano escolar, segue tabela do relatório da pesquisa:

No gráfico acima observa-se recorrente situações de violência relatadas pelos diretores. O Brasil apresenta dados acima da média estabelecida pela pesquisa, chamando atenção para a "Ofensa Verbal a Professores" sendo 3,4 a média mundial e o Brasil apresentaram a média de 12,5 pontos. Denotando uma relação entre professores e alunos conturbada, merecendo atenção e maior pesquisa na área. Ao observar o gráfico a "Intimidação entre Alunos" apresenta 34,4 pontos correspondente a média brasileira, sendo 16,0 pontos a média mundial, os dados demonstram que a relação entre alunos é permeada por um clima de tensão. Sabe-se que toda situação de violência, ou ameaça interfere no trabalho do professor, e no desempenho do aluno. Logo, a violência deve ser tema de constantes estudos para o entendimento das relações existentes nas escolas, quais motivos desencadeiam situações de violência, só então, é possível prospectar ações para enfrentamento e prevenção destes fatos.

Para fins deste estudo procurou-se por meio das situações descritas de que forma a internet e seus artefatos têm circundado o ambiente escolar. Neste ano, devido a chegada da pandemia, a internet foi o recurso para a continuidade das atividades educacionais, em todas as suas modalidades. Mas uso dela já vinha se mostrando como algo importante ao analisar o ensino, e a aprendizagem.

CAPÍTULO 3 – EDUCAÇÃO E INTERNET: O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA PANDEMIA

4.1 CAMPO DE PESQUISA E COLETA DE DADOS

O intuito deste trabalho foi ampliar o entendimento sobre os contornos da pandemia no processo de ensino, particularmente, com vistas ao uso de plataformas digitais adotadas para possibilitar a continuidade do ano letivo, analisando uma escola de ensino médio da rede pública estadual de Santa Catarina. O tema além de urgente, redefiniu a prática do ensino ao adotar plataformas digitais. Os impactos precisam ser acompanhados e merecem a observação atenta de diversas áreas e perspectivas, pois, pode deixará consequências a serem enfrentadas pela educação. Compreende-se que dedicar-se a este processo pode revelar alguns aspectos da relação educação e os usos da internet na contemporaneidade, relação esta estreitada no contexto da pandemia. Lançar luz sobre cotidiano escolar, consciente de sua multidimensionalidade e do momento particular atravessado pela educação, se faz necessário, pois, além de campo de pesquisa, é ao mesmo tempo refletir sobre o espaço de atuação do professor de sociologia, pertencente a este universo.

Feitas estas ponderações, a pesquisa desenvolvida partiu da seguinte questão: Que percepções apresentam alunos de Ensino Médio de uma Escola da rede estadual de Santa Catarina sobre o uso de plataformas digitais no período da pandemia de coronavírus?

A questão levantada foi o horizonte de pesquisa, dela derivam os conceitos e procedimentos necessários para responder a problemática do ensino, impactado pela suspensão das aulas presenciais. Tendo observado o prolongamento da suspensão das atividades presenciais evidente que este processo acarretará impactos não só ao ensino, mas também a aprendizagem, logo, tornando-se importante a análise dele, por diferentes áreas. Para averiguar estes impactos optou-se por busca junto aos alunos a suas percepções sobre a experiência das aulas intermediadas pela plataforma virtual.

Tendo a questão inicial como guia, o segundo momento de reformulação do projeto de pesquisa se deu na revisão bibliográfica, buscando autores e reflexões que explorem a temática educacional e sua relação com o uso de plataformas digitais e/ou internet. Além da busca por documentos, dados, normas que possibilitaram, autorizaram e implementaram o uso de plataformas digitais na educação em contexto pandêmico no Brasil, mas fundamentalmente a descrição da adesão e efetivação delas na rede estadual de ensino de Santa Catarina. A pesquisa parte do levantamento de informações, conceitos, e documentos legais e material jornalístico como princípio, e através deste momento passa-se a elaboração de hipóteses e conceitos temporários para equipar o pesquisador quando for a campo coletar seus dados.

Com base nestes primeiros dados, buscou dialogar com a escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega localizada na cidade de Rio negrinho – SC para ser a base empírica da pesquisa. A escola foi escolhida por ser a maior do município, e espaço onde atua a mestranda proponente deste projeto, entendendo a possibilidade de acompanhar e acessar o cotidiano da escola e os dados referente a este período. Para a coleta de dados fez-se a busca de informações sobre como transcorrem as aulas ao longo da pandemia com a equipe diretiva da escola, e aplicação junto a alunos do Ensino Médio de questionários via *Google Forms* para que possam expressar suas percepções sobre o ano letivo, especificamente sobre o uso das plataformas digitais, neste caso Google Sala de Aula (Classroom), e como visualizam estas transformações na aprendizagem e na sua relação com a escola. A escolha pelos alunos se dá por eles serem os sujeitos da aprendizagem, e a quem destina-se o trabalho do ensino, e sendo o Ensino Médio a etapa final da educação básica, as percepções destes alunos podem lançar apontamentos e desafios futuros. O questionário foi elaborado abordando temas referente ao cotidiano dos alunos, a rotina de aulas utilizando a plataforma, a relação e comunicação com a escola e com os professores, tempo dedicado as aulas e espaço para depoimento sobre como sentiram e avaliaram o ano letivo de 2020.

Para responder as questões e objetivos levantados inicialmente por esta pesquisa, foi organizado e aplicado questionário com alunos de ensino médio da Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega. A escola é local de atuação enquanto professora da proponente deste estudo. O questionário foi encaminhado aos alunos

via *Google Forms*, com autorização e apoio da direção escolar. Dado o contexto de pandemia esta escolha foi não só viável no momento vivido, como a que conseguiria atingir um número pertinente de respostas contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa.

Quando lançado o questionário o objetivo foi observar e analisar a luz da avaliação dos alunos como a pandemia impactou as relações com escola, com os professores, como se deu o processo de ensino, e de aprendizagem ao longo deste período. Além de buscar maiores informações sobre esse momento ímpar vivenciado por todos no ano de 2020. Entende-se necessário pesquisar os alunos, pois, as medidas para realização e continuidade das aulas no contexto pandêmico não contou com a participação deles, porém, são estes alunos pertencentes a etapa final da educação básica que podem dar indícios sobre os desafios herdados pela educação após a pandemia. Ademais, os alunos podem oferecer pistas sobre como a internet e suas ferramentas quando utilizadas nos espaços educacionais.

O questionário foi aplicado entre os meses de outubro e novembro de 2020, ao final computadas duzentas e setenta e uma respostas. Constavam no questionário trinta e duas questões, tendo como temas a pandemia, o uso da plataforma Google Sala de Aula - *Classroom* para realização das aulas, descrição e parecer sobre a experiência de estar distante da escola em um momento que exigia distanciamento social, dentre outras questões. Para realizar a análise do questionário, as questões foram divididas por sessões, sendo elas:

- Caracterização e Identificação do Campo de Pesquisa
- Sobre o Ensino Remoto ao longo da Pandemia
- Das aulas, dos Professores e das Avaliações
- Das Percepções, Sentimentos e Depoimentos dos Alunos
- Da Juventude e a Pandemia

O questionário por ter sido produzido e aplicado via *Google Forms*, a própria plataforma organiza os dados adquiridos a partir das respostas e os reproduz na forma de gráficos, estes estão dispostos a seguir. Para auxiliar nas análises das questões abertas presentes no questionário valeu-se das possibilidades ofertadas pelo aplicativo *Voyant Tools*, o mesmo, é um sistema gratuito e livre, que permite

organizar, contabilizar, produzir gráficos e nuvem de palavras. O *Voyant Tools* é uma ferramenta online de análise de texto, mostra termos e palavras que se interligam, destaca como os termos são citados frequentemente no texto. Por essas possibilidades de visualizar o que de mais latente faz parte das respostas é que o aplicativo foi utilizado como apoio na análise e mineração dos dados deste questionário. [16]

Após realizada a coleta de dados, ocorreu a organização e análise, por meio de elaboração de gráficos, tabelas e descrição das respostas recebidas dos alunos, esse movimento se dará à luz da bibliografia previamente levantada, e se mobilizará demais autores, conceitos e reflexões conforme necessário, e considerado necessário a partir da coleta de dados.

O objeto de pesquisa se caracteriza pelo olhar sobre o cotidiano, o ordinário, a prática docente e a recepção dela por meio do uso das plataformas digitais. Esse cotidiano escolar, ora consolidado, teve suas estruturas alteradas pela pandemia e pela virtualização do ensino. Esse olhar para o cotidiano se dá em um momento de profunda mudança para atender uma necessidade urgente, e todo esse movimento tem impacto no agir, no desenvolver, na organização das aulas, isto é, na prática docente e na sua relação com os alunos.

O objeto de pesquisa ascende como possibilidade de sanar uma inquietação, aflição e/ou interesse do pesquisador, pois, o mesmo, possui uma relação direta com o objeto, por vivenciá-lo diariamente. Desta forma o pesquisador possui proximidade e imersão no que se propõe a analisar. Os dados assim que coletados irão revelar percepções sobre o cotidiano escolar que exigirão análise, refinamento teórico e mobilização de conceitos para melhor descrevê-los. Logo, exige um segundo momento de revisão bibliográfica. Coadunando com a descrição de pesquisa feita por Deslaureis (2008):

> ”A tarefa do pesquisador qualitativo consiste, assim, interpretar os conceitos provenientes do campo de pesquisa, para dar-lhes uma forma que se inscreve, ela própria, na tradição científica. Este paciente trabalho de construção passa pelo estabelecimento da relação entre o detalhe cotidiano, e mesmo banal e a estrutura global que lhe confere sentido. ” (DESLAUREIS, 2008, p. 143)

16 As questões que fazem parte do questionário encontram-se nos Anexos.

O movimento de mobilizar a bibliografia já consultada ou de trazer novas referências para o processo de análise é o que permite construir sentido aos dados coletados, e aos processos observados durante o trabalho empírico. Por essas constatações e dinâmica, este trabalho se caracteriza enquanto uma pesquisa de caráter qualitativo.

O campo de estudo do pesquisador pode ser sua zona de conforto quando opta por trabalhar com aquilo que é do seu convívio ou faz parte dos grupos que ele participa, conhecendo os sujeitos, os costumes e a linguagem, logo há uma tendência a conseguir desenvolver a pesquisa sem grandes intempéries. Diferente, da pesquisa com outras culturas ou espaços distantes da realidade vivida pelo pesquisador, em que o pesquisador deve ser aceito pelo grupo cuja pesquisa se debruçará, sendo o primeiro e grande desafio a ser conquistado. Mas, alerta Cicourel (1980) é preciso estar atento para a imersão no campo não impedir a análise objetiva dele, ou a interferência de valores pessoais ao olhar as relações presentes na realidade que se pretende estudar. Assim, o olhar sobre o cotidiano escolar, espaço onde atua como professora, será também campo de pesquisa, exigindo a reflexão constante sobre si e sobre o trabalho realizado, procurando reduzir a parcialidade ao observar o já conhecido, sem torná-lo banal.

Para Melluci (2005) nas últimas décadas ocorreu revalorização da pesquisa qualitativa, isto deve-se a mudanças observadas na contemporaneidade que impactam as relações sociais, e exigem interpretações. Correntes teóricas e diversos autores têm defendido a pesquisa qualitativa, bem como o setor público ao traçar políticas tem buscado nessas pesquisas suporte teórico. O olhar qualitativo para o contexto social exige uma preocupação com a linguagem que permita verificar quem está falando e do lugar de onde se fala; e o cuidado do observador ao adentrar no campo, pois, aquele que observa também integra o espaço observado. E como parte do campo, o pesquisador produz conhecimento sobre e para o espaço pesquisado, é um duplo movimento, importante e necessário. Portanto, se tem a clareza dos desafios em relação a pesquisa de campo no local já conhecido, e, além disso a importância de estar atento para elaboração de análises sobre esta realidade.

Tendo a pesquisa sido reformulada a partir de setembro de 2020, após a retomada das atividades da Universidade Federal do Paraná - UFPR. No mês de

outubro foi realizada a readequação do texto, recomposição dos objetivos de pesquisa, e previamente elaborada revisão bibliográfica, além do contato com a escola a ser realizada a pesquisa de campo, e ainda elaborado questionário a ser aplicado. Para o mês de novembro, foi aplicado questionário, o levantamento de dados documentais, e apresentação do projeto para a análise e qualificação. Após esse período, passou a ser organizado os dados coletados, análise deles, e a produção do texto a luz da bibliografia mobilizada. E então, preparação e elaboração do texto final, que se caracterizará na forma de uma dissertação.

4.2 ENSINO REMOTO NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO MANUEL DA NÓBREGA - IDENTIFICAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega encontra-se na cidade de Rio Negrinho, faz parte do planalto norte de Santa Catarina. Ela é composta por diferentes modalidades de ensino tais como: Ensino Médio Regular, Ensino Médio Inovador (EMI), Ensino Médio Noturno, Curso Técnico Magistério, e ainda cede salas de aula para a realização da Educação de Jovens e Adultos. No ano de 2020 a escola possuía 1058 matrículas dispostas nas modalidades descritas anteriormente. Por se localizar no bairro central a escola recebe alunos de diversas localidades do município, além de alunos residentes na zona rural.

A escola EEM Manuel da Nóbrega é exclusivamente de Ensino Médio. Ao analisar os dados nacionais, verifica-se o quão significativo torna-se aprofundar a pesquisa nesta etapa de ensino. Ao observar o número de matrículas, verifica-se ser no Brasil, responsabilidade em quase 90% da rede pública o Ensino Médio, dado esse demonstrado pela tabela abaixo.

Tabela 2 - Número de Matrículas por Rede de Ensino

ANO	Total de Matrículas Educação Básica	Rede Pública	Rede Privada	Total de Matrículas Ensino Médio	Rede Pública	Rede Privada
2018	48.455.867	39.460.618	8.995.249	7.709.929	7.125.365	584.564
2019	47.874.246	38.739.461	9.134.785	7.464.891	6.842.713	623.178
2020	47.295.294	38.504.108	8.791.186	7.550.753	6.862.064	688.689

Fonte: Censo Escolar / INEP – tabela elaborada pela autora

A tabela demonstra enquanto a educação básica em um contexto geral tem diminuído o número de matrículas, e muito se deve por questões demográficas, o Ensino Médio por sua vez, nos últimos anos teve um leve aumento no número de matrículas. Isso, revela um acréscimo no número de estudantes para esta etapa de ensino. Dado importante para compor as projeções de universalização da educação. A seguir apresenta-se a taxa de rendimento escolar composta por aprovação, reprovação e abandono escolar, dados formadores do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, índice utilizado para o fomento do debate de políticas públicas. A taxa de rendimento escolar permite averiguar não só a aprendizagem por meio da aprovação e retenção, bem como a permanência dos estudantes por etapa de ensino.

O IDEB é utilizado como forma de acompanhar o desempenho das escolas, das áreas de conhecimento e assim traçar metas e planos para cada etapa de ensino. A partir de exames como ENEM, Prova Brasil e dados do Censo Escolar são formulados o IDEB de cada estado da federação e de cada escola, e a pontuação é estabelecida em uma escala de 0 a 10. Em Santa Catarina o IDEB do Ensino Médio é 4,2 pontos, e da EEM Manuel da Nóbrega de 4,1 pontos. Em relação ao índice, tanto o estado quanto a escola encontram-se abaixo da meta estipulada para a etapa de ensino que seria 5,1 pontos, conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).[17]

Ainda sobre os dados de Santa Catarina o Ensino Fundamental Inicial possui 6,5 de pontuação, enquanto as séries finais 5,1 no IDEB. Um breve comparativo entre as etapas de ensino, revelam ser o Ensino Médio merecedor não só de análise devido aos seus índices cuja breve explanação permite considerar a necessidade de investimento nesta etapa de ensino. Contudo, é preciso considerar os impactos da pandemia sobre os dados apresentados. Auxiliam na análise sobre o Ensino Médio as taxas de rendimento escolar, conforme tabela a seguir.

Tabela 3 - Taxas de Rendimento Escolar em Percentual

ANO	Taxa de Aprovação Brasil	Taxa de Aprovação Santa Catarina	Taxa de Aprovação Escola EEM Manuel da	Taxa de Reprovação Brasil	Taxa de Reprovação Santa Catarina	Taxa de Reprovação EEM Manuel da Nóbrega	Taxa de Abandono Brasil	Taxa de Abandono Santa Catarina	Taxa de Abandono EEM Manuel da

17 O IDEB e as metas estabelecidas para cada estado podem ser consultados na página http://ideb.inep.gov.br/resultado/

			Nóbrega						Nóbrega
2018	81,5	80,6	86,4	11,5	13,0	8,1	7,0	6,4	5,5
2019	84,5	79,2	82,1	10,0	14,7	12,5	5,5	6,1	5,4
2020	94,4	84,5	86,3	3,0	11,3	7,4	2,6	4,2	6,3

Fonte: Censo Escolar / INEP – tabela elaborada pela autora

Na tabela observa-se um aumento significativo do percentual de aprovação, com destaque para o ano de 2020, em termos nacionais ocorreu um aumento de dez pontos percentuais a EEM Manuel da Nóbrega acompanhou essa tendência. Isto é, durante a pandemia a aprovação dos estudantes foi positiva. Quanto a taxa de reprovação, Santa Catarina demonstra tendência ao longo dos anos de estar acima dos índices nacionais, revelando ser um estado a utilizar a reprovação como recurso pedagógico, os dados reforçam essa afirmação.

Quanto ao abandono escolar fator importante e revelador de quantos estudantes permanecem e futuramente concluem cada etapa de ensino. No Brasil o Ensino Médio tem demonstrado ligeira queda nas taxas de abandono, ou seja, os adolescentes têm concluído a educação básica, com destaque para o ano de 2020. Porém, Santa Catarina, assim como a escola pesquisada demonstram percentuais bem elevados de abandono em comparação com os dados nacionais. Inclusive a EEM Manuel da Nóbrega aumentou o abandono escolar em 2020, enquanto no estado e no país esses números apresentaram queda. A tabela referente a taxa de rendimento escolar demonstra alguns desafios existentes na educação pública brasileira, a escola pesquisada não foge a este cenário.

Juntamente com a direção da EEM Manuel da Nóbrega, foram obtidos outros aspectos que auxiliam na compreensão do funcionamento da escola ao longo da pandemia.

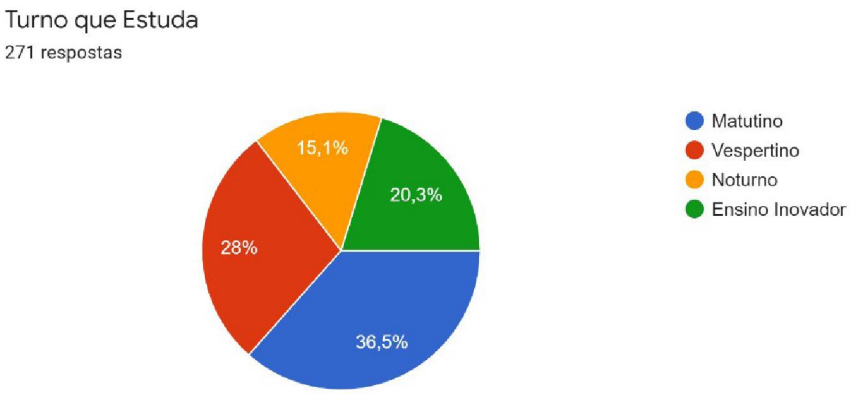
Tabela 4 - Tabela de Informações fornecidas pela direção Escolar

Número de alunos matriculados	1058
Número de turmas	37
Número de professores	53
Número de alunos reprovados	80
Número de alunos encaminhados ao Programa Busca Ativa	144
Número de alunos desistentes	68

Número de alunos que solicitaram material impresso no mês de abril 2020 (início de aulas remotas)	128
Número de alunos que solicitaram material impresso no mês de novembro 2020 (final do ano letivo)	550

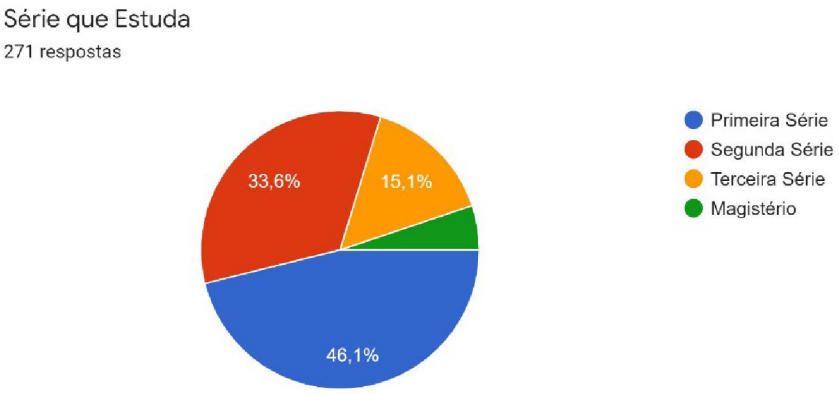
Os dados obtidos junto a direção reforçam os dados extraídos do Censo Escolar. Um número significativo de estudantes acabou não realizando atividades ou se comunicando com a escola durante a pandemia, e foram encaminhados para o Programa Busca Ativa, cujo objetivo é acionar o Conselho Tutelar para averiguar a não realização das atividades por parte dos estudantes. Outro aspecto interessante é aumento de solicitações por material impresso, podendo ser um fator de desconforto com o uso da plataforma Google Classroom, ou ainda dificuldade em utilizá-la, além de poder ser fator gerador de dificuldade na aprendizagem.

Além dos dados oficiais, no questionário aplicado com os alunos foram coletadas outras informações acerca da escola. Como apresentado anteriormente a escola possui uma diversidade de modalidades de ensino, isto é, o questionário aqui analisado, contém respostas dos diferentes universos existentes na unidade escolar. Dentre as duzentas e setenta e uma respostas, é possível perceber que alunos de diversas idades responderam ao questionário, a faixa compreendida entre dezesseis e dezessete anos de idade correspondem a maioria do universo pesquisado e das respostas recebidas.

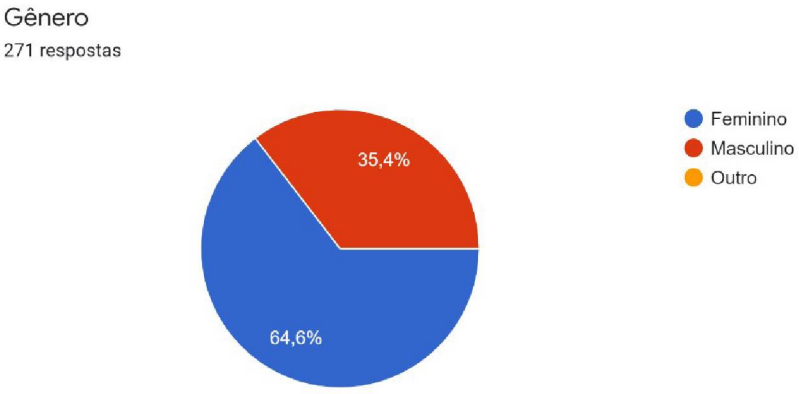


A maioria dos respondentes estava matriculado no período matutino, alunos do período noturno foram a faixa minoritária a responder o questionário. Um dado

que pode estar relacionado a baixa participação desse grupo ao longo das aulas no ano de 2020.



Alunos de primeira série foram aqueles a responder de forma significativa o questionário, além deles turmas do curso magistério também contribuíram com a pesquisa.



Quanto ao gênero as adolescentes formam a maioria das respondentes. Atenta-se para inexistência da resposta “outro” disponibilizada na questão. Na sequência foi solicitado que escrevessem a “Raça”, com a intenção de averiguar como ocorreria a autoidentificação dos alunos. Diversas respostas surgiram, em alguns casos, apareceram pontos de interrogação, reticências como respostas. Mas aqui destaca-se outras significativas respostas quanto a raça: alemão, polonês, raça brasileira, ser humano, mulata, amarelo e mestiço. Vale ressaltar que negro/negra

foram citados apenas duas vezes dentre as duzentas e setenta e uma respostas obtidas. Nenhum aluno se identificou como indígena. Alemães e poloneses são grupos que participaram da colonização da região onde se localiza a escola e o município, muitos residentes ainda se identificam fortemente como pertencentes a estas etnias. Com apoio da ferramenta *Voyant Tools* as respostas fornecidas resultaram na seguinte nuvem de palavras:

Além da identificação, foi questionado aos alunos sobre a família e quem reside na casa, sobre esta questão revelou-se ser a família composta de três a cinco integrantes em sua maioria. Em relação a quem reside na casa é válido mencionar ser as famílias dos respondentes composta por pai, mãe e filhos, famílias nucleares predominantemente.

Em relação a casa, foi indagado aos alunos se teriam um espaço adequado para estudar e 75% deles responderam sim para a questão, sendo o quarto o local da casa apontado como local de realização das atividades escolares. Além desse espaço foram citados: a cozinha, a sala, a área de festas, o sótão, o quintal. E alguns ainda responderam da seguinte forma:

"Em um lugar onde organizei para estudar"

"aonde estiver mais silêncio e eu me sentir confortável"

Os trechos acima demonstram não só a relação entre professores e alunos influenciam na aprendizagem, como o ambiente familiar. Ter uma estrutura

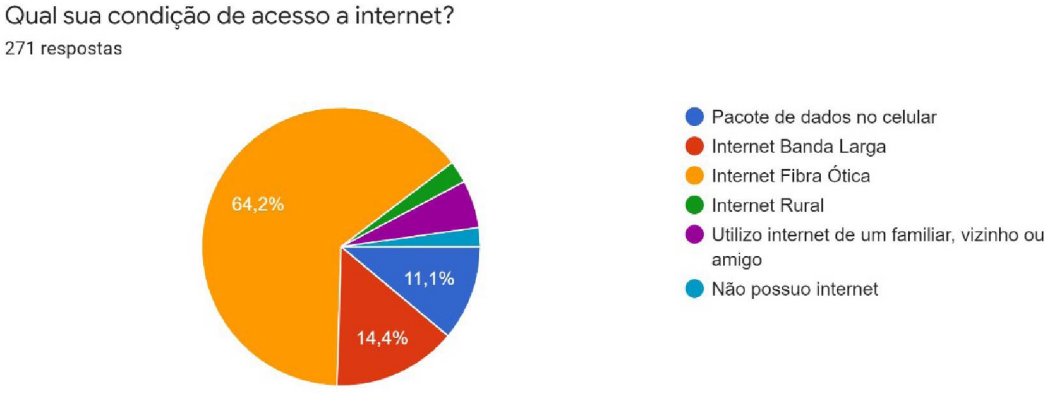
adequada para realizar as atividades e estudar são parte do processo de desenvolvimento da aprendizagem. Famílias com vários integrantes interferem na concentração dos estudantes e soma-se a este aspecto espaços adequados que possibilitem ao jovem permanecer por várias horas realizando atividades e/ou a frente do computador ou celular acompanhando as aulas em caráter remoto.

4.3 SOBRE O ENSINO REMOTO AO LONGO DA PANDEMIA

4.3.1 DO ACESSO E USO DA INTERNET

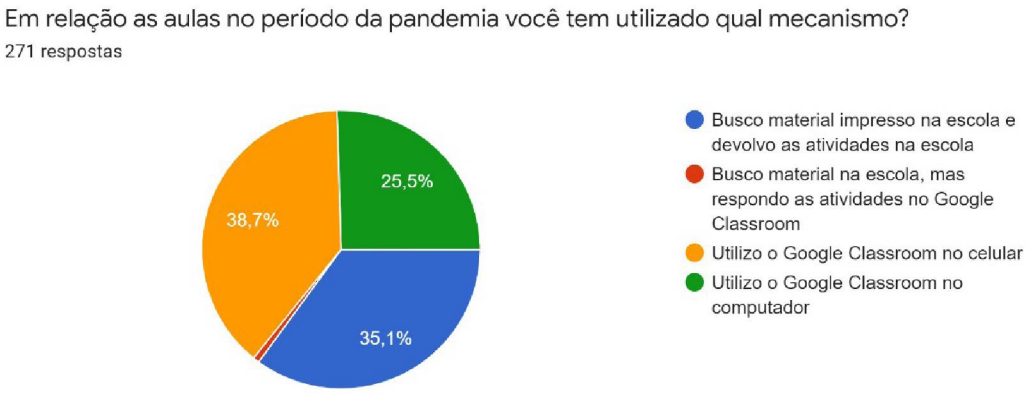
Na sequência o questionário aplicado passou a abordar a pandemia e como o cotidiano dos alunos foi atravessado por ela, bem como abordou quanto ao Ensino Remoto Emergencial proposto pela Secretaria de Estado da Educação (SED) para continuidade das aulas, além de tratar da rotina de estudos deles.

Ao iniciar o Ensino Remoto a comunicação com professores e alunos se deu por meio de redes sociais, e-mail e telefone. Assim identificar de qual forma os alunos tiveram contato com a escola e professores julgou-se importante. Por isso, verifica-se ser grande a quantidade de alunos a ter acesso a internet, mas fica evidente que mesmo pequena, um grupo não possui acesso, ou ainda compartilha com conhecidos e familiares para ter contato com a unidade escolar e para realizar a entrega das atividades. O gráfico a seguir demonstra qual a condição de acesso à internet.



Programas como Internet Rural demonstram a diversidade dos alunos matriculados na escola, pois, ao receber alunos de diversos locais, também conta com aqueles oriundos da zona rural do município. Observa-se ser o questionário encaminhado via *Google Forms*, sendo necessária internet para respondê-lo, e mesmo assim consta respostas de alunos que não possuíam acesso. Outros ainda afirmam compartilhar o acesso à internet com colegas, amigos ou familiares. Evidenciando as diferentes realidades dos alunos, além das desigualdades quanto ao acesso, podendo este fato influenciar no desempenho destes durante as aulas, avaliações e na conclusão do ano letivo de 2020. Por estas razões, alunos sem acesso à internet, poderiam ao longo da pandemia, solicitar a impressão do material junto a direção da escola, e realizar a busca dele presencialmente.

Ainda sobre a internet foi indagado qual mecanismo utilizado para participar das aulas e realizar as atividades escolares. Retoma-se aqui as informações dispostas anteriormente, quem dispunha de internet pode participar das aulas utilizando o Google Sala de Aula - *Classroom*, quem não possuía acesso à internet, a escola disponibilizou material impresso, e se necessário o espaço da unidade para realização das atividades. Sobre esta temática, o gráfico traz importantes observações:



A porcentagem de alunos a solicitar e retirar materiais de forma impressa tem quase se equiparado aos alunos que utilizaram exclusivamente a plataforma Google Sala de Aula - *Classroom*. Porém, este questionário foi encaminhado aos alunos pela internet, logo, boa parte deles apesar de acessar as informações vindas da escola, no momento de realizar as atividades de sala de aula optaram pelo material produzido pelos professores e disponível de forma impressa na escola.

Outra questão importante é ser o celular o instrumento de acesso e realização das atividades. O aparelho, ao contrário do computador tem uma dinâmica diferente de apresentação do Google Sala de Aula – *Classroom*, podendo o aparelho ser sobrecarregado pela diária postagem de avisos, atividades, vídeo aulas e demais informações inseridas na plataforma por professores e pela direção da escola. Ao acessar a plataforma utilizando o celular a cada envio de mensagem ou material, uma notificação aparece no aparelho para informar que há conteúdo disponível e para acesso do aluno. Esse fato pode ter acarretado o aumento da demanda pelo material impresso.

A Pesquisa TIC Domícilio é realizada todos os anos tendo sido feito o primeiro registro em 2005. A responsabilidade sobre a pesquisa é o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). O público entrevistado são pessoas acima de 10 anos de idade, das áreas urbanas e rurais do país. Os dados são disponibilizados na página do centro de estudos. A intenção da pesquisa é produzir dados e análises sobre a presença da tecnologia no cotidiano da população brasileira, excepcionalmente a pesquisa no ano de 2020 foi realizada via telefone. O universo da pesquisa vai desde as razões a utilizar computador, celular, até a habilidade no manuseio das tecnologias. Na sequência são apresentados alguns dados obtidos desta pesquisa:

Tabela 5 - Domicílios com Acesso à Internet 2020

Área		**Região**		**Classe**	
Urbana	86%	Sudeste	86%	A	100%
		Nordeste	79%	B	99%
		Sul	84%	C	91%
Rural	65%	Norte	81%	D	64%
		Centro-Oeste	81%	E	

Fonte: Cetic.br tabela elaborada pela autora[18]

Os dados permitem algumas afirmações o acesso à internet no Brasil não é algo consolidado e universal. Existem diferenças regionais em relação ao acesso. Ao observar o acesso quanto as classes sociais, desigualdades são latentes, enquanto as classes A e B praticamente todos os domicílios consultados possuem

18 Acesso aos dados da pesquisa TIC Domícilio https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/

acesso à internet, essa realidade não existe nas classes D e E. Conforme notas do próprio Cetic.br as desigualdades em relação ao acesso são percebidas todos os anos nesta pesquisa. No entanto, do ano de 2019 para 2020 ocorreu um crescimento no percentual de acesso no país, sendo na área urbana de 75% para 86% de domicílios com acesso à internet. Na região sul, onde encontra-se a escola campo desta pesquisa, o percentual de crescimento do acesso de 2019 para 2020 foi de 73% para 84% dos domicílios pesquisados.

Tabela 6 - Domicílio com Acesso à Internet Por Tipo de Conexão – Por Região (%)

Tipo Região	Discada	Banda Larga	Conexão Via Cabo TV/Fibra	DSL Linha Telefone	Rádio	Satélite	Móvel Moden Chip 3G/4G	Não Sabe
Sudeste	1	77	55	6	2	4	24	8
Nordeste	1	68	55	3	3	7	21	11
Sul	1	79	67	5	4	2	15	5
Norte	2	66	52	5	2	6	27	6
Centro-Oeste	1	66	50	5	6	6	26	7

Fonte: Cetic.br tabela elaborada pela autora[19]

Quando analisado o tipo de conexão existente no país verifica-se a banda larga ser o caminho adotado pelos brasileiros, seguido das redes móveis, utilizando o celular para conectar a internet. Este dado reforça o fato de os alunos ao realizarem o ensino remoto utilizar mais o celular para responder as atividades e acompanhar as aulas. E ao utilizar o celular para acessar a plataforma Google Sala de Aula – *Classroom*, a interface é diferente se comparada ao computador, podendo sobrecarregar o aparelho, além de rapidamente utilizar os dados da internet móvel. Um fator que pode explicar solicitação de materiais impressos na escola aqui pesquisada.

Tabela 7 - Domicílio com Acesso à Internet Por Tipo de Conexão – Por Classe (%)

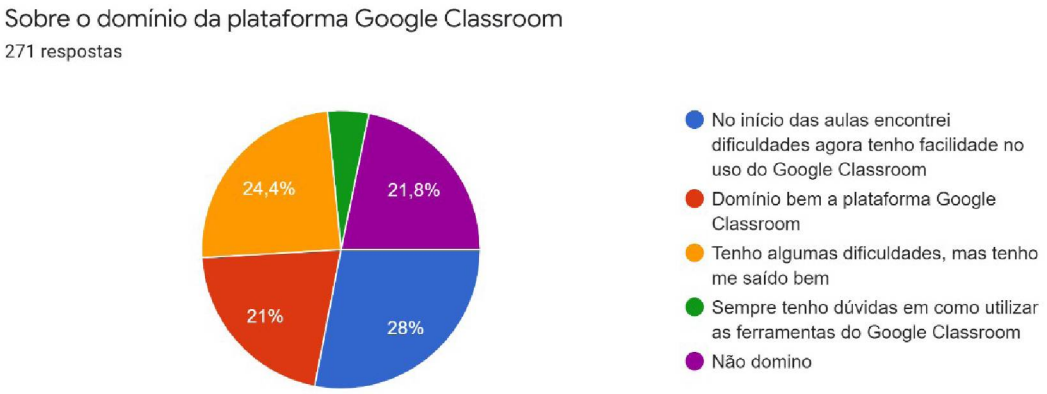
Tipo Classe	Discada	Banda Larga	Conexão Via Cabo TV/Fibra	DSL Linha Telefone	Rádio	Satélite	Móvel Moden Chip 3G/4G	Não Sabe
A	0	89	83	5	0	2	9	2
B	0	84	74	7	2	2	13	3
C	1	70	56	6	3	4	21	8
D/E	2	52	38	2	4	9	33	14

19 Acesso aos dados da pesquisa TIC Domícilio https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/

Fonte: Cetic.br tabela elaborada pela autora[20]

Ao adotar o Ensino Remoto como mecanismo de continuidade das aulas em 2020, já se colocou anteriormente que esse modelo de ensino encontrou a educação repleta de situações ainda sem resposta, a desigualdade talvez seja a mais célere. A tabela acima demonstra essa afirmação. Enquanto, as classes A e B possuem boas formas de conexão à internet como banda larga e fibra ótica, as classes D e E possuem acesso à internet, mas nem todos com qualidade como a internet discada, a rádio e tem quem não sabe o tipo de internet que possui, sem esquecer o percentual de brasileiros sem acesso. São dados alarmantes, pois, incidem diretamente na participação dos jovens nas aulas e na possibilidade de realizarem as atividades solicitadas. A nota do Cetic.br reforça as desigualdades existentes quanto o acesso à internet ao longo dos anos, mesmo em 2020 o acesso tendo aumentado, e a nota ainda coloca que 90% dos adolescentes de 10 a 15 anos utilizaram a internet para atividades escolares, denotando a importância do acesso, e quanto as aulas em 2020 foram virtualizadas. Ainda na nota do centro de estudos a população entrevistadas apontou o valor da conexão como o principal impedimento a compra de um plano de internet residencial, informação que reforça como as questões econômicas têm ligação com a educação no país, sobremaneira na manutenção das desigualdades existentes.

Esse debate pode ser endossado pela questão a seguir, quando solicitado o domínio sobre a Plataforma Google Sala de Aula - *Classroom.*



20 Acesso aos dados da pesquisa TIC Domícilio https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/

Ao responder os alunos demonstraram que apesar de estarem constantemente utilizando a internet em seu cotidiano, quando escolhida a Google Sala de Aula - *Classroom* para a continuidades das aulas, muitas dificuldades foram encontradas por eles para manipulá-la. O questionário foi aplicado no mês de novembro, e após oito meses de aulas ainda a plataforma é um desafio para parte dos alunos. Isso fica evidente quando 21,8% afirmaram não a dominar, além de 13% dos respondentes afirmaram sempre encontrar dúvidas em como utilizar a plataforma e as ferramentas disponibilizadas pela Google. Sobrepondo o percentual daqueles que apontam dominar bem a plataforma. Dados reveladores, pois, na sequência 38,4% avaliam a experiência de uso do Google Sala de Aula - *Classroom* como razoável, enquanto 13% colocaram como excelente essa experiência.

Diante desse cenário 69,4% dos alunos pontuaram a utilização de outros mecanismos e ferramentas da internet para a realização das atividades e aulas ao longo da pandemia, como alternativa a plataforma utilizada pela rede estadual de ensino. Dentre os sites e buscadores destacam-se o uso de Brainly, Youtube (canais tais como: Stoody, Descomplica, Professor Noslen, Ferretto matemática, Débora Aladim, outros), o site Brasil Escola está entre os mais citados, alguns ainda afirmaram buscar informações nos livros didáticos, e ainda quem procure em canais de vídeos de colegas da própria escola para esclarecer dúvidas, e auxiliar no momento de estudos. Ainda há colocações de alunos que só acompanharam as páginas e canais de vídeo indicados pelos professores.

Por ter sido a internet o grande instrumento de continuidade do ano letivo em 2020, percebeu-se um uso maior dessa ferramenta no dia a dia, de professores e alunos. Quanto a isso, parte informou estar conectado para fins de aula entre 2 até 4 horas diárias. Enquanto a maioria aponta não saber mensurar o tempo que dedicou as atividades escolares, por isto, a demanda pode ter sido maior. Outro aspecto interessante trazido pela pesquisa foi em relação a realização das atividades escolares, se eram feitas em parceria com a turma e colegas utilizando ferramentas de internet como reuniões virtuais e demais iniciativas. Para esta questão 28% dos alunos atravessaram o ano letivo realizando seus afazeres escolares sozinhos, 7,7% revelaram não ter ocorrido iniciativa da turma para encontros ou demais

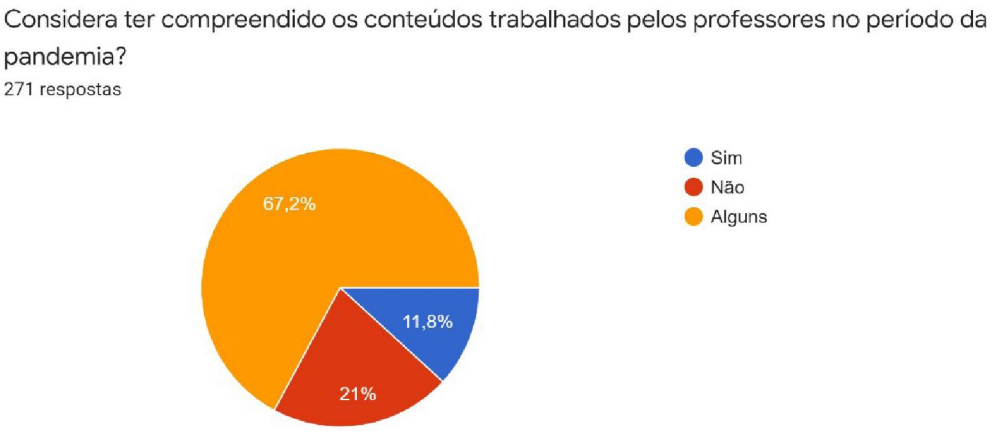
possibilidades de compartilhar informações ou auxiliar colegas nesse período, e outros 28% declararam ter contato apenas com alguns colegas de turma.

Respostas como estas possibilitam a reflexão sobre o isolamento, o quanto a escola é um espaço de socialização importante e necessário. E como as relações entre os adolescentes, bem como entre professores e alunos foi impactada pela pandemia. Reaver estas relações pode ser um dos grandes desafios para as escolas no retorno as atividades presenciais.

4.3.2 DAS AULAS, DOS PROFESSORES E DAS AVALIAÇÕES

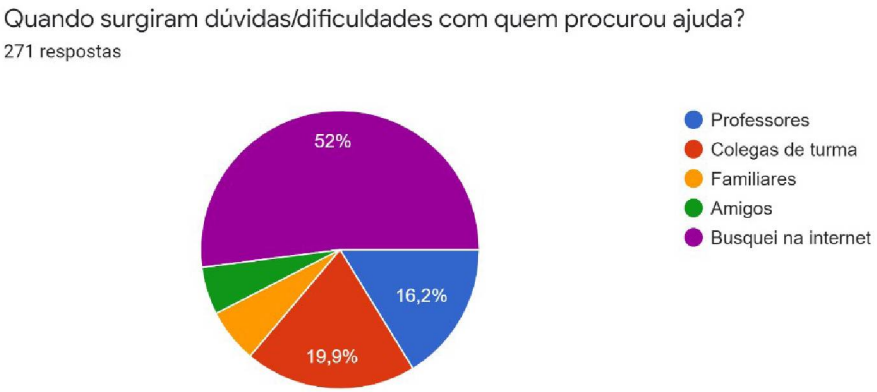
Entende-se a excepcionalidade de realizar aulas diante do contexto pandêmico. Já fora exposto a descontinuidade e desequilíbrio causado na educação brasileira referente ao ano de 2020. Apesar disso, considera-se importante analisar como os alunos observaram, sentiram e avaliaram a participação dos professores, como se deu a realização das aulas e a condução dos conteúdos programáticos.

Santa Catarina, diferente dos outros estados, a produção e organização dos materiais escolares ficou sob responsabilidade de cada professor e a supervisão foi realizada pela direção das escolas. O único espaço para acesso a estes materiais foi a plataforma Google Sala de Aula – *Classroom*, ou através do material impresso retirado diretamente na escola. Em relação a isso a parcela maior, 56% dos alunos julgaram como bons os materiais produzidos e disponibilizados pelos professores da Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega, 11% definiu como excelente, 27,7% dos alunos consideraram os materiais razoáveis e 13% escolheram a opção ruim para os materiais. Quando questionados sobre o entendimento acerca dos conteúdos trabalhados nas aulas e presentes nos materiais.

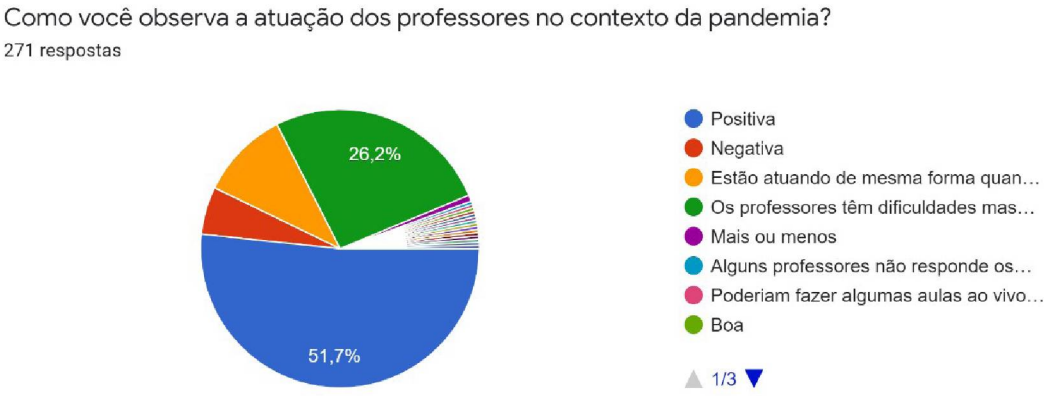


Ao observar o gráfico a porcentagem de não compreensão e de pouca compreensão demonstra um debate importante sobre os desequilíbrios que a pandemia tem deixado. Os alunos expõem o quanto a aprendizagem foi afetada no ano de 2020, conforme dados já levantados pela Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. Unir a porcentagem que compreendeu alguns conteúdos aos que não compreenderam os conteúdos transmitidos ao longo de 2020, demonstra a dificuldade na aprendizagem, podendo ele refletir no desânimo, na baixa produtividade e outros fatores observados ao longo do ano. Fato este revelador dos desafios para o ano de 2021, mas também conectado ao distanciamento dos alunos entre si, e dos professores, podendo ter deixado diversas lacunas no percurso da aprendizagem.

Em relação as dúvidas e dificuldades encontradas por eles, o gráfico abaixo traz informações instigantes.



Uma breve análise dos dados demonstra ser a internet a fonte para sanar dúvidas e dificuldades, seguido dos colegas de turma. Poucos procuraram os professores em momentos de dificuldade, esse gráfico relaciona-se aos dados sobre os conteúdos, em que os alunos demonstraram ter compreendido pouco o que fora trabalhado ao longo das aulas em caráter remoto. Fator que pode estar relacionado a realização das atividades de forma isolada, e não se sentirem tranquilos, ou não conseguirem se comunicar com a escola e/ou professores para auxiliá-los. Este gráfico é revelador quanto o impacto na relação professor e aluno, essa relação tornou-se distante, resultando em pouco diálogo entre as partes. Por estarem distantes, pela falta de canais além do pouco diálogo os alunos tiveram a aprendizagem comprometida durante o Ensino Remoto. Prosseguindo nessa temática, foi indagado aos alunos sobre a atuação dos professores em todo esse período.



Nessa questão foram dadas alternativas para a resposta, mas também teve espaço aberto para o acréscimo de respostas. Assim, nota-se a avaliação positiva dos alunos em relação a atuação dos professores, porém, acrescentaram devolutivas interessantes sobre os profissionais. Alguns alegaram pouco tempo para a resolução de atividades e avaliações, outros apontam o distanciamento entre professores e alunos como obstáculo, além da pouca comunicação, a demora na correção das avaliações, alguns citaram que em determinados momentos faltou explanação dos conteúdos considerados mais complexos gerando assim, dificuldades de compreensão. Ainda mencionaram ser os

professores indivíduos com diversas dificuldades inclusive no manuseio da plataforma.

Tal qual os alunos, os professores encontraram dificuldades na condução das aulas por diversas razões, fato percebido e reconhecido pelos alunos. A falta de contato, do detalhamento e explicação sobre as atividades e temas trabalhados, causou dúvidas e dificuldades. Reforçando a importância da presença, da troca que ocorre em sala de aula, interrompida pela pandemia. Todos esses obstáculos revelam quais questões tornam-se latentes na retomada das atividades presenciais.

Dentre as respostas existentes sobre este tema, foram selecionadas duas consideradas elucidativas:

"Os professores têm dificuldades mas estão conseguindo realizar seu trabalho, o problema mesmo é conseguir entender o conteúdo que não é igual presencial"

"A quantidade de conteudo colocado na plataforma foi de forma exagerada no início, muito mais que em sala de aula."

Ambas as respostas demonstram como o processo de ensino remoto foi complexo para alunos e professores. Ao iniciar as aulas em caráter remoto os professores pouco ambientados com plataformas digitais, com a produção de materiais, encontraram diversos obstáculos no processo. Logo, não só aprendizagem foi afetada como o processo de ensino.

Outra questão pediu para os alunos se destacariam a atuação de algum professor, alguns alunos informaram que as aulas se mantêm iguais, e teve alguns que afirmaram não ter nenhum destaque a ser feito. No entanto, dentre as respostas positivas verificou-se a importância dada a oralidade e a imagem, como estes aspectos possuem relação com a aprendizagem. Para evidenciar alguns comentários foram selecionados sobre o que consideravam importante e destacaram na atuação dos professores. A seguir algumas respostas dos alunos sobre seus professores:

"Biologia, pelo fato de se preocupar com os alunos, aprendizado de cada um a saúde e etc.. Sociologia por ter um cuidado de perguntar, a saúde da família e dar o seu melhor, na sua matéria para ensinar a cada um."

"matemática- criou canal para ajudar nas explicações"

"Gosto bastante das aulas de história, pois a professora aplica textos base onde o aluno consegue compreender perfeitamente o conteúdo, pois esses textos são bem explicados e mais resumidos, como não estamos em sala, não podemos estar sempre os questionando e acredito que isso foi um ponto bem positivo dessa matéria , na disciplina de ciências também o diferencial do professor são lives bem explicadas."

"Biologia incrível pois fazemos vídeo aulas, física a professora sempre ajuda e explica..."

"História: O professor elabora textos e atividades onde você compreende a o texto e já consegue realizar a atividade sem muita dificuldade. O entendimento dele chega a ser incrível a forma como ele é acertivo."

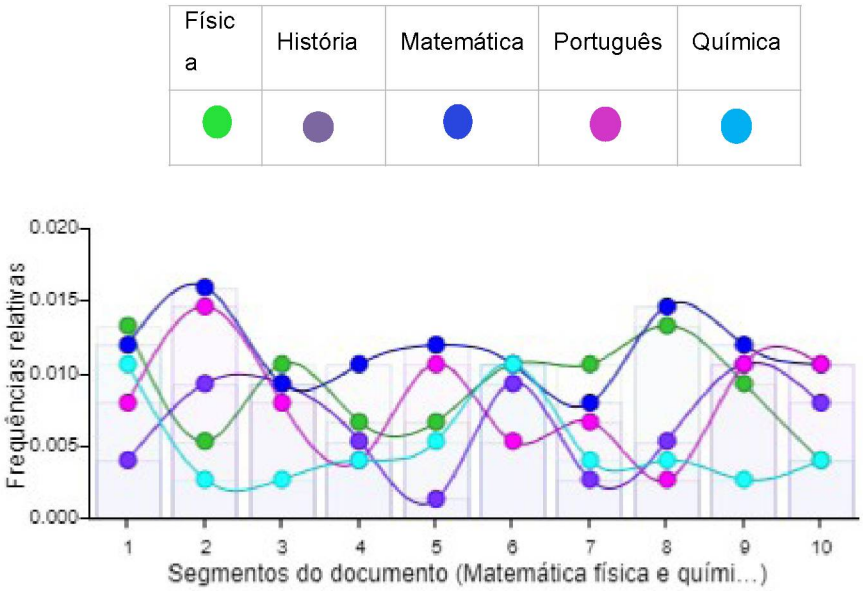
"destacaria as professoras de história, artes e sociologia, elas fazem uns trabalhos super legais e que me fazem entender totalmente bem matéria passada!"

"Artes destaco está matéria pois as atividades da mesma são mais dinâmicas."

"Não há apenas uma disciplina, mas os professores que colocam exemplos e links de vídeos para melhor compreensão são os que mais facilitam o entendimento da matéria."

"Inglês, a antiga professora mandava mensagens de incentivo"

Quando indagados se priorizam alguma disciplina no momento de realizar as atividades avaliativas, 51% dos alunos responderam afirmativamente. Em seguida, foi solicitado para que elencassem as três disciplinas que são prioridade, as mais citadas foram: matemática (87 vezes), física (68 vezes), português (61 vezes), história (49 vezes) e química (38 vezes).



Utilizando o aplicativo *Voyant Tools* para auxiliar na análise das questões abertas, foi possível produzir o gráfico acima, nele é possível verificar quando as disciplinas são citadas em conjunto. Ao visualizar o gráfico verifica-se que física, matemática e português são em sua maioria citadas conjuntamente como prioridade no desenvolvimento das atividades escolares quando estas são avaliativas. Um motivo aparente nesta questão, pode ser, o número de aulas destas disciplinas em relação as demais, assim possuem mais tempo para as aulas e, consequentemente, número maior de atividades avaliativas. Da área de ciências humanas apenas história foi apontada como prioridade pelos alunos. Sociologia foi citada apenas 21 vezes nesta questão, é a nona disciplina na lista de prioridades conforme esse questionário.

Ao visualizar o gráfico, química e história são consideradas e citadas conjuntamente como um segundo conjunto de disciplinas prioritárias na realização das atividades dos alunos. Correlacionando as informações anteriores, nota-se que

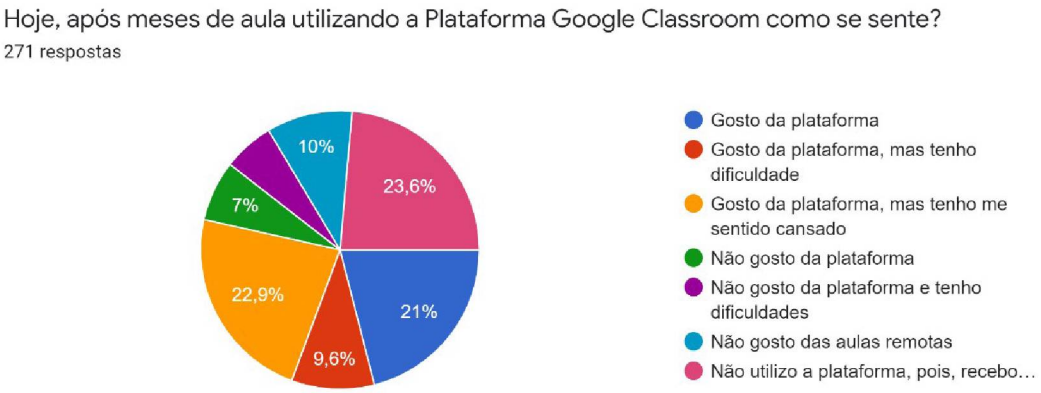
disciplinas das áreas de linguagens, como artes, e da área de humanas são reconhecidas por sua importância, destacam a atuação dos professores, mas isso não configura prioridade na realização das atividades escolares na percepção dos alunos, ficando estas disciplinas em segundo plano no momento de estudos, sendo as demais áreas de conhecimento prioridade quanto a avaliações.

4.2 ENSINO REMOTO: EXPERIÊNCIA DO APRENDER EM AMBIENTE VIRTUAL

4.2.1PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS

Nesta seção aborda-se aspectos do questionário relacionados as expectativas dos alunos, os sentimentos, suas colocações e percepções acerca da experiência de ensino remoto durante a pandemia.

Ao serem questionados sobre as expectativas com relação a adoção da Plataforma Google Sala de Aula - *Classroom* e a retomada das aulas de forma remota no mês de abril de 2020, 43,2% dos alunos afirmaram que não sabiam o que esperar naquele momento, 25,1% não se sentiam confortáveis com essa forma de dar continuidade as aulas, e 8,1% tinha baixas expectativas.



Passado praticamente o ano letivo todo utilizando a plataforma Google Sala de Aula - *Classroom*, verifica-se que uma parcela significativa (23,6%) dos alunos deixou de utilizar esse instrumento adotado pela rede estadual de ensino. Ainda há

quem não domine a plataforma após longo período de uso, e quem sente-se exausto nas proximidades de encerramento do ano letivo.

Neste ponto a bibliografia aqui levantada auxilia na interpretação desta questão, vive-se em uma sociedade permeado pelos meios de comunicações, pela internet e com a presença de artefatos tecnológicos, possibilitando não só acesso a informações como o indivíduo se torne produtor de informação. Ao se aproximar do século XXI, adentra-se na sociedade do desempenho marcada pela hiperconectividade e consumo, a marca agora é a positividade, sendo a máxima dessa sociedade *Yes, we can*. O poder fazer, o poder acessar, o poder saber, o poder que produz o excesso, a positivação do poder, traz como consequência a necessidade de autocobrança. Nessa perspectiva o indivíduo é responsável por sua iniciativa e por suas consequências, e desse processo resulta indivíduos cansados, esgotados. Esse indivíduo que tudo pode realizar, e possui instrumentos para isso, cobra-se em demasia, trava uma batalha interna por mais desempenho, a fadiga e o cansaço tornam-se seus companheiros, ou melhor, o resultado da autoexploração. A sociedade do desempenho elogia o cansaço, pois, compreende por meio dele, o bom uso do tempo, do indivíduo produtivo. É o cansaço como sinônimo de produção de desempenho. (HAN, 2017)

Aqui retoma-se as considerações levantadas por Sibilia (2012) a escola é formadora de subjetividades, ela é uma instituição fruto dos valores próprios da modernidade. Estando, historicamente a escola ligada a disciplina, ao controle, e a manutenção das normas sociais. Dada a passagem para o século XXI outros valores passam a ser considerados importantes, a autonomia, o consumo, o ser flexível, a criatividade, e parte destes valores deve-se a entrada dos meios de comunicação e da internet, acelerando os processos produtivos, exigindo outros comportamentos mais velozes e com foco no desempenho individual. A escola por estar em meio a este processo vai ser pressionada a mudar sua forma de atuar. E a pandemia vai lançar luz sobre esse debate. Quanto a escola teve de se reinventar, passar a utilizar os artefatos da internet, exigindo uma nova postura dos indivíduos, neste caso os alunos e professores.

> "De maneira comparável, assim como os filmes mudaram consideravelmente seu ritmo e sua estrutura, hoje ainda se lê e se escreve muito, mas isso se faz de formas inovadoras, como se vislumbra nas

> interações da internet ou nos recados enviados por telefones móveis. [...] Por isso os usuários desses meios encarnam uma subjetividade que não se constitui lendo, como costumava acontecer com as crianças-alunos de algumas décadas atrás, mas se gera na interface desses diferentes suportes. Esse novo tipo de leitura transmidiática exige que o indivíduo elabore estratégias para habitar o fluxo de informações, entre as quais se inclui a tentativa de se vincular aos outros para dar coesão a experiência. Em contrapartida, estudar com um livro do modo tradicional para fazer uma prova, por exemplo, requer o manejo de táticas bem diferentes, relacionadas com a memória e a atenção, assim como usos específicos de espaço e do tempo. O sujeito precisa deter-se e se posicionar fisicamente de um modo que permita fazer anotações, evitando outros estímulos perceptivos para poder concentrar-se e memorizar, na intimidade com a própria consciência, como quem escuta uma voz interior ou dialoga consigo mesmo. " (SIBILIA, 2012, pag. 76)

Quando o contato exclusivamente pela internet e por outros meios de comunicação passa exigir uma nova postura de alunos e professores, que recompõe a relação entre ambos. Exigindo dos professores ao longo da pandemia produção de materiais, e dos alunos a autonomia e responsabilidade única sobre o momento de estudar. A cultura letrada tradicionalmente de responsabilidade da escola é posta em segundo plano, exigindo mais flexibilidade e criatividade, mobilizando novos tempos e formas de ensinar e aprender, este momento pandêmico, pode ter influenciado a memória, a concentração conforme aponta a autora citada.

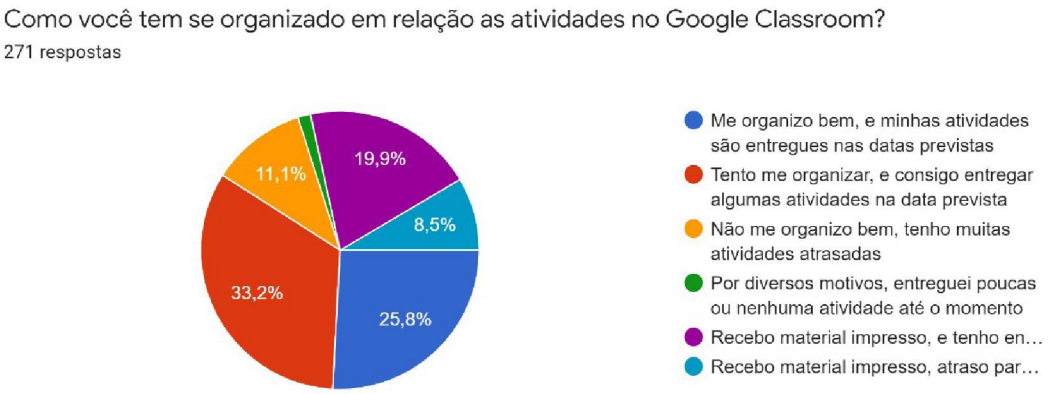
O discurso a permear a educação hoje, é o caminho da pedagogia da diversão, a escola deve atrair o aluno. Por meio da diversão seria possível ocorrer a aprendizagem. Alguns pesquisadores buscaram demonstrar este fato fazendo alusão a programas de televisão que possibilitavam não só a diversão, mas informações que possibilitavam a criança ter conteúdo através dos programas. E estes programas conjuntamente com a entrada da internet, passou a pressionar a escola pela sua atualização, utilizar o lúdico, a diversão como caminhos de aprendizagem. Estes meios de fato colocam sob a educação a pressão por se reinventar.

Atualmente, os meios de comunicação possuem outra lógica de funcionamento, exemplo, a televisão. Ela não corresponde a televisão de cinquenta anos, em que a criança posta em frente ao aparelho e por horas recebia um tipo de informação ou diversão sem interação ou mediação. Hoje, uma criança está sempre acompanhada do controle, e interage com a programação de forma a zapear pelos programas, de tal forma que a informação ou diversão recebida torna-se

fragmentada. Concepção esta reforçado por Han (2018) quando aponta o surgimento do *touchscreen* como forma de visualizar somente a escolha do indivíduo e passar informações, imagens e vídeo sem permitir a atenção devida, redefinindo as noções de tempo no espaço virtual.

> "Tudo isso foi sacudido nos costumes atuais; em seu lugar, há centenas de canais de televisão aberta e por assinatura, que transmitem seus programas sem intervalos durante todo o dia e também noite adentro, sem diferenciar jornadas de trabalho ou de descanso, com notáveis heterogeneidade e fragmentação das linguagens. Nessa vertiginosa hibridação dos gêneros, constata-se inclusive uma mistura daqueles que são considerados infantis com os adultos, uma fusão diversificada para a qual contribui o uso do controle remoto como um mecanismo integrado ao próprio discurso televisivo. Assim teria acontecido com a televisão algo comparável as peripécias que afetam a escola: o poder dissolvente da lógica mercantil e informacional também arrasou sua solidez, fazendo explodir aquela temporalidade regular e pautada em cujo transcurso as mensagens eram transmitidas e metabolizadas, deixavam marcas e se reproduziam." (SIBILLA, 2012, p. 85)

Diante desta nova lógica, crianças e adolescentes são banhadas pelo excesso da imagem, e da linguagem fragmentada, não possuem o tempo de absorção, reflexão e de fixação da informação/conteúdo. Neste percurso verifica-se a presença marcante da opinião frente ao conhecimento. Este processo reflete-se na sala de aula, onde a atenção não é mais fixa, ela vagueia pelo que apresenta o professor e pelas distrações presentes no cotidiano do aluno. A criança e adolescente contemporâneo – diferente de seus pais – não se comportam como expectador receptor, ele é um usuário daquilo que lhe é oferecido. Quando em demasia sente-se cansado pelo excesso de informação e material como aponto o questionário analisado e a questão anterior.



Este gráfico permite observar como o ensino remoto denota os diferentes tempos de aprendizagem, exigindo dos alunos outra forma de organização, que nem todos conseguiram cumpri-lo. Entre os que possuem organização e atividades entregues nas datas previstas, na comparação com quem não consegue se organizar a diferença é mínima. Alguns alunos demonstraram autonomia durante esse período de aula. Mas boa parte dos alunos não conseguiu se organizar e acompanhar as aulas com qualidade.

O debate sobre a autonomia na educação não é recente, muitas correntes pedagógicas e tendências educacionais trabalham com este conceito. Mas alerta Barbosa (2012) de que forma se compreende a autonomia nos espaços escolares. O autor busca as raízes históricas da autonomia para debater como este conceito insere-se no contexto escolar. Para ele, desde a *pólis* Grega a autonomia é pauta de debate, naquele período o cidadão participante da esfera pública com possibilidade de deliberar sobre a vida social, poderia ser compreendido como ser autônomo. O iluminismo ao entoar a razão como grande ganho da modernidade, permitindo por meio dela o indivíduo refletir e decidir sobre sua realidade, é um segundo momento de defesa da autonomia na história. No entanto, na atualidade a autonomia possui outra conotação.

Na medida que se vive em uma sociedade individualizada, a temática da autonomia recebe respaldo social quanto a sua validade e sua importância. Autonomia não só é bem quista como é valorizada enquanto qualidade do indivíduo desses tempos, por esses dias os valores econômicos somam-se para que o

indivíduo assuma e delibere sobre sua vida, o indivíduo como responsável e gestor do seu destino. Nesse sentido, as respostas conferidas no gráfico anterior ressaltam como a pandemia exigiu a preocupação com o tempo, a organização das atividades de forma a cobrar dos alunos essa gestão sobre o seu percurso escolar. Denotando, ser a autonomia um conceito a circular fora e dentro da escola.

Retomada as impressões dos alunos sobre a experiência de aulas ao longo da pandemia, foi disponibilizado espaço para relatos acerca das impressões sobre esse momento. Para auxiliar na organização das informações presentes nesta questão recorreu-se ao aplicativo *Voyant Tools*, a partir das respostas os termos mais citados foram: atividades (45 vezes), aulas (45 vezes), professores (39 vezes), dificuldade (37 vezes) e difícil (37 vezes). Podendo verificar em sua maioria foram identificados obstáculos nesse modelo de ensino, seja em relação as aulas ou em relação as atividades avaliativas lançadas pelos professores. Além de quantificar os termos o aplicativo ainda produziu a seguinte nuvem de palavras para a questão.

A imagem acima permite observar outros termos correlatos as dificuldades, como complicado, cansativo e ruim. Mas ainda aparece a palavra “presencial” de diferentes formas, apontando para o comparativo entre os dois modelos de ensino. E ainda aparece a palavra “gostei”, uma referência a quem percebeu esta experiência como algo positivo.

O questionário permitia aos alunos acrescentarem seus depoimentos sobre o Ensino Remoto. Por isso, na sequência foram selecionadas algumas respostas para elucidar os temas mais recorrentes nos depoimentos recebidos. Os

relatos dos entrevistados foram divididos por temas possibilitando a análise deles. A seguir encontram-se dispostos os relatos.

4.2.2 DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM

Os trechos desta seção revelam como a organização e uso da plataforma Google Sala de Aula – *Classroom* e dinâmica das aulas contribuiu para que alunos com dificuldades de aprendizagem, sentissem inseguros, despertando uma certa repulsa em relação as aulas.

"Assim como provavelmente a maioria dos estudantes, estou tendo dificuldades... principalmente com cálculos e assuntos mais complexos. Busco ao máximo entender o conteúdo e me dedicar a cada matéria, não apenas responder qualquer coisa nos exercícios sem compreender. Mas isso tem resultado no acúmulo de conteúdo e dificuldade de entregar tudo no prazo estimado. Estou com saudades da escola e do auxílio presencial dos professores! Tem sido um tempo difícil... Ultimamente tenho me sentido sobrecarregada e preocupada com o futuro. Sobre a questão anterior, realizo mais 4 atividades além da escola (emprego, igreja, aulas de música e ensaios de dança), mas só tinha como selecionar uma."

"não consigo me dar bem em nenhuma matéria, não tem como ler todos os textos que mandam então acabo não me saindo tão bem na hora de responder"

"Realmente, no começo gostei da ideia de estudar online , mas não conseguia me concentrar e não tinha internet no celular todos os dias por que tinha que ter dinheiro pra Por crédito. E assim foi acumulando. E fui perdendo o interesse por fazer minhas tarefas, e no meio do ano, comecei a pegar impresso , por que achei que seria melhor , mas como tinha muita coisa atrasada . Continuo acumulando e infelizmente agora já é novembro, estou tentando fazer o que consigo por que tem coisas que eu não sei por que não acompanhei as matérias do ano e realmente acho que para mim esse ano foi perdido e considero muito a

possibilidade de reprovar. Não queria que fosse assim mas o que pode se fazer nessas alturas do campeonato é só tentar pra ver se passo, mas, esse foi o único resultado negativo em minha vida na pandemia ."

"tá bem difícil, eu que tinha também dificuldade nas aulas presenciais agora piorou, a minha opinião ainda era que cancelarem tudo isso por que a gente não está entendendo nada."

Tradicionalmente, a forma como se ensina nas escolas atende aos preceitos institucionais. Respondendo as listas de temas dispostos nos marcos legais de cada componente curricular, transmitindo conceitos, teorias, fórmulas com intuito de fazer o aluno memorizar a ciência já estabelecida enquanto verdade. Conforme Campoy (2021) essas práticas refletem a cultura da escolarização, sendo a sala de aula o momento de transmissão de listas pré-programadas de conteúdo. Questiona-se o autor, o que fazer com o que a escola ensina? Para quem é a escola? Por esse caminho descrito, a escola não produz engajamento, troca, ou atenção ela reforça a memorização, correspondendo ao ciclo transmissão, memória, avaliação, sendo assim a prática docente uma reafirmação da instituição escolar, excluindo as demais possibilidades de ensinar e aprender existentes.

Ao retomar os relatos acima verifica-se o registro dos alunos em relação a quantidade de material a ser lido e compreendido, reforçando o debate sobre a transmissão de temas e conteúdo. Em outro depoimento, fica nítido as dificuldades existentes no processo de aprendizagem, e quanto a prática de sala de aula se volta para o atendimento das exigências institucionais e fica em segundo plano a possibilidade de trabalhar temas e conceitos por outros caminhos. Além, da escola não considerar os alunos que realizam outras atividades como cursos e emprego, tornado esses fatores desencadeadores de dificuldades no momento de acompanhar as aulas, reforçando desigualdades existentes na educação brasileira.

Nessa lógica o aluno enquanto ser não está inserido, ele não participa do processo ele responde ao processo reproduzindo o que lhe fora transmitido. Campoy (2021) propõe como alternativa pedagógica a importância da pergunta de estimular a atenção, a sensibilidade para o mundo, uma pedagogia "pobre". Não pobre teoricamente, mas recheada de sentido para quem está aprendendo, e isso

exigiria do docente a capacidade de tornar-se vulnerável para percorrer esse percurso juntamente como seus alunos.

Temáticas como estas teriam sido alertados por Bourdieu e Passeron (2018), existe na escola um tipo ideal construído para a conduta do estudante que paralelamente compete com a sua conduta real. Esse duplo aspecto estudantil é preciso ser descortinado.

> "É preciso tomar partido: para o estudante, fazer é somente se fazer. Somente o elã retórico pode levar a esquecer o que faz a própria definição do papel de estudante: estudar não é criar, mas criar-se, não é criar uma cultura, menos ainda criar uma nova cultura, é criar-se, no melhor dos casos, como criador de cultura, ou na maioria dos casos, como utilizador ou transmissor advertido de uma cultura criada por outros, isto é, como professor ou especialista. Geralmente, estudar não é produzir, mas produzir-se como capaz de produzir. " (BOURDIEU; PASSRON, p. 76, 2018)

O estudante é sempre conduzido pelos caminhos da aprendizagem, mas esta posição subjugada reflete o ser estudante? Quando o sistema educacional trabalha nesta perspectiva descaracteriza o ser estudante, o coloca numa posição sempre de aprendiz, aquele a percorrer por meio da réplica o caminho traçado pro seu mestre, nada é mais deturpador do que vem a ser um estudante. Colocar a culpa deste sistema apenas na postura do professor é criar uma visão de oposição daquele que cria em detrimento do que recebe. É preciso buscar na desconstrução deste sistema de ensino para responder as origens desta postura de estudante receptor do conhecimento, e estudante apático em relação a criação do conhecimento.

A compreensão do ato de ensinar para os autores é de uma relação mística de um lado o professor cumpridor e responsável de suas funções e a outra parte desta relação o estudante fingindo ser para corresponder as exigências educacionais. Contudo, desta forma de relação de escamotear ambos os seres, também se coloca de lado a real atividade educativa, e deste processo resulta dois seres o interessado em provas e concursos e o diletante, para os autores esta é uma Educação Fictícia (faz de conta), uma relação de um professor que forma seu aprendiz. Por isto, afirmam Bourdieu e Passeron, (2018) ser necessária a construção de uma educação real.

4.2.3 ESCOLA E SOCIALIZAÇÃO

Nestes relatos observa-se o quanto a escola é um espaço importante para os adolescentes, seja para o desenvolvimento enquanto estudantes a troca de experiências, o contato com os colegas e professores. Mas aqui ressalta-se a importância da vivência oferecida pelo espaço escolar, reafirmando ser a escola não só uma instituição de ensino, mas também o espaço de construção do ser social.

"No começo eu estava animada, fazendo tudo certinho no caderno e etc. Mas no meio eu fui desanimando, me senti completamente cansada de estar em casa e não estava conseguindo entender muito bem as matérias, porém sempre fazendo. Eu sinto muita falta de voltar a ter aulas presenciais, ainda mais por estar no inovador, que era uma experiência nova, amigos novos, professores novos e matérias novas. Eu sinto muita, muita falta. Mas já estou acostumada com as aulas online e já estou voltando a compreender mais as matérias :)"

"Foi uma experiência totalmente diferente, foi bom ter usado a plataforma, mais nada muda o estar estudando em sala de aula. Tendo aulas presenciais e tendo experiências junto de pessoas . ♡"

"Triste por n poder ver amigos todo dia como era na escola"

Novamente os relatos reforçam a questão de corresponder as exigências institucionais, evidenciado nos relatos pelas várias afirmações em relação a compreensão dos conteúdos, materiais e temas trabalhados. No entanto, os alunos aqui demonstram ser a escola o espaço a extrapolar a sala de aula. Isto é, a escola como promotora de vivências, um local de troca, de socialização. Nos relatos acima, a palavra experiência é recorrente, estar com as pessoas denotando a convivência interrompida pela pandemia, o símbolo do coração demonstrando afeto por quem compartilhava da sala de aula.

São vários os autores na sociologia a versar acerca da socialização e sua relação com o ambiente escolar, trata-se de teorias clássicas até pesquisas e

autores contemporâneos. Sobretudo, socialização é um conceito com diferentes abordagens, e fundamental para a compreensão da construção do indivíduo na sua relação com o meio em que se insere. É conhecido e datado o texto de Durkheim sobre o papel da socialização e a importância da educação, conforme o teórico a socialização seria um processo de transmissão de determinados valores e aspectos socialmente construídos, e prospectados para serem transmitidos aos demais integrantes do coletivo. O objetivo seria a construção de um determinado tipo de indivíduo, tendo a educação papel central nesse processo, dando assim continuidade a organização estabelecida pela sociedade. Seria, portanto, a socialização incute valores, posturas, normas as futuras gerações. (DURHKEIM, 1978)

Para Bourdieu indivíduo e sociedade são categorias que operam em correspondência. As noções *habitus,* campo e capital cultural são fundamentais para o entendimento das posições sociais de cada indivíduo dadas por seus estilos de vida, e como o indivíduo passa a fazer parte e a incorporar trejeitos próprios do campo, dado o capital cultural, expressando assim o *habitus*.

> "O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. Assim como as posições das quais são o produto, os *habitus* são diferenciados; mas também são diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções [...]." (BOURDIEU, 2011, p.21-22.)

O campo, também está pautado de um dado capital cultural, em disputa com outros existentes, para o indivíduo pertencer a um determinado campo deve adequar-se a este capital cultural. No momento da prática existem condições subjetivas (*habitus*) que somadas as condições objetivas do campo determinam a realização das práticas individuais. A escola como parte da estrutura social reproduz o *habitus* correspondente a educação, consiste na reprodução de um acervo de práticas que prevê o domínio por parte do estudante de determinados termos, temas, teorias e linguagem. Descortinar as relações sociais presentes na escola, é compreender também as relações de poder que a compõe.

A socialização não pode ser analisada como algo homogêneo, tampouco como um processo único, mas sim em etapas. Estas concepções sobre o tema são

de Berger e Luckmann, para os autores há a socialização primária e secundária, esta a cargo da escola e demais instituições, e aquela ligada a família. Para os autores o indivíduo é socializado, ao passo que participa de diferentes momentos e ambientes, na socialização secundária por exemplo, podendo não só receber e incorporar valores, normas e demais aspectos sociais, como torna-se participante do processo, portanto, a socialização é entendida como interação.

Bernard Lahire afirmou ser a socialização é um processo de o indivíduo circular sobre diferentes espaços, carregando consigo uma pouco de cada um desses ambientes. Devido a heterogeneidade de situações e relações que o indivíduo pode ter e viver na contemporaneidade, construindo a partir disso a sua experiência do mundo social. (SETTON, 2018)

Diante destas e demais possibilidades teóricas de descrever a socialização, é possível afirmar que na contemporaneidade o jovem é plural, e sua relação com espaços socializadores, tal qual a escola, possui um importante significado para sua construção enquanto ser social, evidenciados nos relatos acima expostos. Some-se a isto a presença das mídias que vem a contribuir para relações sociais mais complexas. A escola nesse contexto, apesar de ainda operar como instituição social, voltando-se para a cultura da escolarização a na transmissão de um arbítrio cultural como apontou Bourdieu, é identificada pelos alunos como um espaço de interação para além deste princípio, e extrapola a relação de sala de aula.

4.2.4 QUESTÕES EMOCIONAIS E DE SAÚDE

Os depoimentos a seguir evidenciam a pandemia como fator não só de questões sanitárias, como o receio de contrair COVID-19, mas como este momento ímpar afetou emocionalmente os estudantes. Sendo estas questões fundamentais também para o desenrolar das aulas. O cansaço causado pelo Ensino Remoto, a insegurança de ter de desenvolver os conteúdos e as atividades de forma individualizada, a mudança na organização dos estudantes acarretando a ansiedade e o desânimo. As marcas emocionais são heranças deixadas pela pandemia, cuja análise merece atenção.

"Acho importante e não vejo motivos para voltarmos já com aulas presenciais, saúde acima de tudo !"

"Eu não aprendi nada, porque eu não consigo aprender sem explicação, me desanimei gostava muito de estudar mas assim n consigo entender nada, choro muito quando não consigo fazer, acumulei muito, muitas atividades não entendo, não tenho muito tempo estou trabalhando ajudando minha mãe, realmente esta muito dificultoso aprender pela internet, mas estou me esforçando da melhor forma possível"

"Foi e está sendo um pouco difícil na questão da aprendizagem e a questão do cansaço tanto físico quanto emocional, portando, foi uma experiência nova que me surpreendi de como tivemos que lidar com isso por que não tínhamos outra escolha. Foi um desafio para todos e cada um fazendo sua parte, conseguiu com que o esperado fosse entregue."

"Algo totalmente diferente, achei muito complicado até pq não temos a explicação dos professores, oq não nos dá muita segurança. Perco muito tempo, procrastino demais e não consigo sair do lugar. Obrigada pelos esforços de todos, e fiquem bem, forte abraço."

"Péssimas, estou grávida, tenho passado muito mal, muito enjôo, não consigo me concentrar, mesmo assim tento mas não consigo aprender nada, para mim, um ano perdido! Prefiro repetir ano que vem mas com aula presencial"

"Eu já sofria se ansiedade antes da pandemia, agora isso ocorre com mais frequência mais consigo me organizar bem e percebi q minhas notas não alteraram, entrego tudo na data certa e me dedico ao máximo."

O Ensino remoto exigiu uma reorganização da escola, do trabalho do professor e dos alunos. Todo esse processo ocorreu de forma rápida, como medida a responder a pandemia, os sistemas públicos ao adotar essa modalidade não tiveram tempo para uma adequação, logo os profissionais da educação foram se

ajustando a sua maneira a esta nova forma de ensinar, aos alunos coube a tarefa de sozinhos procurarem alternativas para conseguir acompanhar as aulas e responder as atividades propostas. Esse processo, reformulou os tempos e espaços, e foram atravessados pela presença do ensino virtual. Neste ponto retoma-se o debate feito por Giddens, para o pensador vive-se em um momento do desencaixe, são novas relações não mais marcadas pela presença, mas pela técnica (sistemas peritos), resultando no estiramento dos tempos e espaços, por essa razão, ocorre a reflexividade sobre momento vivido, incorrendo em incertezas. Essa discussão levantada por Giddens auxilia na reflexão sobre os depoimentos acima elencados.

Han (2017) não foi assertivo ao iniciar sua análise sobre o século XXI, afirmou ser o presente século imune a uma possível enfermidade coletivo causadora do medo desconhecido. Atribuiu ao desenvolvimento de solução imunológica esse apagamento do medo de uma patologia de grande alcance. Apesar disso, o argumento do autor está em descrever como o presente estaria mais repleto de patologias ligadas a questões neuronais como ansiedades, depressões, déficits e síndromes. Para o pensador, a presença das doenças neuronais foi desencadeada pelo excesso de positividade. Enquanto o século XX foi o período da preocupação com o outro, um inimigo a ser combatido, seja pelas guerras ou pelo desenvolvimento de respostas para o combate a doenças.

Continua sua argumentação alertando sobre o processo de imunização que envolve o reconhecimento do inimigo a ser combatido, seja este um vírus, um estrangeiro, uma ameaça. Para Han (2017) o paradigma imunológico é marcado pela negatividade, por esse combate a outro desconhecido, causador do medo e aflição. Esse combate estaria alicerçado na construção de impedimento da aproximação do inimigo, do outro, por isso, barreiras, trincheiras e bloqueios far-se-iam necessários. Para ele causar a imunidade é neutralizar o outro, é impedi-lo, é sobretudo, trabalhar na perspectiva da negação.

Diferente dessa lógica negativa, adentra-se o século XX na lógica da positividade, decorrente da presença da tecnologia no cotidiano oferecendo muita informação, muita imagem, a cobrança por desempenho seja no trabalho ou na vida pessoal, de ser e parecer alguém a se progredir, a melhorar sua vida no caráter profissional ou pessoal.

> "A violência da positividade que resulta da superprodução, superdesempenho ou supercomunicação já não é mais 'viral'. A imunologia não assegura mais nenhum acesso a ela. A rejeição frente ao excesso de positividade não apresenta nenhuma defesa imunológica, mas uma ab-reação neuronal-digestiva, uma rejeição. Tampouco, esgotamento, a exaustão e o sufocamento frente a demasia são reações imunológicas. Todas essa são manifestações de uma violência neuronal, que não é viral, uma vez que não podem ser reduzidas a negatividade imunológica." (HAN, p.16, 2017).

Conforme destaca o autor enquanto uma doença viral, com inimigo declarado, exige o combate constante. A sociedade da positividade o inimigo não está fora, em um alvo a ser combatido, a raiz da violência é interna, própria do sistema. Por isso, na análise de Han (2017) a positividade é causadora de um "infarte psíquico", pois, o objeto a ser combatido é imanente ao processo, e o indivíduo é parte desse sistema, por isso, essa luta é por vezes silenciosa. Essa imanência, característica da positividade desses tempos, que permite a compreensão da Síndrome de Burnout, da ansiedade, da hiperatividade, e outras enfermidades neuronais.

O século XXI não tem mais como pilares a sociedade disciplinar descrita por Foucault, pois, as categorias de poder, controle, coerção, pressupõe a negação do sujeito. A contemporaneidade exige desempenho dos indivíduos, e para isso é preciso um ser animado, criativo, que desenvolva e crie constantemente, produzindo o tempo todo. Esse indivíduo munido de exorbitantes recursos tecnológicos e da abundância de informações, cobra-se para cumprir com as exigências do momento, pois, ele é marcado não pela proibição, mas pela possibilidade de realizar, de melhorar, de produzir. Esse indivíduo do século XXI tem como preceito "poder", poder fazer, poder construir, poder desenvolver. O excesso de poder causa a necessidade de se autoafirmar.

Quando não corresponde as expectativas, o indivíduo sente-se fracassado, incompetente, exaurido. "o depressivo não está cheio, no limite, mas está esgotado pelo esforço de ter de ser ele mesmo" (HAN, p. 26, 2017) Essa cobrança interna, não se dá apenas pela sensação de fracasso, mas porque esse processo ocorre de forma individualizada, marca de uma sociedade atomizada. Ao indivíduo é dada a possibilidade, mas ele também é responsável pelo seu fracasso, o homem é soberano de si. Eclodindo em uma guerra interna, o homem, nesses tempos, é o explorado e explorador concomitantemente. Essa tensão faz o indivíduo adoecer

devido a auto exploração, ao que Han (2017) denominou de sociedade do cansaço. “A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma. ” (HAN, p.29, 2017)

Outra consequência dessa sociedade da positiva é mudança significativa em relação a atenção, o acesso a muitas imagens, diversas informações e a possibilidade de realizar várias atividades, não permite uma atenção plena. A cobrança pelo desempenho e produtividade não abre espaço ao ócio, todo o tempo é ocupado, promovendo fadiga. Sobremaneira exalta-se o indivíduo que acompanha a velocidade da vida, do trabalho e das tecnologias, isto é, vive-se em um momento de elogio a exaustão, e repressão ao ócio. O descanso, o relaxamento muitas vezes é capaz de proporcionar a atenção ao mundo muito destacada aqui como necessária ao processo de aprendizagem como colocado por Ingold (2015), Campoy (2021) e Sibilia (2012). O excesso de informação exige hiperatenção quando é necessário prestar atenção em tudo, algo fica para trás, ou perde-se o interesse, não possibilitando a profundidade em determinado tema, assunto ou atividade. Sobretudo, o cansaço origina-se no excesso, e no dever de mais desempenho.

As análises de Han (2017) tornam-se primordiais para a compreensão dos relatos dos alunos entrevistados nesta pesquisa. Quando afirmaram estar emocionalmente cansados pelo excesso de atividades. O choro causado por não conseguir desempenhar e acompanhar a quantidade de conteúdos transmitido ao longo do Ensino Remoto. A procrastinação como subterfúgio para a cobrança constante das avaliações. As repetidas crises de ansiedade. A possibilidade de desistir do ano letivo, optar pela reprovação. São alguns indícios da presença da sociedade do cansaço, da fadiga emocional causada pelo excesso de informação, e situações que fazem parte, segundo Byung-Chul Han da atualidade, no entanto, são patologias a exigir atenção, e herança da pandemia na educação.

4.2.5 ENSINO REMOTO COMO UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA

Apesar das questões emocionais, da fadiga pelo excesso de conteúdo e do uso das ferramentas virtuais, tece alunos a identificar o ensino remoto como algo positivo, pois, possibilitou o aprimoramento do uso de ferramentas tecnológicas e ainda a aprendizagem de forma independente.

"Bom eu realmente gostei, e acho que as aulas não presenciais ajudaram muito, e acho que tive maior entendimento e aprendi não só as matérias mas também a usar as ferramentas tecnológicas, que confesso ter me aproximado mais durante a pandemia"

"Foram muito boas 😁, consegui aprender bastante tive algumas dificuldades mas consegui fazer as atividades, gostaria que ficasse assim pois tenho medo de pegar a covid-19, e infectar minha família."

"Achei muito legal continuar os estudos pela Internet, aprendi muito em como me organizar nos estudos, porém me senti muito cansada na maioria das vezes."

Conforme explicitou Recuero (2018) compreender as redes e as possibilidades advindas da internet é estudar as relações que existem no ambiente virtual. Diante da situação pandêmica, a exigência do distanciamento social, as medidas de sanitárias, fizeram as relações antes presenciais passarem a ocorrer de forma virtual. Assim, como alguns relatam ser a virtualização do ensino, um processo ineficaz, que não surtiu os efeitos desejados, alguns estudantes tiveram percepções positivas deste período, como nos relatos acima.

Recuero (2018) menciona ser a interação promotora das relações sociais, ao estudar as redes sociais e a internet, as relações ocorrem, porém, mediadas. E desta forma de interação pode ocorrer diferentes dinâmicas e comportamentos como a ruptura ou agregação, mas também a auto-organização. Sendo assim os relatos acima demonstram que apesar do cansaço das aulas remotas, de algumas dúvidas

e dificuldades surgirem no percurso, alguns estudantes aderiram ao uso da plataforma Google Sala de Aula - *Classroom*, avaliando positivamente a experiência.

No entanto, ao analisar novamente os dados fornecidos pela direção da Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega, observa-se um aumento significativo de alunos a solicitar material impresso. Um dado revelador sobre um certo rompimento dos alunos com o uso da plataforma no decorrer do ano letivo, somando no mês de novembro de 2020 número superior a 500 solicitações de material de impresso, ou seja, 50% dos estudantes recorreram a essa possibilidade. Podendo este fato ter vários motivadores, dificuldade na aprendizagem pela plataforma, a interface do celular – utilizado pela maioria dos alunos como acesso a plataforma – que sobrecarrega de informações quando se utiliza o Google Sala de Aula – Classroom, dentre outros motivos. Mas são indícios reveladores sobre a não adaptação dos estudantes ao ensino remoto.

4.2.6 ORGANIZAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DAS AULAS

Os relatos selecionados abordam diferentes questões, mas principalmente o quanto destinar o espaço/tempo para a escola e as atividades são importantes para a organização da rotina dos alunos. O quanto questões familiares, a divisão de espaço de estudo, atenção a irmãos e filhos contribuem para a efetivação da realização das atividades escolares. E como a escola enquanto instituição tem sido questionada quanto a seu papel, e como a escola é cobrada em despertar o interesse do estudante.

"Para mim complica um pouco pois tenho um bebê em casa e ele precisa estar sempre comigo, as vezes não tenho tempo para fazer ou faço quando eles dormem , faço o que posso . Na dúvida peço ajuda para uma amiga do inovador .Sempre entrego os materiais só um ou dois que eu não consigo fazer e deixo de entregar mais eu tento."

"Acredito que muitos professores continuam dando aula como se fosse no modo presencial, por isso eu tenho dificuldade em compreender certos conteúdos, gostaria que as matérias fossem simples, sem muitas palavra difíceis."

"No início eu estava conseguindo mas agora tenho tido muita dificuldade, pelo fato ajuda minha mãe nas tarefas domésticas e cuido do meu irmão também, além do fato de minha mãe ser professora e também realizar suas tarefas"

"Não gostei pq não intendi nada, não e culpa do professor mais quando vc tá a distância vc não quer fazer aula nenhuma então o pouco interesse q pessoas tem na ESCOLA perde totalmente em casa"

"Senti muita falta do apoio que as aulas presenciais tinham, o tempo exclusivo para isso em casa não tem como e muita gente junto não tem silêncio não tem como se concentra"

Os depoimentos acima reafirmam o debate sobre questões que circundam a educação, e ainda são carentes de soluções. Como afirmou Arroyo (2018) educação não Brasil, pode ser colocada como desumanizadora. Ela não considera a diversidade presente no espaço escolar, invisibilizando grupos e situações. Operando tradicionalmente, na lógica da homogeneização de saberes e práticas, e no caminho de classificar, avaliar e reprovar. A análise de Arroyo (2018) contribui para refletir sobre os depoimentos que apontam ser os adolescentes presentes no Ensino Médio, estudantes diversos, que experienciam situações como gravidez na adolescência, aqueles indivíduos que auxiliam nos afazeres domésticos como mencionado acima, sem mencionar os que já são trabalhadores. Para o autor, a escola necessita reconhecer quem está no sistema, para então, repensar suas práticas.

Retoma-se aqui as colocações de Ingold (2015), quando o autor menciona o fato de a escola ser atravessada por uma lógica de ensino pré-determinado, um ensino com percurso previamente organizado. Nessa perspectiva a educação atinge os objetivos de inculcar o conhecimento, deixando de lado outras possibilidades de ensinar, engolindo a curiosidade dos alunos. Esse debate é

endossado por Sibilia (2012) ao afirmar ser a escola a instituição que atravessa uma crise. Como artefato, como aparato tecnológico não condiz com os alunos, tampouco com o contexto atual. A escola encontra-se diante de uma nova realidade cercada por novas tecnologias, desafiando sua estrutura disciplinar, ou seu *modos operandi.* Os autores realizaram debates necessários sobre o papel da escola na contemporaneidade, sendo esta instituição apontada como deslocada de suas funções, estes questionamentos feitos a escola muitas vezes surgem daqueles que a frequentam como no depoimento acima onde o estudante diz ter pouco interesse na escola no seu modo presencial, e no ensino remoto e desinteresse permanece.

Outro autor que aqui pode ser relembrado é Canário (2006) em seu trabalho discute quais razões poderiam ser atribuídas a crise vivida pela escola. Seriam elas, a organização hierarquicamente construída, a escola como instituição que deve preparar os indivíduos e, portanto, é a instituição das promessas de formar um determinado indivíduo. Com a entrada do século XXI a escola diante de um novo contexto, não corresponde a estas expectativas, passando a ser questionada quanto a sua atuação, assim como os professores passam a ter seu trabalho posto a prova. Nesse sentido muitos professores mantém o ensino tradicional, de transmissão de conteúdo, enquanto outros são entusiastas de novas fórmulas pedagógicas. As colocações de Canário (2006) se interligam com os depoimentos dos alunos entrevistados, quando apontam que durante a pandemia muitos professores continuam a lecionar aos modos tradicionais, como se estivessem no modelo presencial.

Vale o destaque para o depoimento mencionando a concentração no momento de estudar apresentado por um estudante, nesse sentido o ensino remoto envolve contexto familiar, a estrutura das famílias para que estes jovens consigam acompanhar as aulas. Possuir espaços adequados, momento dedicado para desenvolver as atividades, horários para acompanhamento das aulas, são temas sob os quais carecem atenção e análise, trazidos pelos alunos em seus depoimentos. Os autores como Han (2018) e Sibilia (2012) levantam a temática sobre a atenção, quanto a escola trabalha na perspectiva da memorização, e para isto, a atenção no processo é fundamental, e o excesso de imagens e informações

presentes na internet, por extensão no ensino remoto, promovem a fadiga do olhar, furtando a atenção.

4.3 DA JUVENTUDE E A PANDEMIA

Para buscar informações sobre como pandemia passou a fazer parte do cotidiano dos adolescentes, buscou-se por meio de depoimentos sobre o impacto da COVID-19 nas famílias, se eles precisaram realizar atividades remuneradas, e quais outras atividades foram alteradas com a chegada da pandemia. Por meio destas questões objetivou-se compreender como as relações extraescolares mudaram no ano de 2020.

As intercorrências da pandemia na vida familiar pela percepção dos respondentes em sua maioria foram em relação a questão do trabalho dos pais e da renda, boa parte das colocações pontuaram as atividades autônomas ou informais como afetadas pela chegada da pandemia e desta forma afetando a vida financeira das famílias. Algumas respostas ainda apontam a dificuldade em relação ao atendimento de saúde para outras doenças ao longo da pandemia. Mas, teve uma pequena parcela de alunos a afirmar não terem sido afetados, tampouco suas famílias, e teriam conciliado a presença da doença com emprego, se readequado a esse momento. Dentre as respostas, algumas trazem relatos importantes sobre esse momento, como o trecho a seguir:

"Todos aqui em casa testaram positivo para o COVID-19, provavelmente pelo fato de 3 de nós trabalharmos fora. Meu pai precisou ficar internado por uma semana no hospital pois teve 25% do pulmão acometido. Na questão econômica, minha mãe está trabalhando em home office com renda fixa, mas nós abrimos uma assistência técnica e loja no início da pandemia como outra fonte de renda, e para ajudar eu também estou trabalhando lá meio período, o que complica um pouco os estudos."

"Econômica, falta de emprego, pois o serviço no qual minha mãe trabalhava pertencia a área de risco, e passar com auxílio emergencial não chega quase nem pra comida e coisas básicas como água, luz e internet! Saúde se enquadraria mais na questão psicológica mesmo, ficar afastado dos amigos e da vida social não foi e não está sendo nada bom, causando depressão, fiz até tratamento com psicólogo para poder ajudar, porquê de repente você esta conectado com todos seus amigos, e de um dia pro outro você passa a viver isolado, e mais de meses ainda. Fora que foi um ano quase que perdido! Então na idade quase adulta que estou, faltando poucos messes pra completar 18 anos, o pensamento pesa mais, emprego, estudo e mais essa pandemia pra atrasar 1 ano praticamente, não é nada fácil! Estudo em casa é algo que você grava, e não aprende, ainda mais numa situação que não foi a distância por escolha, onde você já tem uma base e grade de estudos, mas sim forçado pela pandemia, grava um conteúdo é como você ver uma frase em alemão, e tentar se lembra daqui 1 ano, você não se lembra mais, e isso não é bom, por motivos como esse, foi que escolhi refazer meu ano de estudos novamente no próximo ano, porque tenho certeza que maioria dos alunos gravaram conteúdo, ou só fizeram pesquisando tudo na internet, até às provas! E isso num Enem daqui 1 ano ou 2 anos vai atrapalha... Na minha opinião todos os alunos deveriam refazer esse ano de estudos no próximo ano presencial como sempre foi, vai ser perdido, vai! Mas melhor sair aprendendo do que tudo copiado e sem conhecimento de quase nada do ano de estudos em casa, o que vai prejudica mais pra frente."

"Uma pessoa da família foi demitida, algumas contas acabaram ficando para trás, fizemos um corte de gastos. E com o isolamento sinto que todos ficamos meio deprimidos e ansiosos, também ganhamos peso."

"Na maioria do tempo em nada porém meu avô pegou o COVID em julho Beja se curou eu também testei positivo porém não senti nada de sintomas e nada mesmo"

"minha mãe trabalha de diarista e as mulheres dispensaram ela porque não tinham dinheiro para pagar, afetou bastante"

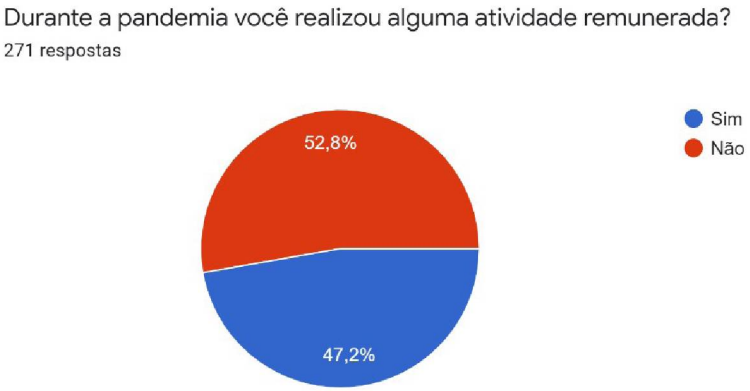
"Meu pai ficou desempregado e com todo mundo em casa os gastos com luz, água e alimentação acabou aumentando."

"Perdemos parentes, na econômica ficou um pouco complicada, e de saúde, até q nós 3 aqui em casa estamos bem."

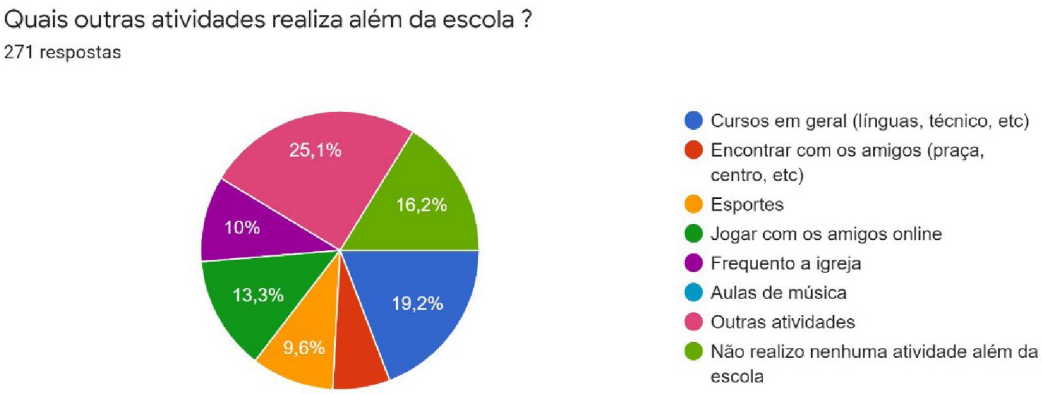
Com auxílio do aplicativo *Voyant Tools* para a análise desta questão, percebeu-se que de todas as respostas coletadas os termos mais citados foram: afetou (88 vezes), saúde (53 vezes), econômica (25 vezes), econômicas (20 vezes) e pandemia (20 vezes). Por este caminho, é possível perceber o predomínio das questões relacionadas a trabalho, renda, e o impacto sobre a economia. Acrescente-se a preocupação com a saúde aparecendo como outro tema mencionado nas respostas, e evidenciado pelos relatos selecionados e descritos anteriormente. Além dos termos o aplicativo gerou a seguinte nuvem de palavras, permitindo visualizar os termos frequentemente presentes nas respostas.

A imagem produzida no aplicativo revela ainda outros termos correlatos as questões financeiras como renda, emprego, trabalho, financeiramente, reforçando o impacto da pandemia, notado pelos adolescentes, sobre a economia. Tendo observado o quanto a pandemia interferiu nas questões econômicas devido as exigências de medidas de distanciamento social, ou até mesmo o fechamento de diversos setores da economia, foi questionado aos alunos se ocorreu a necessidade

de que eles buscassem, neste período, alguma atividade remunerada. Conforme consta no gráfico abaixo, as respostas ficaram próximas, revelando que dos alunos participantes do questionário em torno de 47% deles procurou realizar alguma atividade remunerada no ano de 2020. Endossando a questão anterior, quando eles citam as mudanças e aumento de gastos, as questões de emprego e renda ao longo da pandemia.



Visando compreender quem é o jovem respondente do questionário foi solicitado a eles que apontassem as demais atividades que realizam além da escola, conforme consta no gráfico a seguir.



Ao observar o gráfico é interessante o quanto a escola ocupa um lugar importante para parcela destes jovens, pois muitos responderam ser a escola a única atividade fora do ambiente familiar. Jogos online também tem presença

significativa para estes jovens, se sobrepondo a atividades físicas, por exemplo. A igreja é outro espaço importante para os alunos. Verifica-se, outra parcela de jovens se dedica a cursos, podendo correlacionar as exigências do mercado de trabalho dada a faixa etária dos jovens que alguns são estão empregados, logo, são cobrados por se qualificarem em suas atividades. Corroborando com os relatos anteriores de ser a escola um espaço que extravasa a sala de aula, sendo um ambiente socializador de vivências para os jovens.

O segundo relato dessa seção permite abordar diversas questões levantadas nesta pesquisa. Inicialmente a escola sendo balizada pelas políticas atuais, como denotado pelo estudante, a preocupação com provas como ENEM, e a preocupação com a impossibilidade de obter resultados significativos com o ensino remoto, resultando em desempenho pífio nesta prova. A maneira como ocorreu as aulas ao longo do ano letivo afetou e muito a aprendizagem, reforçando o argumento de Han (2018) o indivíduo soberano de si, deve ele mesmo, no contexto de uma sociedade para com o desempenho, torna os indivíduos cansados, desencadeando questões emocionais como ansiedade e depressão. Outros relatos podem se somar esse como a angústia pelas questões econômicas, o ganho de peso, o corpo e mente do ser humano debilitados diante desse cenário. Porém, neste bloco de relatos evidencia-se a relação da pandemia com as questões econômicas, como emprego, desemprego, gastos e renda das famílias dos estudantes.

O sociólogo Boaventura de Sousa Santos em recente publicação intitulada A Cruel Pedagogia do Vírus (2020), suscita algumas reflexões sobre a pandemia e questões econômicas, o texto do autor junta-se a essa pesquisa para auxiliar na interpretação dos depoimentos dos alunos acerca dos temas. Para o autor, há uma crise permanente, a pandemia se a tornou mais grave. Desde os anos 80 o mundo foi atravessado pelo neoliberalismo, e as questões econômicas e de trabalho foram e continuam sendo instáveis, esse fato, desencadeou uma crise, até o momento, sem solução. No entendimento do autor, uma crise, rompe com um período de normalidade e tem perspectiva de fim, no entanto, não é esse processo vivenciado pela humanidade, a pandemia adentrou as nossas vidas e acirrou essa crise.

Para o autor a cada momento histórico, noções como trabalho, lazer, e as relações sociais podem sofrer alterações, mas as mudanças são percebidas aos poucos, quando vive-se uma crise, agravada pela pandemia estas categorias sofrem

abruptas interrupções. O isolamento social demonstra isso, voltar-se para os cuidados pessoais, para estar em casa, a reformulação do trabalho, do convívio familiar. Essas irrupções na ordem social geram insegurança, em relação ao que cerca o ser humano, inclusive sobre a vida. Diante da insegurança, é preciso lançar soluções, e estas vão desde repensar atitudes individuais, quanto coletivas. Diante de uma pandemia o isolamento é forma de cuidar de si e do outro, acesso a informação é uma medida coletiva, atendimento ao sistema de saúde, capacidade de responder a questões como desemprego, redução da produção e do consumo frente ao fechamento do comércio e redução dos horários de funcionamento das empresas são outros. Nesse cenário, grupos que já eram ausentes no debate público se tornam ainda mais, pois, o debate para construir soluções passa a girar na recuperação da economia, na possibilidade de dar cabo a pandemia. Pela interpretação do autor, estaríamos tão atrelados aos preceitos do mercado e da economia, que ao nos depararmos com uma instabilidade nesta área devemos nos voltar para soluções, e sem elas o ser humano encontra-se fragilizado.

A quarentena, medida de muitos países para o enfrentamento da pandemia, se mostrou um privilégio. Não são todos que podem se colocar em quarentena, nesse sentido Santos (2020) denomina aqueles não privilegiados pertencentes ao "sul", não como referência geográfica, mas como aqueles historicamente atravessados pela não possibilidade de participar das benesses do sistema. Estariam nesse grupo criado pelo autor: mulheres; trabalhadores informais e/ou autônomos; indivíduos sem abrigo/situação de rua; moradores de periferia/favela; refugiados e imigrantes; deficientes; os idosos e demais grupos.

Para Boaventura de Sousa Santos as mulheres durante a pandemia estão expostas a violência doméstica, histórica e com números alarmantes como no caso da América Latina, a elas também é a responsabilidade sobre os cuidados da casa e da família, responsabilidade maximizada pelo isolamento social e boa parte de cuidadores e trabalhadores da enfermagem são mulheres, então, estão na linha da frente dos cuidados ao combate a COVID-19. Os trabalhadores ao longo das últimas décadas têm perdido direitos, fruto da a flexibilização das atividades ligado ao neoliberalismo, empurrando muitos para atividades informais e autônomas. Atividades atingidas diretamente pela quarentena com o fechamento do comércio e

exigência do isolamento social, são estes trabalhadores que, por vezes vão abdicar da quarentena, para garantir o sustento de usas famílias. Deficientes, são tradicionalmente um grupo não reconhecido, na pandemia passam a depender de familiares para seu sustento, além dos cuidados exigidos.

Os relatos dos jovens apontam para o aumento do desemprego, endividamento das famílias, corte de gastos, serviços básicos passam a ser um fardo com a renda adquirida, além da insegurança sobre o futuro destes jovens e de seus familiares. Além, do gráfico a demonstrar que uma fatia dos jovens entrevistados procurou atividade remunerada ao longo de 2020. Esses depoimentos, como colocado por Boaventura de Sousa Santos, as irrupções nas relações sociais causam instabilidade gerando angústia e respostas para o enfrentamento delas. Muitos, não tiveram o privilégio da quarentena, como trabalhadores informais, citados pelos estudantes como diaristas e prestadores de serviço, expondo-se ao risco do contágio para garantir o sustento de suas famílias. São estes atores sociais apontados pelo autor como ausentes historicamente, pululam o debate sobre políticas públicas, e a pandemia trouxe a tona tais questões.

Todas essas inquietações levantadas pelo pensador fazem da pandemia uma professora, denominado por ele, da pedagogia do “vírus”. A existência de uma crise agravada pela pandemia. Tendo o Estado reduzido sua participação nas questões públicas nos últimos anos, quando posto à prova seus sistemas de saúde não responderam a altura, demonstrando a precarização dos serviços públicos algo que não se iniciou com a pandemia. A existência de grupos mais afetados que outros, por consequência endurecendo as desigualdades. Soluções até o momento observadas se voltam boa parte delas pera enfrentar a economia, mostrando a importância dada a esse setor nesse momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa sofreu alterações devido a chega da pandemia causada pela descoberta da COVID-19. Por ser professora da rede estadual de Santa Catarina, a pesquisa inicial foi reformulada, pois, as atividades de mestranda e de professora foram repentinamente alteradas. Sendo assim a motivação de pesquisa passou a ser a pandemia, e suas intercorrências na educação. Pareceu necessário o registro desse momento excepcional, o qual afetou várias áreas, não foi apenas uma urgência sanitária. A educação atendendo a exigência do isolamento social foi realizada quase inteiramente de forma virtual, foi entendida como um dado histórico, e merecedor de análise. Isso posto, a questão de pesquisa passou a ser as percepções dos alunos de Ensino Médio de uma Escola da rede estadual de Santa Catarina sobre o uso de plataformas digitais no período da pandemia de coronavírus. Para coletar dados foram aplicados questionários via Google *Forms*, e estes formaram o sumo analisado neste trabalho.

Além da questão motivadora objetivos foram lançados como norteadores e eles compuseram os capítulos desta dissertação. Cumprindo com estes objetivos a pesquisa fez um levante bibliográfico sobre educação, a reorganização das escolas diante da pandemia, com foco na rede estadual de ensino de Santa Catarina, apontou como as tecnologias e internet tem ganho espaço na educação. E como objetivo central se deu a análise das percepções dos estudantes sobre o ano letivo de 2020 e uso da plataforma Google Sala de Aula - *Classroom* para a continuidade das aulas. Cumprindo, desta forma, com os objetivos traçados pera este trabalho.

Levantou-se nesta pesquisa o debate sobre as questões mais recentes a permear a educação, sendo perceptível no Brasil a existência de uma prática ainda voltada a responder aos preceitos institucionais, uma educação que se volta para a transmissão de conteúdo, subjugando outras possibilidades do fazer pedagógico. Passando a escola, consequentemente os professores a serem questionados quanto a sua atuação e função. A bibliografia demonstrou ser a educação no Brasil carente de soluções para antigos problemas, como as desigualdades, o

cumprimento de políticas públicas e a universalização do acesso a educação. Temas estes debatidos no primeiro capítulo.

A entrada do século XXI fez emergir relações mediadas pelas tecnologias, com a escola não foi diferente. Os usos das tecnologias e da internet tardou a adentrar o ambiente escolar, mas a pandemia quebrou esta barreira, abruptamente a escola passou a funcionar de forma virtual. Há possibilidades neste processo, como a criação de conteúdo para e por professores, oferecer novas dinâmicas para trabalhar os temas propostos. A internet e sua relação com a educação ainda apresentam seus excessos como situações de exposição, bullying, e violência para com alunos e professores. Transformar a sala de aula como possibilidade de se tornar nicho de mercado como páginas e canais, são questões descritas no segundo capítulo.

Tendo feito este panorama sobre a relação educação e tecnologia e a pandemia atravessado essa relação. Foi traçado como forma de avaliar estes temas a forma como os estudantes percebem estas questões, então no terceiro capítulo fez-se a análise dos questionários aplicados, obtendo-se significativas contribuições advindas dos jovens matriculados na Escola de Ensino Médio Manuel da Nóbrega. E baseado nas respostas muitas reflexões são possíveis de serem realizadas e deixam, estes jovens registrados, alguns desafios a serem enfrentados por quem trabalha na educação e por pesquisadores que se debruçam sobre os temas.

Por meio dos relatos destes jovens verifica-se o que fora debatido pela bibliografia, a educação brasileira é marcada pela desigualdade, sendo a pandemia, fator intensificador destes processos. Pois, por meio dos dados da escola, e da Pesquisa TIC Domicílio, o acesso a internet, impediram muitos jovens no acompanhamento e conclusão de seu ano letivo. A escola pesquisada teve um índice alto de desistência de 1058 matrículas, são 60 alunos desistentes praticamente duas turmas. Agravando esse quadro são 80 alunos reprovados, isto é, em média três turmas reprovadas, e mais de 100 alunos foram encaminhados ao Programa Busca Ativa por não realizar as atividades propostas ao longo da pandemia. Dados esses comparados com o Censo Escolar de 2020, demonstram o quanto Santa Catarina teve percentuais elevados em relação a estes índices, demonstrando ser o ensino remoto ineficaz quanto ao desenvolvimento da educação no estado. Podendo atribuir esse cenário a forma como Santa Catarina organizou as

aulas em caráter remoto, e ter adotado apenas a plataforma Google Sala de Aula como mecanismo de realização das aulas, e ter responsabilizado as escolas e professores por todo o processo de realização das aulas, produção de materiais e acompanhamento dos estudantes. Some-se a este fato, o descompasso existente em todo país, pois, cada unidade da federação respondeu ao momento pandêmico de diferentes maneiras, desta forma, intensifica-se as disparidades regionais, Santa Catarina demonstra isso.

Salas informatizadas, lousas digitais, sistemas para registros de notas e documentos das escolas, sistemas de segurança são iniciativas governamentais com intuito de realizar a inserção da escola no mundo tecnológico. Mas, conforme demonstrou a pesquisa isso não significou garantia de acesso, e melhoria na aprendizagem ao longo da pandemia. Os depoimentos dos estudantes revelam as dificuldades no acompanhamento das aulas, a atomização na realização das atividades gerando dúvidas, angústias e a repulsa quanto ao ensino remoto. A opção por essa modalidade de ensino tendo sido tomada como medida emergencial, sem preparo, sem participação, com intuito de cumprir o calendário letivo sem refletir sobre a qualidade da modalidade ofertada, pode ser a razão pela qual os alunos relatam o seu baixo entusiasmo com a aprendizagem. Dado apontado pela escola e pelo questionário ao perceber o aumento significativo de alunos a optar pelo material impresso. Aqui não se questiona a necessidade do isolamento social, e sim a forma como se realizou adoção do ensino remoto em Santa Catarina.

Os relatos ainda permitem trazer ao debate como os estudantes são saudosos quanto as aulas presenciais, ressaltando a falta da convivência. A volta as aulas, é percebida como importante pelas experiências e vivências que o espaço escolar proporciona. Reforçando ser para os jovens a escola uma experiência que extrapola a sala de aula, nesta pesquisa a escola inclusive ocupa papel central nas atividades realizadas por este grupo. Como espaço de socialização, das relações sociais e da convivência a escola é valorizada e reconhecida.

Pouco entendimento dos temas trabalhados pelos professores, realização das atividades de forma isolada, dificuldades no manuseio da plataforma, a quantidade de materiais, conteúdos, avaliações e dúvidas não sanadas foram alguns desafios destacados pelos entrevistados. Demonstrando, os debates desenvolvidos pelas bibliografias aqui mencionadas. Quando Han (2018) alerta sobre o cansaço causado

pelo excesso, do indivíduo agora cobrado por ele mesmo quanto ao seu desempenho, a atomização da vida e quanto isso tem impactado emocionalmente a sociedade, são considerações válidas e necessárias para o presente, evidenciados pelos relatos aqui expostos. São desafios para educação. Da mesma forma Paula Sibilia (2012) procura explicitar quanto a escola tem sido tensionada por ainda operar em modo analógico, respondendo aos valores modernos e os jovens que frequentam esta instituição possuem outras visões sobre o papel do professor, da própria escola e de como deve ocorrer a forma de ensinar. Arroyo (2018) contribui para o debate ao afirmar ser a educação brasileira ainda promotora de invisibilidades, logo desumanizadora.

Destaca-se aqui, como necessidade de maior aprofundamento por futuras pesquisas o debate sobre as emoções tão cristalino nos relatos dos estudantes. Repetidas vezes palavras como ansiedade, choro, dificuldade, medo, apareceram como forma de descrever o que viveram estes jovens em 2020 em seu percurso formativo. São circunstâncias do isolamento, mas também, são marcas que os acompanharão.

Santa Catarina retomou as aulas presenciais em fevereiro de 2021, as turmas foram divididas em dois grupos. Cada semana um grupo frequentava as aulas. Tornou-se reclamação comum nas salas dos professores o silêncio dos alunos. Há pouca participação durante as aulas, não se ouve conversas corriqueiras pelos corredores, nem mesmo as aulas como de educação física tem o mesmo som. Muitos questionamentos sobre esse comportamento foram sendo postos pelos professores, o distanciamento entre as carteiras, as filas para entrada e saída da escola também com distanciamento, o momento do intervalo com regras sobre como deve ocorrer o momento de descontração, ou a impossibilidade de realizar atividades em grupo. Chama a atenção de professores o quanto o momento de tomar água é curioso, pois, professores e alunos querem conhecer o rosto atrás da máscara. Alguns fatores que merecem ser aqui colocados para a reflexão, e já inquietam professores, mas talvez sejam as marcas de um ano de isolamento, da impossibilidade da convivência, ou ainda outros aspectos não identificados por esta pesquisa.

Estudar, pesquisar e buscar compreender sobre tempos excepcionais é necessário, estes tempos são reveladores de questões já existentes, mas situações

como a pandemia fazem transparecer estas questões, elas saltam aos olhos. Como neste trabalho, questões como desigualdade, tecnologia, relações de poder, educação, aprendizagens, temas a circundar pesquisas, debates, discursos, no entanto, a pandemia deu novo significado e reforçou suas importâncias. Sobremaneira, a pandemia fez emergir e evidenciou os ausentes, concorda-se nesse sentido com Boaventura de Sousa Santos, ser a pandemia uma professora. Tome-se as lições deixadas por ela, e na excepcionalidade deste momento, que consigamos compreender e possamos lançar luz sobre quem, por ela, foi atingido, podendo nos munir aos desafios que ficarão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam (coord); VALVERDE, Danielle Oliveira; Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO, 2006.

AMARAL, Adriana; FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel. Métodos de Pesquisa para Internet. Sulina: Porto Alegre, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual? Revista educação & sociedade, v. 39, p. 1098-1117, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. A vida líquida. Zahar: Rio de Janeiro, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. Internet: o ódio que suspende a ética. 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/551291-internet-o-odio-que-suspende-a-etica-artigo-de-zygmunt-bauman. Acesso em: Jul. 2017.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica. Editora Zouk: Porto Alegre, 2014.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. A Reprodução Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 7º ed, 2014.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. Os Herdeiros os Estudantes e a Cultura. Ed. UFSC: Florianópolis, 2018, 2º edição.

BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 11ª ed, 2011.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. Ensinar Sociologia Fazendo Sociologia: Memórias E Notas De Uma Pessoa Que Aprende, Ensina E Ensina A Ensinar Ciências Sociais. Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL. Edição Nº. 11, Vol. 1, jan./dez. 2021. ISSN 2317-9961. Inserida em: http://www.uel.br/revistas/lenpespibid/

CANÁRIO, Rui. A Escola ainda tem futuro? Das promessas as incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet, reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Zahar: Rio de Janeiro, 2003.

CHARLOT, Bernard. *In* VALVERDE, Danielle Oliveira; ABRAMOVAY, Miriam (coord). Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO, 2006.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em Pesquisa de Campo. In GUIMARAES, Alba Zaluar (org). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: livraria Francisco Alves Editora S.A. 1980.

COSTA, Rogério. Sociedade do Controle. São Paulo e Perspectiva. vol.18 no.1 São Paulo Jan./Mar. 161-167, 2004.

DA SILVA, Rosane L.; NICHEL, Andressa, MARTINS, Anna Clara L.; BORCHARDT, Carlise K.. Discursos de Ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. Revista Direito GV. Vol 7, nº 2. jul/dez,2011. Acesso em 20/09/2017 http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1808-24322011000200004&script=sci_abstract&tlng=pt

DEBARBIEUX, Éric. Desafios e alternativas: violências nas escolas. Brasília: UNESCO: UNDP, 2003.

DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, 2ª ed.

DESLAUREIS, Jean-Pierre; KERISIT, Michele. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: VVAA. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008

DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. Atlas: São Paulo, 1989.

DURKHEIM. E. Educação e sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ESTEVES, Bernardo. O algoritmo da ágora a política dos extremos no Youtube. Revista Piauí, edição 160, 2020. Disponível: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-algoritmo-da-agora/. Acesso em: Fevereiro de 2020.

FOUCAULT, Michel A Ordem do Discurso. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Vozes: Petrópolis, ed 40, 2012.

FREITAS, Riva S.; CASTRO, Matheus F. de. Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. Sequência, Florianópolis. N.66, p. 327-355, jul. 2013.

GIDDENS, Anthony. As Consequências da Modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0021.pdf.

HAN, Byung-Chul. No Enxame Perspectivas do Digital. Petrópolis: Editora vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Editora Vozes: Petrópolis, 2ª ed, 2017.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Dos Meios as Mediações comunicação, cultura e hegemonia. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, 7ª edição, 2013.

MELLUCI, Alberto. Por uma sociologia reflexiva – Pesquisa Qualitativa e Cultura. Rio de Janeira: Ed. Vozes, 2005.

MOSCOSO, André. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EFbnipL_qHU Acesso em: Janeiro de 2020.

NASCIMENTO, Valeria R.; TREIN, Aline; SOUZA, Lucas S. de. República.Com: Reflexões a partir de Cass Sunstein. In: Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede, 2, 2013, Santa Maria, Anais do 2º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede http://www.ufsm.br/congressodireito/anais. Santa Maria, jan/ 2013.

PALFREY, John. URS, Gasser. Nascidos na era Digital: Entendendo a primeira geração de Nativos Digitais. Grupo A: Porto Alegre, 2011.

RECUERO, R; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão". Galaxia (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Sulina: Porto Alegre, 2018, 2º edição.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra: Editora Almedina, 2020.

SANTOS, Catarina de Almeida. Educação a Distância: tensões entre expansão e Qualidade. *In*: CASSIO, Fernando (org) Educação contra a Barbárie. São Paulo: Boitempo, 2019.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. Sociologia da socialização: novos aportes teóricos. São Paulo: FEUSP, 2018.

SIBILIA, Paula. Redes ou Paredes A Escola em Tempos de Dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Lucvan. Manual de investigação em Ciências Sociais. LISBOA: GRADIVA, 1992.

MATERIAIS JORNALISTICOS

BOM DIA RIO. Professor agredido em sala de aula no RJ diz que chegou a pedir ajuda, mas não teve apoio, G1, 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/21/professor-agredido-em-sala-de-aula-no-rj-diz-que-chegou-a-pedir-ajuda.ghtml Acesso em : agosto/2020

BERNARDO, André. 'Fui agredido em sala de aula': 3 professores contam histórias de violência, trauma e decepção. BBC News Brasil, 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49301295 Acesso em: agosto/ 2020

VIGGIANO, Giuliana. "O futuro não parece bom para o Brasil", diz estudioso DE massacres nos EUA. Galileu, 2019. Disponível em https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/12/o-futuro-nao-parece-bom-para-o-brasil-diz-estudioso-de-massacres-nos-eua.html Acesso em: jul/2020

ROSA, Ana Beatriz. Deep web e chans: envolvimento de assassinos de Suzano na internet é investigado, Post Brasil, 2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/deep-web-suzano-assassinos-dogolachan_br_5c8abd51e4b0db7da9f0fd20 Acesso em: jul/2020

Columbine, Realengo e Suzano, os mais sangrentos massacres nas escolas de Brasil e EUA. El País, 2019. Disponível em:https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/internacional/1552503550_809750.html Acesso em: agosto/2020

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Questão 1 - Idade

14

15

16

17

18

19 ou mais

Questão 2 - Turno que estuda

Matutino

Vespertino

Noturno

Ensino Inovador

Questão 3 - Série

Primeira

Segunda

Terceira

Magistério

Questão 4 - Gênero

Masculino

Feminino

Outro

Questão 5 - Raça (questão aberta)

Questão 6- Com quem você mora? (questão aberta)

Questão 7 – Quantas pessoas residem em sua casa? (questão aberta)

Questão 8 – Como a pandemia afetou sua família? (questão aberta)

Questão 9 – Qual a condição de acesso à internet?

Pacote de dados no celular

Internet Banda Larga

Internet Fibra Ótica

Internet Rural

Uso a internet de familiar, vizinho ou colega

Não possuo Internet

Questão 10 - Em relação as aulas no período da pandemia você tem utilizado qual mecanismo?

Busco material impresso na escola e devolvo as atividades na escola

Busco material na escola, mas respondo as atividades no Google Classroom

Utilizo o Google Classroom no celular

Utilizo o Google Classroom no computador

Questão 11 - Sobre o domínio da plataforma Google Classroom

No início das aulas encontrei dificuldades agora tenho facilidade no uso do Google Classroom

Domínio bem a plataforma

Tenho algumas dificuldades, mas tenho me saído bem

Sempre tenho dúvidas em como utilizar as ferramentas do Google Classroom

Não domino

Questão 12 - Em relação ao uso do Google Classroom no período da pandemia você considera esta experiência:

Excelente

Boa

Razoável

Ruim

Questão 13 - Você utiliza outras ferramentas da internet para estudar?

Sim

Não

Questão 14 - Cite alguns sites, páginas, canais ou outras ferramentas que utiliza ao estudar. (questão aberta)

Questão 15 - Quanto tempo você dedica para realização das atividades, pesquisa e busca na internet?

0 a 2 horas por dia

2 a 4 horas por dia

4 horas ou mais

Não sei mensurar quanto tempo me dedico as aulas

Questão 16 - Sua turma organizou grupos ou espaços virtuais para auxiliar os colegas durante as aulas no período da pandemia?

Sim, temos grupo de whatsapp

Sim, fazemos vídeo chamadas

Converso apenas com alguns colegas da turma sobre as aulas

Não há iniciativa deste tipo por parte da minha turma

Realizo as minhas atividades escolares sozinho

Questão 17 - Sobre os materiais elaborados pelos professores você considera:

Excelente

Boa

Razoável

Ruim

Questão 18 - Considera ter compreendido os conteúdos trabalhados pelos professores no período da pandemia?

Sim

Não

Alguns

Questão 19 - Quando surgiram dúvidas/dificuldades com quem procurou ajuda?

Professores

Colegas

Familiares

Amigos

Busco na internet

Questão 20 - Como você observa a atuação dos professores no contexto da pandemia?

Positiva

Negativa

Estão atuando de mesma forma quando aulas eram presenciais

Os professores têm dificuldades, mas tem conseguido realizar seu trabalho

*Nessa questão a espaço para comentários

Questão 21 - Sem citar nome, apenas a disciplina. Você destacaria a atuação de algum professor nesse período de pandemia? Quais os diferenciais do trabalho deste professor?

Questão 22 - Como você se comunica com os professores?

Pelo Google Classroom

Envio mensagens pelo whatsapp

Por e-mail

Utilizo mais de uma das opções anteriores

Minha comunicação com os professores se dá por intermédio da direção da escola

Não tenho me comunicado com os professores

Questão 23 - No início da pandemia, como se sentiu em relação a adoção da Plataforma Google Classroom?

Minhas expectativas eram altas

Me senti empolgado com o retorno das aulas utilizando a internet

Minhas expectativas eram baixas

Não me senti confortável

Naquele momento não sabia o que esperar

Questão 24 - Hoje, após meses de aula utilizando a Plataforma Google Classroom como se sente?

Gosto da plataforma

Gosto tenho facilidade

Gosto, mas tenho me sentido cansado

Não gosto da plataforma

Não gosto, tenho dificuldades

Não gosto das aulas remotas

Questão 25 - Como você tem se organizado em relação as atividades no Google Classroom

Me organizo bem, e minhas atividades são entregues nas datas previstas

Tento me organizar, e consigo entregar algumas atividades na data prevista

Não me organizo bem, tenho muitas atividades atrasadas

Por diversos motivos, entreguei poucas ou nenhuma atividade até o momento

Recebo material impresso, tenho entregue as atividades nas datas previstas

Recebo material impresso, atraso para entregar as atividades

Questão 26 - Você prioriza alguma disciplina no momento de realizar as atividades solicitadas?

Sim

Não

Questão 27 - Em caso afirmativo, elenque por ordem de prioridade as TRÊS disciplinas que considera mais importante na conclusão de suas atividades

Questão 28 – Na sua casa há um espaço adequado para estudar?

Sim

Não

Questão 29 – Costumeiramente qual lugar da casa você costuma estudar? (questão aberta)

Questão 30 – Durante a pandemia você realizou alguma atividade remunerada?

Sim

Não

Questão 31 - Quais outras atividades realiza além da escola?

Cursos em geral (línguas, técnico, etc)

Encontrar com os amigos

Esportes

Jogar online com os amigos

Frequento a Igreja

Aulas de música

Outras atividades

Não realizo nenhuma atividade além da escola

Questão 32 - No espaço abaixo apresente suas impressões, comentários e sentimentos sobre como foi a experiência das aulas no período da pandemia. (questão aberta)